

Raquel Thomaz de Andrade

**Percursos de memórias
femininas:
uma análise da escrita íntima
de mulheres no papel e no digital**

Fortaleza
2007

Índice

Introdução	9
1 A emergência da interioridade e suas representações femininas	13
1.1 Relatos íntimos na linha tênue entre o público e privado	16
1.1.1 A personalidade no âmbito público	21
1.1.2 O público e o privado nos relatos íntimos . . .	23
1.2 A relação entre o confinamento feminino e os diários íntimos	24
1.2.1 A legitimação da natureza privada da mulher .	26
1.2.2 O diário feminino no século XX	30
1.3 A mulher sob as próprias letras	31
1.3.1 Espelho de qual eu?	33
1.3.2 Escrever para quem?	36
2 A vida íntima sob o olhar público	39
2.1 A voz da mulher nos movimentos feministas	42
2.1.1 Breve contextualização da luta feminista	44
2.1.2 O <i>boom</i> dos escritos memorialísticos nas décadas de 1970 e 80	48
2.2 Do papel, às telas do computador: um novo espaço para a intimidade	50
2.2.1 As rupturas do novo suporte	51
2.2.2 A mulher no ciberdiarismo	56
2.3 Entre a auto-afirmação e o narcisismo	61
2.3.1 As performances identitárias nos <i>ciberdiários</i> .	63
2.3.2 O tempo presente e a memória	64

3	Diálogo consigo, diálogo com os outros	67
3.1	Do mosaico ao coeso: a construção de identidades femininas através de fragmentos	70
3.1.1	Em busca de um olhar sobre si	73
3.1.2	A identidade através do olhar do outro	78
3.2	A construção da memória entre o público e privado . .	84
3.2.1	Viver <i>versus</i> relatar as memórias	85
3.2.2	Diário e <i>weblog</i> como autobiografemas	87
3.3	Possibilidades de reconstrução do eu	91
3.3.1	O corpo na escrita feminina	96
3.3.2	Escrever para questionar e incorporar valores .	100
	Considerações finais	105
	Referências bibliográficas	109
	Anexos	115

*Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da
Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do
grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo,
sob a orientação do Prof. Ronaldo Salgado.*

Agradecimentos

À minha mãe, pelo amor e carinho incondicionais demonstrados durante toda a minha vida e pelos exemplos que me fizeram ser quem sou.

Ao meu pai, por sempre me ajudar sem hesitação e sem o qual não poderia ter chegado até aqui.

À minha irmã, parte de mim sem a qual não conseguiria existir, com quem compartilho minha alma e minha vida.

Ao meu irmão, pelos constantes exemplos de caráter e por sempre me mostrar a grande pessoa que é.

Aos meus avós, a quem devo minha criação e parte dos meus princípios, pelos os incontáveis auxílios.

A Rodrigo, meu amor, pelo companheirismo, incentivo, ajuda e paciência que teve nesses últimos meses de angústias.

Ao professor Ronaldo Salgado, pessoa pela qual nutro uma admiração imensa, pela atenção constante, as críticas e o cuidado que teve com este trabalho.

A Raquel, com quem sempre posso contar, por 17 anos de amizade e por parte das minhas melhores lembranças.

Aos amigos com os quais cruzei nesses últimos quatro anos:

A Andressa, pelas conversas sobre o tudo e sobre o nada, pessoa com quem me identifico e tenho sorte e orgulho de considerar minha amiga.

A Milena, pois sem a constante implicância esses últimos anos não seriam tão divertidos.

A amizade dos outros colegas:, Zé Bruno (e também pela boa vontade em fazer a capa deste trabalho) Angélica, Bruno Vasconcelos, Samara, Diógenes, Abel, Bruno Fantine, Bruno Pontes, Bruna, Gabi, Alessandra, Marcelino, Rute, Marina, Pedro, Jerfson, Diego e Max.

Aos colegas da Rádio Universitária pela compreensão frente às ausências que me possibilitaram a conclusão do trabalho.

A Bárbara, pela confiança e ajuda, e a Alessandra Félix, sem as quais esse trabalho não teria sido feito.

Resumo

Diante da crescente popularidade de produções culturais com afeição pelo que remete a “vida real” e das possibilidades que as tecnologias do ciberespaço oferecem, assistiu-se a uma emergência de páginas pessoais com uma narração auto-referente e confessional ao estilo de diários antigos, que eram guardados a sete chaves. O escopo do presente trabalho é tecer uma análise acerca da escrita memorialística feminina, tendo como objeto de estudo um diário anônimo escrito no começo da década de 1980 e o *weblog Licor de Marula com Flocos de Milhos Açucarados*. A escolha de uma abordagem restrita à escrita feminina se deve ao fato da mulher estar historicamente ligada à esfera privada e por poucas vezes ter tido direito a uma voz pública. Ao mesmo tempo em que não tinha voz, a imagem da mulher foi e é dicotomizada como anjo ou demônio por mitos, religiões e até mesmo por “verdades” científicas. Portanto, esta pesquisa busca apreender de que forma a mulher constrói as próprias imagens de forma privada e pública. Para isso, ao longo do trabalho serão abordados a relação do confinamento feminino com a escrita íntima, o papel dos movimentos feministas na publicização das memórias de mulheres e as construções identitárias feita no diário anônimo e no *weblog* analisado. Nos dois relatos, as autoras falam sobre o cotidiano, as angústias e inquietações, tecendo imagens complexas e multifacetadas, mas não maniqueístas e ambíguas, logo, a apreensão de como essas auto-representações são construídas será fundamental para essa pesquisa. Caberá também buscar compreender quais transformações ocorreram para que um gênero, secreto por definição, se tornasse público. Partindo do pressuposto que a escrita íntima funciona como um refúgio do eu, nesta apreciação também é almejado entender por quais mudanças este refúgio passou a partir do momento em que a escrita foi destinada a uma larga audiência, e não apenas a um caderno escondido dentro do armário.

Palavras-chaves: Memórias, gênero, público/privado, diário, *weblog*.

Introdução

Guardados dentro de um armário ou em gavetas empoeiradas, os antigos diários, muitas vezes esquecidos, voltaram a despertar interesse no imaginário coletivo, basta um rápido olhar pelas livrarias para perceber a efervescência das publicações de autobiografias e memórias nos últimos anos. O interesse pela escrita de si e pelos produtos culturais que remetem à “vida real” também pode ser refletido com o aumento de produções como biografias, *reality-shows* e cinebiografias, as quais refletem cada vez mais o quanto aspectos da vida íntima estão entrando para esfera pública, na maioria das vezes trajadas sob forma de mercadoria.

As possibilidades oferecidas pelas tecnologias do ciberespaço permitem a qualquer um que tenha acesso à rede a chance de publicizar sua vida pessoal. Com isso crescem a cada dia o número de *weblogs*, *fotologs* e comunidades de relacionamento permitindo aos usuários da internet os 15 minutos de fama profetizados por Andy Wahrol.

Foram essas constatações que despertaram meu interesse para fazer uma pesquisa sobre diários e *weblogs*. Mas ao longo das leituras e das procuras de fontes cheguei a outras constatações: embora a prática diarística seja usualmente ligada às mulheres, o número de diários publicados por homens é bem maior. A partir de então, resolvi me restringir às memórias femininas, pelo fato de a mulher estar historicamente circunscrita ao âmbito privado, portanto, seus relatos íntimos dificilmente ganharam alcance público.

Portanto, é curioso também observar quais os usos que as mulheres fazem do ciberespaço, pois, com as possibilidades abertas por esse novo gênero, surgiu para mulher um novo espaço de expressão, algo que lhe foi renegado. E por que um gênero antes secreto por definição adaptou-se tão bem ao meio onde a publicização é inerente?

Para tentar responder essas questões, este trabalho se propõe a analisar um diário íntimo anônimo, escrito de outubro a dezembro de 1983, e um *weblog* existente desde outubro de 2002. O diário, inscrito num caderno fino, em meio a contos e fichamentos de estudos da autora, a quem chamarei de Bárbara, trata do cotidiano, do fim de um relacionamento amoroso, da preparação para um mestrado em Antropologia, dos sonhos e das expectativas para o futuro. Em função do curto período de duração desse caderno de memórias, o analisarei por completo.

Já o *weblog* escolhido se chama *Licor de Marula com Flocos de Milhos Açucarados* e é escrito pela paulistana Alessandra Félix de 33 anos. O ciberdiário abrange comentários sobre a vida cotidiana, relatos de memórias da autora e textos que percorrem a ficção e a realidade. Como o ciberdiário tem mais de mil textos publicados, decidi concentrar a análise apenas no primeiro ano, dos meses de outubro de 2002 à outubro de 2003.

Antes de mergulhar mais profundamente nesses dois registros de memórias, no primeiro capítulo do trabalho, vai ser abordada a relação entre a emergência da interioridade e a prática da escrita diarística. Também será observada a maneira pela qual os relatos íntimos se inserem nas fronteiras entre as esferas pública e a privada. Outros pontos essenciais do capítulo será relacionar o confinamento feminino com a escrita das memórias femininas e de que forma a mulher pode se representar ao contar a própria história.

O segundo capítulo será restrito à abordagem das manifestações de relatos da vida íntima diante do olhar público. Uma questão que será levantada é o papel dos movimentos feministas na publicação de memórias de mulheres. O capítulo também se destinará a tratar dos novos espaços para relatos de intimidade que se instauraram com o surgimento do ciberespaço. Até que ponto essas manifestações da vida privada são produtos de um narcisismo contemporâneo ou um meio para a autoafirmação da condição feminina?

Embora os dois primeiros capítulos já tragam menções aos objetos estudados no trabalho, é somente no terceiro que vou tecer uma análise mais profunda dos escritos de Bárbara e Alessandra. O que se enfatizará serão as representações das identidades das autoras, construídas através da fragmentação dos textos memorialísticos. Outros pontos levantados serão a forma pela qual a memória é desenvolvida nesses dois suportes

diferentes e a possibilidade oferecida pela escrita para a reconstrução de um eu.

Mais importante do que focar a vida pessoal das duas autoras, será observar as construções identitárias produzidas nos dois suportes e de que forma Bárbara e Alessandra se auto-representam através da escrita. Um dos objetivos deste trabalho é buscar apreender que tipo de representações se sobressaem através dos usos da escrita íntima, na forma pública e privada, feitos por essas duas mulheres.

Capítulo 1

A emergência da interioridade e suas representações femininas

“Querido diário”: a expressão, mais repetida em obras de ficção do que em livros de memórias, evoca uma imagem romântica, onde letras desenhadas sob um papel amarelado revelariam sensações e segredos íntimos. Da curiosidade relacionada aos mistérios do eu, criam-se representações sob as quais apóiam-se determinados arquétipos: alguém, provavelmente do sexo feminino, que contaria sem reservas as dores e os prazeres da existência.

Por trás dos lugares comuns, as memórias têm despertado interesse, não apenas pela possibilidade de examinar e conhecer aspectos da vida cotidiana do passado, mas também para observar as diversas construções de si¹ feitas pelos próprios autores. Isto pode ser comprovado pelo *boom* de publicações de livros de caráter autobiográfico, experimentado pelo mercado editorial. O que também atesta o fascínio gerado pelas produções culturais que remetem à “vida real”.

Esse interesse não está restrito a um determinado público leigo e

¹ Ao longo do trabalho, prefiro usar os termos como “escrita de si” e “construção de si”, com a mesma acepção da historiadora Ângela Gomes (2004). “Isso porque a escrita de si assume a subjetividade do seu autor como dimensão integrante da linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’. Ou seja, toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito verdade’ – como a literatura tem designado –, que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões ‘íntimas e profundas’ do indivíduo que assume sua autora.” (GOMES, 2004, p 14 -5)

ávido por histórias acerca da vida alheia. A construção de si é alvo de estudos tanto da crítica literária, quanto de historiadores e cientistas sociais. Pois os cadernos de memórias surgem como um novo espaço de investigação, onde a presença da mulher e dos chamados homens “comuns” não é negada. (GOMES, 2004).

A escrita de diários íntimos pode ser apontada como um dos primeiros registros documentados de um olhar sobre si. Esses olhares desenhavam histórias de sentimentos, reflexos da memória e imagens vividas. A partir das palavras escritas nos livros de memórias, permitiu-se percorrer o caminho para encontrar o que chamamos de “interioridade humana”.

Vale ressaltar, como nos lembra o historiador Braustein (1992), que não se pode negar a consciência de si e da vida privada apenas pela falta de fontes escritas. Portanto, não é pelo fato de a prática da escrita de si ter sido rara, que não se pensava sobre o próprio eu. Mas também não se podem negar as mudanças científicas e culturais engendradas nos séculos XVIII e XIX, época em que a escrita de memórias encontrou popularidade.

A descoberta de Freud sobre a natureza do inconsciente, o fortalecimento da demarcação entre as fronteiras do público e privado e as transformações de caráter econômico e político pelas quais o mundo ocidental passava, certamente, contribuíram para uma valorização do eu. Isto não fica claro apenas nos diários e livros de memórias catalogados da época. Outras produções culturais como os romances burgueses, adotaram novas linguagens. Até então, os estilos literários de ficção abordavam questões coletivas influenciadas por mitologias, lendas e acontecimentos históricos, mas os folhetins substituíam essa tradição por uma orientação individualizada. “A trama então envolve pessoas específicas em condições particulares e não mais, como antes, tipos humanos genéricos atuando em cenários determinados pela convenção literária.” (Telles, 2006 p 402)

Enquanto o interior humano era reencantado², nos romances, nas ciências e nas próprias práticas de escritas de si, seja na forma epistolar,

² Em uma entrevista concedida em agosto de 2003 ao psicólogo Sergio Gomes da Silva, o psicanalista Jurandir Freire Costa faz uma análise interessante do conceito de desencantamento do mundo de Max Weber. Costa afirma que se antes o mundo era o lugar do maravilhoso, do sobrenatural, a partir do momento em que o capitalismo e o

em diários ou em autobiografias, à mulher também foi dada oportunidade de contar a própria história, mesmo que apenas para si mesma. O que não significou que elas seriam ouvidas. Dicotomizada desde tempos antigos ora como santa, ora como pecado/pecadora, a representação feminina em diversas produções culturais, raramente, desenha uma mulher multidimensional.

Se no célebre romance *Crime e Castigo* o escritor russo Fiodor Dostoiévski traça um estudo psicológico impecável sobre a culpa de Rasnikólv frente a um duplo homicídio, o mesmo não pode dizer sobre a descrição de Sônia Semionovna, personagem feminina de mais importância no romance. Destinada ao sofrimento e à passividade, à Sônia coube apenas servir de ponte para a redenção do anti-herói.

Quando representada de forma mais complexa, a mulher é travestida com a máscara de enigma, como a ambígua e inquieta Capitu de Machado de Assis. Mesmo notáveis estudiosos do inconsciente humano³ encontraram dificuldades em descrever a interioridade feminina.

Ao fazer uma pesquisa minuciosa sobre a escrita memorialista de mulheres, Maria José Mota Viana, procura caracterizar as representações femininas ao longo da história.

... reservam-se para a mulher características ditas naturais, como passividade, submissão, fragilidade, menor capacidade de raciocínio e maior emotividade. Essas características ao serem ora aceitas, ora rejeitadas pela mulher, contribuíram para fazer delas o lugar do paradoxo. Se as aceitava, estava cumprindo a contento o papel de abrigo divino, lugar de repouso do desejo do outro, corpo afeito à doação, abnegação, renúncia e passividade. Objeto identificado e identificável via o desejo do outro. Por outro lado, se renunciava àquelas características, chamadas naturais pela cultura de uma civilização marcadamente falocrática, a mulher tornava-se o abrigo do diabólico, o liame entre a terra e os infernos, refúgio e esconderijo das perversões prontas a se revelarem no gozo *ad-infinitum* e na pulsão da morte (VIANA, 1995, p13)

protestantismo foram se engendrando na sociedade, o encantado passou para o âmbito dos sentimentos e das subjetividades do homem.

³ Freud e Lacan descreveram a mulher como “enigma insolúvel” e “significante do qual é o próprio ser o único que pode significar nada”, respectivamente. (*apud* VIANA, p13)

Diários, memórias e relatos de mulheres, portanto, servem como fontes valiosas para as ciências humanas abordarem a questão de gênero. Mesmo que no próprio discurso feminino, a figura da mulher também esteja diversas vezes imbuída destes mesmos (pre)conceitos citados acima⁴. Afinal, as pessoas do sexo masculino não são as únicas vulneráveis a considerar as construções sócio-culturais acerca das imagens de gênero como naturais.

Não compete a esta pesquisa traçar abordagens psicológicas acerca da subjetividade de memórias femininas. As linhas que se seguem pretendem fazer uma breve contextualização sócio-cultural da relação entre a escrita de si, a emergência da individualidade e as representações dessas interioridades femininas praticadas pelas próprias mulheres.

1.1 Relatos íntimos na linha tênue entre o público e privado

Em uma carta endereçada ao compositor mexicano Carlos Chaves, a artista plástica Frida Kahlo fala sobre o estilo das suas telas, afirmando que nunca seguiu nenhuma escola ou influência de outros pintores. As sensações pessoais e as suas vicissitudes íntimas, sim, seriam as matérias-primas e as instâncias motivadoras da arte de Kahlo. Em seus quadros, a pintora se expõe, ora se auto-representando como uma mulher forte e poderosa, ora despindo-se da imagem de mulher olímpica para traçar um retrato com a crueza das suas fragilidades e mutilações físicas e psíquicas, em decorrência das dores e doenças ocasionadas pelos acidentes sofridos.

Uma vez que meus temas sempre foram minhas sensações e reações profundas que a vida tem causado dentro de mim, muitas vezes materializei tudo isso em retratos de mim mesma, que eram a coisa mais sincera e real que eu podia fazer para expressar o que eu sentia a meu respeito e a respeito do que eu tinha diante de mim. (KAHLO, 2002, p 105-6)

⁴ A historiadora Lísia Maria Vianna Possas (2004) fez uma análise das vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado. Em trechos das cartas, as mulheres demonstravam aceitar de bom grado o papel historicamente lhes conferido: de defesa conservadora de fundamentos cristãos da família brasileira.

Se na literatura a escrita íntima foi relegada ao papel de arte inferior⁵, o mesmo não se pode dizer dos relatos íntimos das telas de Kahlo. A pintora subverteu sentimentos interiores, trazendo-os ao olhar público através das suas telas. Despiu-se da fragilidade física aparente para mostrar a altivez enraizada em seu eu, sem com isso esconder as tragédias pessoais que nos forneceram algumas das imagens mais fortes do que se convencionou chamar de surrealismo. Ao transformar, de forma explícita, sensações e sentimentos em potenciais obras de arte, a pintora trouxe algo que estava circunscrito à vida íntima para o olhar do espectador, tráfegando, dessa forma, na fronteira entre as esferas privada e pública.

As dicotomias entre os espaços público e privado têm merecido estudos de diferentes pesquisadores em função das suas ambigüidades e das transformações pelos quais as significações dos termos passaram. Exemplos como as obras de Frida Kahlo, onde o que é privado confunde-se com o público, levaram estudiosos como Richard Sennett a analisarem quais as mudanças sócio-culturais e econômicas pelas quais o mundo ocidental passou.

No livro *O Declínio do Homem Público*, escrito no início da década de 1970, Sennett traça um panorama da história cultural dos últimos trezentos anos. Ele inicia a pesquisa a partir do século XVIII, época em que o conceito do que é público e privado adquiriu significados semelhantes ao dos que temos na contemporaneidade. “‘Público’ significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto ‘privado’ concernia numa região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos.” (SENNETT, 1998, p 30). Em seu estudo, o sociólogo busca explicação para o nascimento e o declínio da vida pública.

Sennett relata que, a partir da década de 1750, os indivíduos atribuíam papéis socialmente compreensíveis uns aos outros, sempre resguardando a vida íntima e a personalidade de cada um. Nos séculos anteriores ao Renascimento, no entanto, o equilíbrio entre o que era público e privado parecia ser ambíguo, em função das práticas da sociedade feudal. Para o historiador Georges Duby (1992) dos séculos XI a XIII o homem que tentasse isolar-se do convívio de seu clã era

⁵ Ver Shittine, Denise, *Blog: Comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

logo objeto de suspeita, era tido como um contestador ou herói, estando resguardado ao âmbito do estranho.

Quem se retirava a distância, com efeito, se não era deliberadamente para fazer o mal, estava destinado, a despeito de si mesmo, a fazê-lo inevitavelmente, por seu próprio isolamento que o tornava mais vulnerável aos ataques do inimigo. Só se expunham desse modo os desencaminhados, os possuídos os loucos: segundo a opinião comum, um dos sintomas da loucura era vagar sozinho. (DUBY, 1992, p. 504)

O culto ao isolamento e o equilíbrio entre as esferas do público e privado vieram somente com crescimento da vida urbana e com a ascensão da classe burguesa. Para Sennett (1998), a vida pública no meio urbano foi enfraquecendo em função do estrondoso aumento populacional das cidades européias, decorrente das migrações. Logo, o que era exterior ao ambiente doméstico tornava-se sinônimo de caos, promovendo a vida privada a um nível moralmente superior. O privado passou, então, a ser quase um sinônimo de felicidade.

Ao falar desse vertiginoso crescimento urbano, Sennett tinha como base os grandes centros da França e da Inglaterra, que pouco guardavam em comum com as raras cidades existentes no Brasil, na época um país estritamente rural, onde as relações de poder se centralizavam na figura dos grandes proprietários de terra. O Rio de Janeiro do século XVIII, por exemplo, é descrito pelo cronista Luis Edmundo (*apud* D’Incao, 2006) como um local sem organização ou regras sobre a ocupação dos espaços. As casas não exibiam demarcações definidas, como se não pertencessem a ninguém, e ruas eram usadas por todos os moradores, transparecendo a falta de limites entre o ambiente domiciliar e o público. Na época, as práticas da elite dos centros urbanos em pouco se diferenciava com os hábitos das pessoas das classes menos abastadas.

No Brasil, a passagem das relações sociais senhoriais para as relações sociais do tipo burguês se desenrolou somente no fim do século XIX e começo do XX, época em que as grandes cidades, especialmente o Rio de Janeiro e Olinda, passaram por um processo de modernização. O processo contou com planejamento e reformulações urbanas para dar aos ajuntamentos populacionais do país características “civilizadas”, encontradas em cidades européias. A rua, antes usada por

todos, passa a ser comandada pelas leis estatais e sua utilização sofre restrições. A proposta de copiar a “civilidade” francesa trouxe também a concepção europeia burguesa da oposição entre espaço público e privado. Em função do contraste nascido das novas definições dos usos do espaço público e privado, a valorização da vida privada e familiar da elite brasileira foi favorecida.

O desenvolvimento das cidades e da vida burguesa no século XIX influiu na disposição do espaço no interior da residência, tornando-a mais aconchegante; deixou ainda mais claros os limites entre a nova classe e o povo, permitindo um processo de privatização da família marcada pela valorização da intimidade. (D’Incao, 2006, p. 228)

O mesmo pode ser dito sobre a embrionária privacidade que nascia nas cidades cearenses, a partir da segunda metade do século XIX. Na obra *Entre paredes e bacamartes*, Otaviano Vieira Júnior (2004) faz um análise das casas e o uso social do espaço privado das famílias cearenses entre as décadas de 1780 e 1850. O autor conta que o crescimento do comércio exportador, aliado ao aumento do fluxo de capital e à entrada de costumes europeus trazidos para as casas de comércio em Fortaleza, estimulou uma incipiente transformação nos usos do espaço dos domicílios na atual capital cearense. A década de 1840 representou o ponto inicial das transformações de significados da relação entre família e o domicílio.

Com relação às implicações da sociedade burguesa nas definições dos espaços privados e públicos, a instituição familiar surge como elemento fundamental. O filósofo Jürgen Habermas (1984) atenta que a privacidade, no sentido moderno, surge engendrada na esfera íntima e atrelada ao núcleo familiar conjugal. Nascida em berço urbano, a burguesia, ao contrário da aristocracia europeia, encontrou na família um refúgio em relação ao vertiginoso crescimento das cidades, o qual cada dia tornava-se mais imprevisível frente às constantes migrações.

A nobreza cidadina especialmente a aristocracia da capital francesa, que dava o tom para o resto da Europa, continua, certamente a manter seu ‘trem da vida’ e menospreza a interioridade da vida familiar burguesa. A genealogia familiar ao mesmo

tempo herdeira dos privilégios, é garantida suficientemente só pelo nome; para isso não se exige sequer coabitação dos conjugues: estes, com freqüência, moram cada um no próprio 'hotel' e se encontram mais na área extra-familiar do salão do que no círculo da própria família (HABERMAS, 1984, p. 60)

A privatização da vida pôde ser observada nessa época pelas alterações do estilo arquitetônico das casas: salões destinados à convivência entre familiares e convidados da casa cederam lugar a inúmeros quartos decorados ao gosto de seus donos. A emergência da privacidade, durante o século XIX, também está atrelada à origem da escrita de si, seja na forma epistolar, seja nas produções de diários íntimos. Para Habermas (1984), a escrita tanto de cartas, quanto de cadernos de memória secretos, era destinada a uma posterior publicação, pois embora em posições ambivalentes, a esfera privada íntima sempre esteve intrincada ao âmbito público.

Cartas de outros não são apenas emprestadas, mas copiadas; várias correspondências são de antemão destinadas a serem impressas (...) Assim se explica, a partir da subjetividade das correspondências e dos diários direta ou indiretamente ligados a publicidade, a origem do gênero típico e da produção literária peculiar àquele século: o romance burguês, a descrição psicológica em forma de autobiografia. (HABERMAS, 1984, p. 63)

No entanto, os estudos de Richard Sennett levam a crer que o indivíduo dos tempos do romantismo possuía um certo receio de expor-se em público, de forma imediata pelo menos. Os diários surgiram justamente como uma forma de refúgio da vida pública e não o contrário.

Ele explica que o homem do século XIX teve sua individualidade venerada, portanto, a sociedade passou a funcionar em função das personalidades. Com a personalidade empurrada para o âmbito público, o indivíduo receava que sua aparência e seus hábitos revelassem seu verdadeiro eu. Dessa forma, passou a ocultar seus sentimentos, acreditando que somente nos refúgios íntimos e privados estaria livre. A exposição dos sentimentos, portanto, era reservada aos artistas e políticos, considerados pessoas extraordinárias e superiores aos homens comuns. (SENNETT, 1998)

Logicamente, deveria ser apenas dentro dos limites da família, ou então do tato privado da venda pro atacado, que as aparências deveriam ter um caráter psicológico. Mas essa lógica não era posta em prática. A privacidade enquanto realismo da expressão interativa – todavia, uma cultura onde o estranho poderia saber o caráter de uma pessoa pela maneira como ela [sic] se apresenta e veste; a cidade enquanto uma febril ‘comédia’ – todavia, apenas poucas pessoas desempenham um papel no espetáculo (SENNETT, 1998, p. 188)

É difícil generalizar se os diários íntimos desde sempre eram produzidos para uma posterior publicação, ou não. O que se pode observar, através de algumas obras de escrita memorialística que chegaram ao alcance de todos, são os diferentes estilos da construção do eu: ora parecendo tratar-se de um diálogo com um leitor ainda invisível, ora parecendo um diálogo d(a) o autor(a) consigo mesmo(a), de maneira que as palavras sejam completamente inteligíveis apenas para o(a) próprio(a) escritor(a).

Tomemos como exemplo dois diários publicados de considerável repercussão: *Minha Vida de Menina*, escrito em 1893 a 1895, por Alice Dayrell Caldeira Brant – que usou o pseudônimo de Helena Morley na época da publicação da obra – e *O Diário de Frida Kahlo*, escrito entre 1943 a 1953. O primeiro apresenta uma linguagem linear, semelhante à de um folhetim, procurando deixar o leitor curioso em relação aos acontecimentos dos dias seguintes. Já o diário da mexicana proporciona uma leitura de textos quase dionisíacos, onde, entre rabiscos de desenhos, as letras descrevem sensações de sentimentos íntimos, fazendo o leitor acreditar que, caso a autora não fosse uma célebre artista plástica, aqueles escritos não seriam publicados.

1.1.1 A personalidade no âmbito público

Outro conceito destacado por Sennett é a instituição de uma forma de secularidade imanente, surgida, no século XIX, que também impulsionou o esvaziamento da vida pública. Por secularidade imanente, o autor explica que, a partir de então, os fatos deveriam ter seu próprio significado em si e para si. Os gestos, as emoções e as ações dos indivíduos denunciariam a sua personalidade, logo, nas aparições da vida pública,

o homem não estava mais apenas prestando um papel socialmente legível.

A sociedade vitoriana descrita por Sennett, estranhamente, se contrasta com o mundo intimista que se configurou a partir do século XX, onde as pessoas procuram ser emocionalmente abertas umas às outras. O sociólogo elucida que a entrada da personalidade para dentro do domínio público no século retrasado, paradoxalmente, preparou a base para as práticas sociais da contemporaneidade, encorajando o narcisismo, em seu sentido psíquico, e o princípio de comunidade destrutiva, onde as relações entre as pessoas tornam-se impessoais em função do individualismo de cada um.

Com a noção de secularidade imanente emergida do século retrasado, as pessoas se vêem na obrigação de demonstrar aspectos da sua individualidade em público, como se isso fosse sinônimo de sinceridade.

Quando Frida Kahlo(2002) escreve “a coisa mais sincera e real que eu podia fazer para expressar o que eu sentia a meu respeito e a respeito do que eu tinha diante de mim.”, ela atesta a hipótese do sociólogo Richard Sennett (1998) de que as mudanças ocorridas nos séculos XVIII e XIX trouxeram aspetos da vida privada para a vida pública, guiadas por uma crença do que o caráter íntimo conferiria um atestado de autenticidade às manifestações públicas.

Sabemos, a partir da história da vida pública no século XIX o declínio desse domínio competia com o crescimento contraditório e penso em termos do seu número oposto: a esfera psicológica . As forças que causaram o declínio de um encorajaram o surgimento da outra. As tentativas para criar comunidades em cidades são tentativas para tornar valores psicológicos em relações sociais. A real medida daquilo que desequilíbrio entre a vida impessoal e a vida psicológica provocou nas relações comunitárias reside, portanto, mais além do fato de que a procura por uma vida comunitária se torna compulsiva; reside também nas expectativas que as pessoas estruturam por meio dos desejos que têm relações chegadas, abertas, face à face com outras no mesmo território (SENNETT, 1998, p.363)

Já o conceito de comunidade destrutiva descrito pelo autor se ancora na obsessão do homem moderno de ser sincero e aberto um ao outro,

o que restringe cada vez mais os possíveis grupos sociais aos quais se pode pertencer. Pois a invasão das personalidades individuais nas relações sociais tornará as comunidades mais homogêneas e restritas. A fraternidade não estaria mais ligada a questões de classe, por exemplo, e, sim, a uma questão de empatia para com determinadas pessoas, incorporada pela rejeição àqueles que não se encaixam no grupo social. Uma vez que a imagem coletiva de um determinado grupo está em constante modificação, a prática de fraternidade através da exclusão de “intrusos” nunca cessa. É como se as próprias relações sociais também tivessem sido privatizadas. Daí o crescente número de identidades com características cada vez mais pormenorizadas.

1.1.2 O público e o privado nos relatos íntimos

Quando se fala da extrema valorização da personalidade e da vida íntima, o diário, num primeiro momento, aparece como um veículo ideal para manter-se circunscrito à cultuada vida privada. Desta forma, o gênero dialoga com a exacerbação do eu na vida cotidiana descrito por Sennett.

Para a estudiosa do estilo diarístico, Beatrice Didier, o diário é um meio para escrever a solidão, não como um problema, e sim como um refúgio. Os cadernos de memória refletem as fronteiras entre o que é interior e exterior. Na maioria dos diários analisados pela autora, o que é exterior, público, é visto de forma negativa, enquanto tudo referente à interioridade é quase alçado ao posto de sagrado. A escrita íntima é uma forma de vasculhar o próprio “eu”, e isso refletiria também num maior conhecimento de si, algo fundamental para uma sociedade intimista, onde as relações se baseiam nas personalidades individuais. “Écrire son journal, c’est donc retrouver un asile de paix et d’intériorité, reintégrer ce paradis perdu du ‘dedans’. Le journal est un lieu sécurisant, c’est le refuge contre le reste d l’univers...”⁶(DIDIER, 2002, p 91)

Descobrir a própria interioridade parece ser uma das razões pelas quais alguns daqueles que exercitam a escrita de diários íntimos relatam o cotidiano das suas vidas. Como se o fato de conhecer a si mesmo,

⁶ Escrever seu diário é vasculhar um amparo de paz e interioridade, reintegrar esse paraíso perdido do “interior”. O diário é um local seguro, é um refúgio contra o resto do universo. Tradução da autora.

por si só, fosse um passo para resolver os tormentos e angústias vividas, e a chave para essas questões estivesse apenas na vida privada. Em trechos do diário analisado por este trabalho, Bárbara⁷ conta que a intenção daquele caderno de memória é ter uma melhor compreensão dela mesma.

Gostaria de fazer desse papel uma latrina e vomitar tudo que eu não quis engolir durante todos esses anos de ser (...) Devo dizer que a sugestão desses relatos diários é de H. Muito mais como uma forma de me descobrir do que como exercício literário... Acho isso bom porque depois de tantos raciocínios científicos sinto-me um tanto limitada para criar artisticamente: as idéias antes de fluírem sob uma forma artística, passam pelo crivo da razão; perdem sua potencialidade criativa.⁸

Neste fragmento pode-se observar a relação entre a vida pública e a vida privada da autora, que no caso se trata de uma jovem prestes a participar de uma seleção de mestrado em Antropologia. A vida pública (os raciocínios científicos) parece restringir a capacidade criativa, enquanto a possibilidade de transcrever para o papel as angústias íntimas pode representar uma espécie de alívio.

1.2 A relação entre o confinamento feminino e os diários íntimos

Se o gênero diário íntimo está, por excelência, circunscrito ao âmbito privado, não é surpresa alguma que, no imaginário popular, a prática da escrita da vida cotidiana esteja intrinsecamente ligada ao feminino. No Brasil, muito antes das esferas da vida pública e domiciliar se cristalizarem como opostas, as mulheres “de reputação” – ou seja, brancas e filhas ou esposas dos grandes senhores de terra – já eram obrigadas a permanecer o máximo de tempo possível dentro de casa. Dizia-se na época do Brasil Colonial que o ideal era mulher sair do lar em apenas três ocasiões: para se batizar, para se casar e para ser enterrada.

⁷ Nome fictício.

⁸ Dia 04.10.1983

(ARAÚJO, 2006). Logicamente que o dito se trata de um exagero, mas, de qualquer forma, reflete os papéis sociais destinados às mulheres da época.

Ainda na era da América Portuguesa, as poucas jovens alfabetizadas, já eram incitadas a escrever. No entanto, não se tratava de um estímulo para a produção de uma escrita íntima, e sim de relatos referentes a afazeres domésticos. No manual escrito por Ribeiro Sanches, em 1754, *Educação de uma menina até a idade de tomar Estado no reino de Portugal*, a destinação do que deveria ser a escrita feminina era clara:

Seria necessário que uma menina ao mesmo tempo que aprendesse o risco, a fiar, a coser e a talhar, que aprendesse a escrever, mas escrever para escrever uma carta, para assentar em um livro que fez tais e tais provisões para viver seis meses na sua casa; para assentar o tempo dos criados e jornaleiros (...) (SANCHES, apud, ARAÚJO, 2006, p.50)

Mas quando se fala de diários íntimos, como um “livro do eu”, é inevitável não citar a participação da escrita feminina para formação desse arquétipo. No entanto, até o século XIX, a maioria das obras publicizadas do gênero eram masculinas. Afinal, nas diversas sociedades patriarcais da época, era função dos homens decidir o que seria publicado ou não, logo, o poder masculino corroborava para manter as vozes femininas em silêncio.

Além deste fator, o interesse maior pelos relatos masculinos do cotidiano deve-se também à própria condição pública a qual os homens se inseriam. Os livros de memórias publicados nos séculos anteriores, não raramente, eram escritos por pessoas já conhecidas, seja pela importância política, seja social ou histórica. Relatos de mulheres enquadradas somente na esfera doméstica pouco interessariam a uma sociedade falocrática. Até porque, ao falar sobre os diários escritos por homens, além do gênero referente à memória pessoal, uma tipologia diversa pode vir a mente: diários políticos, de viagens, naturalistas, científicos, etc. Já em se tratando da escrita feminina, não há como não se pensar no livro do “eu” como obra pertencente à vida privada.

1.2.1 A legitimação da natureza privada da mulher

O fortalecimento da delimitação entre as fronteiras das esferas pública e privada, certamente, colaborou para a acentuação do caráter bipolar nas diferenciações entre o que se convencionou chamar de natureza feminina e masculina. A mulher, em suas representações sociais, historicamente, sempre esteve ligada ao natural, à falta de racionalidade. Já que para muitas sociedades seu principal papel era ser mãe, algo aparentemente apenas instintivo. O homem, no entanto, era identificado à cultura e à civilização. Logo, o dualismo instaurado no século “burguês” entre o público e privado englobava também a dicotomia entre masculino e feminino.

A visão predominante da época estabelecia que o espaço doméstico deveria ser um refúgio onde o indivíduo poderia agir com espontaneidade, deixando-se levar pela sua natureza, portanto, o público era o espaço propenso pelas representações sociais, guiadas por questões culturais (GONÇALVES, 2006). A identificação entre o feminino e o instintivo naturalizou os papéis sociais das mulheres da época: mãe, esposa e senhora do lar.

A construção de uma natureza feminina do século retrasado contribuiu para a solidificação de uma imagem de mulher frágil, submissa e doce. Essas eram as características inatas à mulher, logo, aquelas que não apresentassem as qualidades, tão convenientes para uma sociedade falocrática, eram tachadas como antinaturais. Ao mesmo tempo, o sexo feminino apresentava atributos negativos também considerados como naturais, tais quais deslealdade e falta de moral, o que, certamente, fortaleceu o mito de ambigüidade feminino (ENGEL, 2006).

O século XIX pode ter sido visto como uma era de avanços científicos, no entanto, o trabalho de médicos, psiquiatras, higienistas da época pouco contribuiu para desmistificação das velhas imagens dicotomizadas da mulher, pelo contrário, a ciência muitas vezes serviu para legitimação dos papéis sociais destinados ao feminino.

A historiadora Magali Engel relata alguns estudos realizados por especialistas como o italiano Cesare Lombroso, por exemplo, concluíam que o instinto materno anulava o desejo sexual da mulher, por consequência, aquelas que sentissem vontade de fazer sexo eram consideradas anormais. A maternidade, aliás, era o caminho para salvação

feminina. Metaforicamente, desta forma, a mulher estaria se afastando de Eva, para se aproximar de Maria.

No século XIX ocidental, a velha crença de que a mulher era um ser ambíguo e contraditório, misterioso e imprevisível, sintetizando por natureza bem e mal, a virtude e degradação, o princípio e o fim, ganhariam uma nova dimensão, um sentido renovado e, portanto, específico. Amplamente disseminada, a imagem da mulher como ser naturalmente ambíguo adquiriria, através dos pincéis manuseados por poetas, romancistas, médicos, higienistas, psiquiatras e, mais tarde, psicanalistas, contornos de verdade cientificamente comprovadas a partir dos avanços da medicina e dos saberes afins. (ENGEL, 2006, p. 352)

A valorização, feita pela ciência, do papel de mãe da mulher validava a noção de que era natural para a figura feminina ficar circunscrita aos âmbitos da domesticidade e da vida privada. O que diz respeito ao privado, logo, torna-se legitimamente feminino e a mulher é alçada ao posto de senhora do lar. Contudo, isso não significou que o homem da época perdeu o poder dentro do ambiente doméstico. A estudiosa da vida privada Michell Perrot (1992) atenta para o duplo poder do homem da época: é ele o único a ter direitos políticos; e é ele também o responsável financeiro pela casa. Fato que o torna dono do lar e concede a ele domínio sobre àqueles com quem coabita. À mulher, sobra apenas a função de uma administradora submissa ao chefe do lar.

No Brasil as mulheres das classes populares se viam numa encruzilhada: o baixo salário dos companheiros – quando elas o tinham – não era suficiente para pagar as despesas do lar. No entanto, caso desejasse auxiliar com trabalho, ela corria o risco de ser identificada como mulher pública. (FONSECA, 2006) Se ainda nos dias de hoje a expressão “mulher da rua” ganha uma significação pejorativa, no final do século XIX, a mulher que procurasse trabalhar fora do lar poderia causar sérios danos à reputação.

Contudo, as novas representações sociais emergidas com o padrão de vida burguês nem sempre isolavam as mulheres das classes mais abastadas em suas casas. Havia compromissos públicos a cumprir: comparecer a salões, festas, bailes, café e teatros. A mulher burguesa ganha um novo papel: ela era obrigada a postar-se bem em público, afi-

nal, a imagem de sucesso de uma família dependia do comportamento de suas filhas e matriarcas.

A aparição em público feminina pode levar a crer que as mulheres passaram a ter mais liberdade. No entanto, há de se considerar também que elas, antes vigiadas apenas pelos pais, maridos e irmãos, passaram a ter o comportamento submetido aos olhares de toda a sociedade a qual pertenciam. (D'INCAO, 2006)

Portanto, a casa poderia também ser um local acolhedor, ao invés de uma prisão. Nos quartos, ou em lugares de reserva, as mulheres poderiam despir-se de papéis sociais referentes à sociedade ou à própria família, e extenuar os sentimentos, escrevendo cartas ou diários ou lendo os célebres folhetins burgueses da época.

As alcovas, espaço de segredo e de individualidade, forneciam toda a privacidade necessária para a explosão de sentimentos: lágrimas de dor ou ciúmes, saudades, declarações amorosas, cartinhas afetuosas e leitura de romances pouco recomendáveis. (D'INCAO, 2006, p. 229)

A exacerbação das individualidades da burguesia da época, aliada com as novas configurações de espaços destinados à privacidade, estimularam o surgimento dos diários íntimos sob a forma de “livro do eu”. Também não se pode deixar de mencionar a influência do folhetim, outro produto cultural decorrente do culto à individualidade, que apresentava uma linguagem psicológica, semelhante à da escrita íntima. No entanto, o romance burguês também serviu como veículo para traçar a imagem feminina sob a ótica da fragilidade e da dicotomia, o que, de forma alguma, não inibiu as mulheres de escreverem folhetins baseados nas próprias vidas.

Vale abrir um parêntese para dizer que o registro da escrita de diários íntimos femininos foi menos comum no Brasil do que nos Estados Unidos e na Europa. No prefácio de *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre responsabiliza o sacramento da confissão católica pela falta da tradição da escrita de diários no Brasil.

Isto, é claro, quando se consegue penetrar na intimidade mesma do passado; surpreendê-lo nas suas verdadeiras tendências, no seu à-vontade caseiro, nas suas expressões mais sinceras. O que

não é fácil em países como o Brasil; aqui o confessorário absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso de história íntima de tantos diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos. Creio que não há no Brasil um só diário escrito por mulher. Nossas avós, tantas delas anal-fabetas, mesmo quando baronesas e viscondessas, satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e a mucama de estimação; e a sua tagarelice dissolveu-se quase toda nas conversas com as pretas boceteiras, nas tardes de chuva ou nos meios-dias quentes, morosos. Debalde se procuraria entre nós um diário de dona-de-casa cheio de gossip⁹ no gênero dos ingleses e dos norte-americanos dos tempos coloniais. (FREYRE, 1946, p 37)

Estudos posteriores ancorados na escrita íntima feminina desmentiram o exagero de Freyre de que “não há no Brasil um só diário escrito por mulher”, mas ainda assim, é difícil obras de memórias femininas do século XIX não publicadas. As razões para o insípido número de relatos íntimos de mulheres no país também se relacionam com a chegada tardia da tradição burguesa de oposição entre público e privado. Enquanto na Europa a divisão dessas esferas se intensificou nos séculos XVIII e XIX, no Brasil os hábitos burgueses relacionados à privacidade se fortaleceram 100 anos mais tarde do que no velho mundo. (GONÇALVES, 2006).

É mais comum encontrar diários escritos por brasileiras no século passado do que na era dos folhetins. (MUZART, 2000). A pesquisa feita por Maria José Mota Viana (1995) faz um levantamento dos livros de memórias femininas, seja de autobiografias, seja em forma de diários, já publicadas. Dos 84 títulos elucidados pela autora, menos de uma dezena foi escrita no século XIX.

⁹ Fofoca. Tradução da Autora.

1.2.2 O diário feminino no século XX

Afirmar que a escrita de si é uma tradição eminentemente feminina é no mínimo precipitado. Estudos¹⁰ mostram que os primeiros diários íntimos de que se tem conhecimento foram escritos por homens. Mas o relato do cotidiano das mulheres se diferencia, em geral, da narração masculina, em função das relações que ambos o sexos tiveram com as esferas públicas e privadas, ao longo dos últimos séculos. Ainda assim, os diários femininos nem sempre tiveram como características principais o esgarçamento da subjetividade do eu. Este fenômeno, aliás, tornou-se muito mais corriqueiro a partir do século passado, época em que uma escrita mais intimista se configurou. Até então as memórias femininas não guardavam como principal qualidade a autoreflexão. (OLIVEIRA, 2006)¹¹ Até porque a mulher do século XIX, na ampla maioria dos casos, não era a estimulada a escrever sobre si com intensidade. Pensar sobre o seu corpo e sua sexualidade, por exemplo, era sinônimo de devassidão ou mesmo de transtornos mentais (ENGEL, 2006).

A maioria dos diários produzidos no século XIX tinha como objetivo ritmar o cotidiano, guardar lembranças de acontecimentos e não de sensações. Em *Minha Vida de Menina*, Helena Morley traça um retrato vivaz do cotidiano de sua família nas serras de Diamantina. O relato abrange pensamentos íntimos e angústias da adolescente sobre as vidas de seus parentes, amigos e os costumes da época. Mas, em poucos momentos, Morley delinea um retrato de si no diário.

Os silêncios da escrita também não passam despercebidos: o diário de memórias foi escrito entre os 13 e os 15 anos da autora, época em que provavelmente passava por um período de grandes mudanças. Mas em seus textos, Morley praticamente não fala sobre seu corpo, tampouco sobre sua sexualidade. Sabe-se que o livro foi publicado pela autora, o que não a deve ter impedido cortar os trechos que lhe fossem convenien-

¹⁰ MUZART, Zaihdé Lupinacci, Do Navegar aos Navegantes, In MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. Refúgios do EU Editora Mulheres Florianópolis, 2000

¹¹ “Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade”, dissertação de mestrado comunicação de Rosa Meire Carvalho de Oliveira na Universidade Federal da Bahia. Disponível no endereço: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarrios-publicos-mundos-privados.html#tex2html8>. Acesso em 16.10.2006

tes. De, qualquer forma, não se pode negar a existência da autocensura: seja em 1893 quando ela escreveu o diário, seja em 1942, época em que o relato foi publicado.

Como já foi citado, a tradição memorialística brasileira se fortalece apenas no século XX. A época coincide com nascimento do chamado “Novo Diário do século XX” – descendente direto do “livro do eu” do fim do século XIX – surge. O termo foi usado pela escritora americana Tristine Rainer (*apud*, OLIVEIRA, 2006) para definir as práticas diarísticas de escritoras como Virgínia Woolf (1882 – 1941), Anais Nin (1903 – 1977) e Sylvia Plath (1932 – 1963). Os relatos íntimos das três autoras convergem na medida em que parecem funcionar como um meio terapêutico para alcance de crescimento pessoal e auto conhecimento, onde a sexualidade e os tormentos íntimos não são silenciados. Uma das obras de memórias citada por Viana (1995) é o “Diários das Máscaras”, pela descrição feita pela estudiosa de memórias esse relato encaixa-se na definição de “Novo diário”

Escrito em forma de diário íntimo, prende-se muito mais ao registro de sentimentos e sensações do que a fatos acontecidos. Estes, quando registrados, são para servir de pontos para as suas reflexões. A solidão, o tédio, a ausência são a mola que impulsiona a escrita. (VIANA, 2005, p. 119)

Elucidado este sub-gênero do diário íntimo, que talvez seja mais ligado à prática feminina, pois veremos no decorrer do trabalho que o diário escolhido como recorte para análise desta pesquisa também se enquadra neste novo estilo.

1.3 A mulher sob as próprias letras

Durante maior parte da história da literatura universal, a mulher aparece, na maioria das vezes, como musa. Raramente, cabe à figura feminina o papel de criadora. Se a escrita de memórias é usualmente ligada à mulher, não se pode esquecer do status de literatura menor dado ao gênero, pois o ato de escrever memórias não implica necessariamente em criar um enredo. Como se diários e outros gêneros de construção de memórias representassem um espelho perfeito da realidade. Contar a

própria história, logo, surge como a forma de escrita ideal para mulher: educada para sempre falar a verdade e “naturalmente” impossibilitada de criar.

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição (TELLES, 2006, p 403)

Mas o que muitos estudiosos da escrita memorialística acreditam é que o auto-retrato desenhado pelos diaristas também é fruto de uma criação. De acordo com historiadora Ecléa Bosi (1998), lembrar não significa necessariamente reviver determinada situação. Ela acredita que as memórias são sempre construídas com as imagens distorcidas do presente, portanto, a memória pode ser tanto a conservação quanto a elaboração do passado.

Por mais que se tente refletir a imagem do “eu” em folhas de cadernos, esse reflexo sempre será fragmentado e difuso. Se o diário é um espelho falso, escrever sobre si é também uma forma de ficção como em toda escrita. A construção da memória, aliás, pode ser duplamente fictícia, pois o “eu” no caso é tanto sujeito quanto objeto. (DIDIER, 2002).

Quando Beatrice Didier atribui uma dupla função (sujeito e objeto) para o “eu” em textos memorialísticos, ela se refere a diários escritos, principalmente, ao longo do século XIX. A autora não diferencia a escrita feminina da masculina, o resultado é que a maioria dos diários analisados são de pessoas culturalmente ou historicamente importantes – ou seja, homens. Ao se referir a dois “eus”, Didier explica que enquanto um é aquele que age, o outro é o eu que se ver agir.

Esse conceito não pode ser aplicado quando se fala de boa parte das memórias femininas produzidas no Brasil. Maria José Mota Viana (1995) atenta que as memorialistas brasileiras muitas vezes parecem não passar de meras testemunhas dos acontecimentos. Portanto, em boa

parte dos diários femininos no país, tem-se apenas um “eu”: o que olha os *outros* agirem.

Mas nem toda escrita de memória brasileira se encaixa nesse perfil. Ao lado de relatos passivos, também existem escritas memorialistas onde o “eu” está em primeiro plano. Como já foi dito no tópico anterior, o diário analisado se encaixa no grupo definido como “Novo diário do século XX”. Neste subgênero, o que é ressaltado não são as ações dos autores – ou daqueles que os rodeiam – e sim, os sentimentos interiores. Essa nova forma de escrita funciona de maneira quase terapêutica, como se o relato das dores ao diário aliviasse as angústias.

Além de funcionar como instrumento para purgar as dores da alma, diários de mulheres do século XX estão ocupados em resgatar a identidade perdida entre os anos de profunda submissão ao discurso masculino. Com a voz até hoje muitas vezes silenciada e pouco reconhecida, milhares de mulheres se utilizaram e ainda se utilizam dos diários como lugar no qual elas podem ser elas mesmas. (OLIVEIRA, 2006)

O diário escolhido como recorte desta pesquisa é escrito por uma jovem que se encontra no fim de um relacionamento amoroso. Muitas vezes, as palavras escritas por ela passam a impressão de aqueles relatos funcionam como uma maneira de (tentar) apelar a dor, ou mesmo, de transformar os próprios sentimentos: “Gostaria de me diluir nessas páginas... Virar letra/palavra. Transformar, por exemplo, meu medo/minha dor em signo lingüístico...”¹²

1.3.1 Espelho de qual eu?

Ao compor um diário, o(a) autor(a) tem a esperança de que a partir da fragmentação do dia-a-dia se construa um espelho para refletir uma unidade global, para a vida e para o tempo, buscando superar, em parte, a multiplicidade própria da existência. O objetivo nem sempre é realizado em função do próprio caráter duplo do estilo diarístico.

A duplicidade do “eu” descrita por Didier também pode ser percebida no *Novo Diário*. No entanto, neste subgênero o verbo “agir” abre

¹² 20.10.1983

caminho para o “sentir”. Existe um “eu” que sente e outro que se ver sentir. A face observadora do diarista seria seu lado racional: sem aspirações, ou paixões. Pois, embora nos diários, *a priori* o(a) autor(a) esteja livre de avaliações do público, ele(a) não está liberto(a) dos próprios julgamentos. É o eu observador, que, muitas vezes, representa os valores da sociedade – do público – no interior do(a) diarista.

Em trechos do diário de Bárbara, essa divisão de “eus” é clara. Ela constantemente julga e questiona seus sentimentos como se com isso fosse possível transformá-los.

Racionalmente, lucidamente não é bem Luis¹³ a pessoa com quem quero dividir meu tempo. E não porque ele não é especial bonito ou interessante... Mas porque é tão distante, pouco carinhoso... Quero qualquer pessoa que esteja disposta a trilhar comigo as venturas e desventuras desses tempos. Que se interesse por mim, pelo que faço e tento fazer... Que não se omita... Que grite, berre, fale... Mas que [sic] sinta-me e faça-me sentir (...) Mil problemas com Luis... Problemas de comunicação não (!). De gostar, creio; Percebo que a seu lado exacerbo o meu inato (?) desejo de me punir, auto-destruir [sic] (...) Que gostar é esse meu Deus? Que só me põe de mal comigo? Acho que me liberto dele mais dia, menos dia...¹⁴

Nesta reflexão, percebe-se que a autora não nutre simpatia pelos próprios sentimentos em relação a um determinado homem e utiliza-se de um discurso racional numa tentativa de aplacá-los. Dessa forma, o diário acaba se transformando num instrumento de autovigilância. É através da escrita que a autora pode se transformar – ou fingir mudar – para alcançar seus objetivos. Quando ela diz “Acho que me liberto dele mais dia, menos dia”, fica registrada no diário a necessidade da autora de livrar-se dessas afetividades.

Para Maria José Mota Viana (1995), o estímulo para que mulheres tenham um tipo de escrita íntima dá-se em função do caráter panóptico¹⁵ dos diários. Com os relatos pessoais memorialísticos, a figura feminina pode se auto-observar, se julgar. Dessa forma, a diarista toma para si

¹³ Nome fictício

¹⁴ 19.12.1983

¹⁵ Modalidade de controle baseada na vigilância

o encargo de autovigilância. A escritora Patrícia Galvão, em um relato íntimo¹⁶ voltado apenas para o marido¹⁷, também parece ser adepta à realização de auto-julgamento em suas memórias.

Para que tanta importância a minha vida? Mas, meu amor: eu a ponho em suas mãos. É só o que tenho intocado e puro. Aí tem você minhas taras, meus preconceitos de julgamento, o contágio e os micróbios. Seria bom se eu tivesse o poder ver as coisas com simplicidade, mas minha vocação grand-grinholca me fornece apenas a forma trágica de sondagem. É a única que me permite o gosto amargo de novo. Sofra comigo (GALVÃO, 2005, p52)

Indo de encontro a maioria dos textos de memória, Patrícia escreve sua vida, sem silenciar as questões referentes a sexualidade. Muito pelo contrário, ela revela que os detalhes justificariam a maneira de ela ser e agir. Mas o relato da escritora não se trata de um texto estritamente privado, já que é destinado ao marido. Maria José Mota Viana (1995) acredita que, quando detalhes da vida íntima feminina são relatados com minúcia em diários e ficam circunscritos apenas para a própria autora, a mulher torna-se mais presa ainda ao âmbito privado.

Na escrita sobre o “eu” a mulher poderia guardar seus desejos e anseios a sete chaves, sem com isso deixar o aprisionamento doméstico e se libertar dos deveres e obrigações de recato. Por conta desse fator, a prática tornou-se comum e até mesmo incentivada entre mulheres. Com os paradoxos e as contradições interiores femininos guardados apenas em um caderno empoeirado, menos ameaçado estava o mundo exterior da emancipação feminina (VIANA, 2005).

Particularmente, considero essa visão exagerada. As possibilidades de purgar as dores dos diários, não necessariamente impedem a figura feminina de manter uma postura ativa na vida pública. Basta lembrar de escritos íntimos e catárticos de Frida Kahlo, as letras trêmulas e manchadas, provavelmente pelas lágrimas da pintora, podem indicar o quão visceral são aqueles relatos. E Kahlo, definitivamente, não representa a figura feminina passiva e submissa de sua época.

¹⁶ O relato se trata da carta depoimento em forma de autobiografia que foi publicada, em 2005, no livro *Paixão Paga: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*.

¹⁷ O também escritor Geraldo Ferraz

1.3.2 Escrever para quem?

Quando se lê um diário uma questão se impõe: para quem o(a) autor(a) compõe aqueles relatos? Pelo senso comum, diário é, por sua natureza, secreto, portanto, deve estar apenas sob o olhar do próprio diarista. Mas essa questão é mais complexa. A dúvida sobre se os diários são secretos ou não é, muitas vezes, refletida na própria escrita do(a) memorialista. Por exemplo: em um trecho de seu diário, a americana Deborah Norris declara “Este livro é apenas para mim mesma. Eu não deveria contar metade das bobagens que contêm, caso eu tivesse o hábito de mostrar para os outros”¹⁸. No entanto, ela corriqueiramente se dirige aos “os leitores (talvez ainda não nascidos) que dali adiante deverão examinar essas páginas com cuidado”¹⁹

O grau da presença de um leitor ainda invisível pode refletir o desejo do(a) diarista em fazer uma posterior publicação, ou, pelos menos, tornar a obra mais passível para o olhar do outro. No caso do diário de Bárbara, o leitor aparece na medida em que ela expõe suas dúvidas ou quando a autora dá satisfação do silêncio de dias, como no seguinte trecho: “Quinze mil coisas aconteceram desde essa manhã de 17.11.83. Relatá-las levaria horas e horas e não disponho desse tempo para esse exercício”²⁰. A identificação de um leitor, logo, serviria como elo para dar continuidade e coesão ao fragmentado relato do cotidiano. (OLIVEIRA, 2006).

Porém, mesmo que determinados diários sejam, desde o princípio, destinados a uma futura publicação, isso não tira seu caráter íntimo. Nos últimos anos, a concepção de intimidade está muito mais ligada à noção de verdade do que de privacidade. Ao escrever sobre a ebulição de publicação de diários, supostamente íntimos, Beatrice Didier elucida para essa transformação do conceito:

C’est que la notion d’intimité a changé de contenu. Elle se définissait d’abord par rapport à l’autre et en fonction du secret.

¹⁸ “This book is only to myself. I should not venture half the folly it contains if I were in the habit of showing it to others” (*apud.* SCHIWY, p260, 1996) Tradução da Autora

¹⁹ “... the readers (perhaps now unborn) who hereafter shall peruse these pages” (*apud.* SCHIWY, p260, 1996) Tradução da autora

²⁰ 05.12.83

Le journal était le domaine cache. Il était intime dans la mesure où il échappait au regard d'autrui. Peut-être sous l'influence de la psychanalyse (...) l'intimité s'est de plus en plus définie par rapport à l'inconscient, et aux différents niveaux de moi (DIDIER, 2002, p 45)²¹

Mas a presença de um leitor invisível não é suficiente. Esse leitor pode, muito bem, ser o próprio autor. Quando Bárbara expõe seus questionamentos como se estivesse dentro de uma conversa, o mais lógico a se pensar é que se trata de uma conversa consigo mesma, já que o relato não deve ter chegado ao alcance de muitos.

Não se pode ter certeza sobre a vontade, ou falta de vontade, de determinados(as) memorialistas em publicarem os relatos íntimos. Mesmo em se tratando do diário analisado nesta pesquisa. Ainda que seja uma obra sem a menor chance de ser publicada, se estivesse completamente dentro do domínio privado da autora, ele não estaria em minhas mãos. Mas vale salientar que foi somente a partir do século passado que se tornou mais comum a publicação de diários enquanto seus autores ainda estavam em vida.

Mais importante do que descobrir se cada diarista tem ou não desejo de ver os relatos expostos, é traçar uma investigação sob quais as razões que os(as) levam a publicá-los para uma larga audiência. Beatrice Didier (2002), por exemplo, acredita que através da transformação dos cadernos de memórias em livros editados pode-se chegar mais perto de atingir o reflexo de uma unidade do “eu”.

Vale relembrar, como foi dito no início do trabalho, a diferença considerável entre as publicações de diários masculinos e femininos. Apesar de toda a ligação entre a escrita diarística e a mulher, no Brasil, foi somente após a década de 1970 que se passou a publicar mais relatos memorialísticos femininos. A época coincide justamente com a explosão do movimento feminista. É a partir desse momento que, pela primeira vez, a imagem da interioridade feminina elaborada por ela mesma começa a ganhar mais reconhecimento no mundo ocidental. Tornando

²¹ A noção de intimidade mudou de conteúdo. Esta noção se definia em relação ao outro, em função do segredo. O diário era um domínio escondido. Ele era íntimo na medida em que escapava do olhar do outro. Talvez sob a influência da psicanálise, a intimidade é cada vez mais definida pela relação com o inconsciente e os diferentes níveis do eu. (Tradução da autora)

mais possível que as auto-representações do íntimo das mulheres encontrem o olhar público.

Capítulo 2

A vida íntima sob o olhar público

Na virada dos anos de 1970 para os de 1980, o seriado *Malú Mulher*¹ reproduziu para a televisão situações do cotidiano de muitas mulheres brasileiras: problemas conjugais, busca pelo emprego, violência doméstica etc. “Tais mutações, representadas através da trajetória de Malú, concretizavam-se nos primeiros passos de emancipação do mundo privado, secularmente institucionalizado como mundo da mulher, em direção à vida pública” (RUBIM, 2001, p10)²

O programa apresentava uma mulher mais real do que grande parte das mocinhas das novelas da época. A protagonista, vivida por Regina Duarte, foi a primeira mulher a representar o orgasmo feminino em rede nacional, o que já era um grande avanço especialmente em se tratando da então namoradina do Brasil. *Malu Mulher* utilizou uma linguagem real para tratar de forma sutil temas já discutidos anos antes pelos movimentos feministas: homossexualidade, uso de contraceptivos, aborto, divórcio e a violência contra a mulher.

A obra representava, obviamente, uma ficção, mas vale ressaltar que

¹ Veiculado pela Rede Globo de Televisão entre 24 de maio de 1979 a 22 de dezembro de 1980, criado e dirigido pelo ator Daniel Filho.

² *A representação feminina na TV ou a “namoradina” que virou mulher*, trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Disponível em <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/5025/1/NP14RUBIM.pdf>. Acesso 15.04.2007

a ênfase nos aspectos reais do seriado era tanta que a exposição dos problemas íntimos de Malú era tão verossímil que eles poderiam ser vividos por qualquer mulher da classe média brasileira. Isto pode ser comprovado através do depoimento dado pela atriz Regina Duarte à revista *Isto É* na época em que o programa era veiculado: “...cada programa é um desnudamento. Tá todo mundo vivendo muito, se expondo demais. É quase como se o personagem fosse apenas um pretexto para o depoimento da minha vida” (*apud* RUBIM, 2001, p 10)

A valorização dos “depoimentos da vida real”, em obras de ficção ou não, vai ao encontro das teorias do sociólogo Richard Sennet (1998) sobre a institucionalização de um padrão de verdade para medir as complexidades da realidade social. Para o estudioso, na sociedade contemporânea, a realidade é avaliada através dos sentimentos intimistas reais de cada um. O sucesso de *Malú Mulher* poderia ser explicado na medida em que as intimidades da protagonista serviam como um espelho para as emoções do público.

Não se pode também deixar de mencionar o momento pelo qual o Brasil passava. Era o início da abertura política da ditadura militar e época em que os movimentos feministas do país começavam a ser discutidos na mídia. Tanto que no início dos anos de 1980, além de *Malú Mulher*, a Rede Globo também transmitia o programa *TV Mulher*, onde Marta Suplicy, psicóloga e feminista, apresentava um quadro denominado *Comportamento Sexual*, que discutia assuntos como o orgasmo, o desejo sexual feminino e os métodos contraceptivos em rede nacional.

Todavia, os debates sobre a emancipação da mulher nos meios de comunicação massivos não foram longe. Os movimentos feministas teciam uma crítica à opressão, de caráter político e cultural, sofrida pelas mulheres, questionando, dessa forma, as próprias estruturas da sociedade.

No texto de divulgação do seriado *Malú Mulher*, a emissora TV Globo deixa claro que a intenção da protagonista não é mudar as estruturas sociais, tampouco fazer alguma revolução feminista ou sexual. “[Malú] Simplesmente, decidiu usar suas potencialidades de ser humano, que ela percebe que existem dentro de si, mais ou menos adormecidas, mal desenvolvidas, semi-usadas, as suas virtudes e defeitos, vícios ou fantasias [sic](...)” (*apud*, RUBIM, 2001, p 7).

Ou seja, o seriado se ancora nos sentimentos intimistas da protago-

nista e não os relaciona com questões políticas. Daí a identificação. De acordo com Sennet (1998), as questões coletivas perdem força na sociedade intimista que se desenvolveu no século XX. Uma luta social, para despertar paixões, precisa estar espelhada em sentimentos intimistas de cada pessoa.

... agora o narcisismo é que é mobilizado nas relações sociais por uma cultura despojada na crença no público e governada pelo sentimento intimista como medida de significação da realidade. Quando questões como classes, etnicidade e exercício do poder deixam de se conformar a essa medida, quando deixam de ser um espelho, cessam de suscitar paixão ou atenção. (SENNETT, 1998, p 397)

Veremos adiante que os movimentos feministas trouxeram para o âmbito público questões íntimas das mulheres. Mas isso não bastou para que as discussões em torno do tema se sustentassem. Tanto que as questões da emancipação feminina, no Brasil, a partir da década de 1990, voltaram a ser restritas aos movimentos sociais. Todavia, a vida íntima feminina continua sendo exposta aos olhares públicos, dessa vez, aparentemente, não mais para representar transgressões e questionar a ordem vigente, já que, atualmente, a aparição em público parece ser vista de forma natural.

Mais de trinta anos após a eclosão das lutas feministas, pode-se assistir cotidianamente à vida íntima de homens e mulheres expostas em meios de comunicação. Seja nos realitys-shows televisivos, seja na imprensa onde há reportagens, entrevistas e matéria que expõem a vida privada de pessoas públicas, o que raramente suscita debates que vão além da mera exposição.

Sob a veneração contemporânea pelo que se relaciona à “vida real”, o mundo assistiu ao nascimento de um novo meio de comunicação de massa: a internet. Desde o início, o ciberespaço mostrou-se como ambiente propício para a escrita íntima. E, diferentemente dos meios de comunicação de até então, qualquer pessoa que tenha acesso à rede pode se tornar o emissor das mensagens veiculadas. Os primeiros registros de ciberdiaristas datam de 1994, mas foi somente em 1999 com o surgimento dos *weblogs*, uma nova ferramenta da internet, que a escrita de si *online* foi impulsionada.

O gênero dos *weblogs*, definido como um endereço da internet composto por textos datados de forma cronologicamente reversa, é visto como uma versão contemporânea dos antigos diários. Mas existe uma diferença óbvia e fundamental: enquanto *a priori* os diários eram destinados apenas àqueles que os escreviam, os *weblogs*, quão maior o seu número de leitores, mais bem sucedidos eles são .

Com as possibilidades abertas por esse novo gênero, surgiu para mulher um novo espaço de expressão, algo que historicamente lhe fora renegado. Assim como a escrita feminina recebeu ao longo dos séculos uma carga pejorativa, os *blogs* produzidos por mulheres também sofrem certa marginalização refletindo o restrito espaço preenchido por elas na vida pública.

Para uma maior compreensão da visibilidade da escrita íntima feminina na esfera pública, cabe aos próximos tópicos deste capítulo tecer uma contextualização mais detalhada da voz feminina, abordando a eclosão dos movimentos sociais em defesa dos direitos das mulheres e a proliferação dos *ciberdiários* na internet.

2.1 A voz da mulher nos movimentos feministas

É comum atribuir a publicização de memórias e autobiografias de mulheres aos movimentos feministas que se deflagraram entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil. De fato, o aumento do número de livros memorialísticos escritos por mulheres na época é considerável. Mas, muitas vezes, essas publicações não representavam uma autora preocupada com a sua condição como mulher, muito menos com questões relacionadas às lutas feministas.

Conforme Maria José Motta Viana (1995), as memórias femininas publicadas nas décadas de 1970 e 1980 eram tanto de mulheres que buscavam experimentar na pele, no corpo, as falhas abertas da própria vivência, quanto de senhoras que através dos relatos do passado almejavam construir uma imagem de virtude ancorada nas concepções tradicionais da identidade feminina. Ela cita o livro da professora Horacel

Cordeiro Lopes³, que usou as memórias para divulgar valores como a manutenção da família, o trabalho e a pátria.

(...) via minha carreira consagrada, recebendo o prêmio dos meus árduos trabalhos durante muitos anos, procurando sempre cumprir meu dever como filha, esposa e profissional. Posso agora descansada, admirar meu trabalho como orgulho, posto que, nele, sempre depus a maior soma de amor, culto e devoção à pátria e à minha família. (LOPES, *apud* VIANA, 1995, p 99)

Embora a atuação dos movimentos feministas fosse fundamental para o *boom* editorial de memórias femininas nas décadas de 1970 e 1980, ela não explica o fenômeno sozinha. As décadas em questão assistiram ao crescimento e à consolidação da classe média brasileira. As autobiografias, além de um veículo para manifestação do “eu” e dos pensamentos das autoras, eram também um novo objeto de consumo a ser explorado na época. Sem contar que, em plena ditadura militar, livros e memórias femininas eram um veículo de expressão pouco visado pelos órgãos censores da época, que não os cortavam, tampouco os vetavam (DUARTE, 2005). Isso também ilustra a subestimação da mulher como um potencial agente transformador do *status quo*.

O que vale é frisar aqui é a transformação dos valores dado as questões privadas femininas que os movimentos feministas trouxeram. Se antes era dado um sentido pejorativo às subjetividades e às angústias íntimas femininas, a partir de então, a interioridade das mulheres entraram no âmbito político.

Uma das grandes conquistas alcançadas pelos movimentos feministas foi a compreensão e o reconhecimento de que o privado, o doméstico, o pessoal é político. Isso outorgou o *status* político às questões dos relacionamentos familiares, do sexo, do trabalho cotidiano e da afetividade, e as polêmicas suscitadas no interior delas mesmas ou no seu confronto com outras questões puderam ser trazidas para o discurso aberto e discutidas sem constrangimentos de rótulos tais como “fofocas de alcova”, “escândalos amorosos”, “romantismos femininos”, “histerias de

³ LOPES, Horacel Cordeiro. *Recordando... minhas memórias*. Rio de Janeiro: Continente Editorial, 1978.

mulher” e outros tantos chavões preconceituosos com que se costumavam designar os problemas que de alguma forma envolvem a questão maior do papel da mulher. (VIANA, 1995, p 86)

Desta forma, a mulher pôde sentir-se menos embaraçada para falar das vivências, sem o constrangimento de que suas experiências pessoais não tivesse importância para a sociedade. A importância do direito da mulher a uma voz pública ocorre na medida em, que, através da simplicidade do cotidiano agora exposto em público, pode-se compreender melhor os papéis daquelas que historicamente tiveram as vozes silenciadas: a dona de casa, a ativista, a trabalhadora ou, simplesmente, a mulher.

2.1.1 Breve contextualização da luta feminista

Embora os movimentos sociais configurados a partir da década de 1960 sejam considerados o estopim da luta pelos direitos das mulheres, é notório que a busca pelo fim da opressão e repressão feminina teve início séculos antes.

No Brasil, por exemplo, já no século XIX havia publicações de mulheres em busca da emancipação. A escritora Nísia Floresta⁴ publicou em 1832 o livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, tradução livre da obra da inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), *Vindiations for the rights of Woman*⁵, publicado em 1792. Este livro usava a escrita para reivindicar direitos iguais e educação para as mulheres.

Women have been allowed to remain in ignorance, and slavish dependence, many, very many years, and still we hear of nothing but their fondness of pleasure and sway, their preference of rakes and soldiers, their childish attachment to toys, and the

⁴ Nísia Floresta era o pseudônimo usado por Dionísia de Maria Rocha, nascida no Rio Grande do Norte em 1810. A escritora tornou-se conhecida no Brasil por suas idéias avançadas e era apreciada por figuras de renome como o escritor português Alexandre Herculano e o positivista francês Augusto Comte. Nísia faleceu em 1885 na França.

⁵ Reivindicações pelos direitos da mulher. Tradução da autora.

vanity that makes them value accomplishments more than virtues. (Wollstonecraft, 2007)⁶

A historiadora Andréa Lisly Gonçalves (2006) intui que o século XIX é considerado o “século do feminismo” não apenas pelas manifestações coletivas das mulheres, como congressos e convenções⁷, mas também pelas mudanças silenciosas deflagradas na época. No início da economia capitalista, a nascente industrialização exigia quadros administrativos e uma esfera de comercialização na qual a presença da mulher era imprescindível.

De forma lenta, a figura feminina começava a entrar no mercado de trabalho. Todavia, Gonçalves (2006) lembra que a entrada das mulheres no espaço de trabalho ocorreu entre avanços e retrocessos. A presença da mulher na esfera pública nem sempre coincidia com as orientações dos movimentos feministas da época. Vale lembrar que a lenta ocupação da figura feminina em outros ambientes além do doméstico, acontecia no século XIX, um período de valorização da família tradicional e da individualidade burguesa. Em nenhuma outra época registrada, houve tantos mecanismos para cercear os sentimentos e as sensações, especialmente de mulheres. O que pode ser demonstrado pela proliferação de códigos de etiqueta publicados no período.

Essa nova ordem, conservadora e individualista dos tempos vitorianos, se confrontava com os movimentos coletivos feministas que começavam a se configurar na época. O que leva a crer que a história das lutas pelos direitos das mulheres não tem uma evolução linear, onde as conquistas se realizam paulatinamente com o decorrer do tempo, mas, ainda assim, muitas mulheres conseguiram ultrapassar os obstáculos das convenções da época, em busca da emancipação.

Um bom exemplo é o considerável número de jornais fundados por brasileiras ainda no século XIX. Os periódicos em questão buscavam

⁶ As mulheres foram permitidas a remanescer na ignorância, e na dependência escravizante, por muitos, muito, muitos anos, e ainda nós não ouvimos nada além de seu prazer carinhoso e do balanço, de sua preferência pelos ancinhos e soldados, da sua ligação infantil aos brinquedos, e da vaidade que lhes traz mais realizações do que virtudes. Tradução da Autora. O livro pode ser acessado na internet pelo endereço: <http://www.bartleby.com/144/12.html>

⁷ Em 1948, foi realizada em Nova Iorque a *I Convenção para o Direito das Mulheres*. O evento ficou conhecido como marco inicial do feminismo no Ocidente.

esclarecer as leitoras e até mesmo fazer reivindicações pela educação feminina e igualdade política. Muitos jornais foram criados por mulheres conhecidas pelas idéias avançadas para época, como Francisca Senhorinha Mota Diniz, que fundou a publicação *Sexo Feminino*, em 1873. Senhorinha considerava as mulheres mais capacitadas para as atividades acadêmicas do que os homens, por elas serem mais pacientes. Outra dona de jornal notável foi Josefina Álvares de Azevedo. Em 1888, ela fundou periódico *A Família*. Josefina acreditava se tratar de um absurdo o fato de o homem ser reconhecido como a autoridade familiar. Além disso, era também favorável ao voto feminino e à elegibilidade da mulher, numa época em que o Brasil ainda era governado pela Monarquia. (TELLES, 2006)

Isso demonstra que há muito tempo a escrita, pessoal ou não, serviu como uma aliada para a expressão das lutas femininas, embora seja preciso levar em consideração que jornais e livros, especialmente no século XIX, eram produzidos e destinados a um segmento muito pequeno da sociedade brasileira: a mulheres de classe média e alfabetizadas. Ainda assim, as mulheres das classes populares do país serviam de pauta para publicações femininas da época. De acordo com a historiadora Norma Telles (2006), o periódico *Corymbo*, fundado pelas irmãs Revocata He-loísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, parabenizou as mulheres proletárias do Rio de Janeiro por fundarem a Liga Feminina Comunista em 1919.

Após a metade do século XX no Brasil é difícil encontrar um meio impresso destinado às mulheres que congratularia um movimento de mulheres de esquerda. O período em questão é a época em que jornalismo empresarial foi substituindo a tradição política-literária da imprensa. Os comentários, as polêmicas e as críticas cederam espaço para uma informação “imparcial” e “objetiva”, separada graficamente dos textos opinativos.

O jornal, que antes era um veículo para experimentação estilística e expressão de ideologias, torna-se um gênero de estabelecimento de verdades. Comandado por grandes empresas, a imprensa também deixa de ser um espaço para manifestações de mulheres em busca da emancipação. Na década de 1950, por exemplo, matérias da revista *Querida*, parece ser um prolongamento dos códigos de etiqueta disseminados no século XIX. A revista orientava as mulheres em relação às formas de

“fisgar” e manter um marido, legitimando muitas vezes os papéis femininos desempenhados na época como naturais.

Lugar de mulher é o lar (...) a tentativa da mulher moderna de viver como o homem durante o dia e como mulher durante a noite, é a causa de muitos lares infelizes e destruídos. (...) felizmente, porém, a ambição da maioria das mulheres ainda continua a ser o casamento e a família. Muitas vezes, no entanto, almejam levar vida dupla: no trabalho e em casa, como esposa, a fim de demonstrar aos homens que podem competir com eles no seu terreno, o que frequentemente as leva a um eventual repúdio de seu papel feminino. Procurar ser à noite a esposa e mãe perfeitas e funcionária exemplar durante o dia requer um esforço excessivo (...) o resultado é geralmente a confusão e a tensão reinantes no lar, em prejuízo dos filhos e da família. (Querida nov.1954, *apud* BRASSANEZI, 2006, p. 624)

Já na década de 1960 e no início dos anos 70, embora alguns países ocidentais já experimentassem o estopim da revolução sexual, Duarte (2005), ao discorrer sobre a revista *Claudia*, demonstra que a dita imprensa dita feminina do período ainda utilizava discursos para desqualificar certos objetivos dos movimentos feministas, que estimulavam a mulher a ter uma vida pública, independente do marido.

Claudia, por sua vez, continuaria se dirigindo à mulher dona de casa que, assim como ela, envelheceu e viu suas ilusões sobre o casamento perfeito desmoronarem, sentindo-se insegura pelo desprestígio de suas funções. Teria de enfrentar a ameaça das mulheres mais jovens que poderiam “lhe roubar o marido” (...) Para apaziguar as angústias, *Claudia* se transformaria na amiga conselheira, fornecendo pequenas dicas sobre a vida cotidiana, a educação dos filhos e, principalmente, conselhos para “estreitar o relacionamento com o marido” e para alcançar um “casamento feliz”. (DUARTE, 2005, p 31)

O fato de as lutas femininas não estarem refletidas nos grandes veículos de comunicação não implica, de forma alguma, que o movimento feminista se encontrava em estado de hibernação.

Conforme já foi dito, a partir dos meados dos anos 70, o tema “feminismo” explodiu nas esferas da opinião pública. No Brasil, o marco,

foi em 1975, ano definido como internacional da mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU). Mas essas discussões não eclodiram do nada. Anos antes já se experimentava no Brasil as transformações da época. Os ideais da contracultura e da luta das minorias étnicas e sociais colocavam em cheque a sociedade do homem branco, adulto e heterossexual.

Não se pode também deixar de mencionar que, com a disponibilização de pílulas contraceptivas no início dos anos 60, pôde-se separar, pela primeira vez na história, a sexualidade feminina da reprodução, o que permitiu outras percepções acerca da condição feminina: a mulher não era mais obrigada a cumprir o tão naturalizado papel de mãe.

Embora os temas relacionados à condição feminina e às lutas pelos direitos das mulheres tenham encontrado força nos debates públicos durante as décadas de 1970 e 1980, o mesmo não aconteceu nas décadas seguintes. As discussões voltaram a se restringir quase exclusivamente às integrantes dos movimentos feministas. Como se o tema feminismo tivesse sido um modismo, ou como se as questões referentes à luta das mulheres tivessem sido superadas, em função do aumento de ocupação feminina no mercado de trabalho e de uma “certa” liberdade sexual concedida à mulher.

Mas, como bem se sabe, as opressões contra a mulher no Brasil não cessaram. Temas como aborto e homossexualidade permanecem como tabus e os números de casos de violência contra a mulher continuam altos. Uma pesquisa⁸ realizada pelo Datasenado em 2005 constata que 15% das mulheres brasileiras já viveram ou vivem algum tipo de violência doméstica.

2.1.2 O boom dos escritos memorialísticos nas décadas de 1970 e 80

As discussões acerca da condição feminina trouxeram ao público uma série de obras tendo como ponto de partida a vida íntima de mulheres. O interesse pelas vidas das mulheres também é refletido no aumento do número de estudos das ciências humanas em relação à questão de gênero. Gonçalves (2006) atribui à “fase mais heróica do movimento

⁸ A pesquisa pode ser acessada na página <http://www.patriciagalvao.org.br>

feminista” – as décadas de 1970 e 1980 – a ebulição de tais investigações.

Uma das razões para a proliferação de tais obras é, além da supracitada elevação da intimidade como parte do político, é o caráter hedonista da sociedade da época, que buscava mergulhar em si, a fim de conhecer as próprias subjetividades. Era também uma oportunidade para as mulheres se despirem ao olhar público sem constrangimento.

Nesse momento, a tônica das narrativas tem menos preocupação de criar uma literatura feminina e mais tentativa de recompor o mosaico de vidas expostas agora numa sociedade mutante. Os estilos de escrita são os mais variáveis possíveis. O que interessava era apossar da palavra, utilizar a liberdade, pouco a pouco, conquistada, marcar presença no mundo em transformação. (DUARTE, 2005, p 62)

Todavia, o crescente interesse da época pelas autobiografias, não pode ser somente explicado pela popularização do feminismo no âmbito público, pois, ainda nos dias de hoje, há um interesse pelos relatos das experiências de vida, tanto de homens, quanto de mulheres. Viana (1995) também atribui à escrita de memórias femininas à necessidade de comunicação entre as pessoas, diante dos meios de comunicação de massa do período onde os espectadores, ouvinte e leitores eram quase passivos.

Dessa forma, o relato das experiências de vida romperia como o silêncio imposto pela mídia. No entanto, a autora reconhece que essa função da escrita da memória, em se tratando das autobiografias publicadas no período citado, é falha. Afinal, os relatos circulam em forma de livro num país onde o hábito de leitura é restrito, principalmente, ao meio intelectual.

A necessidade de comunicação, apontada por Viana, é também descrita pelo sociólogo Richard Sennet (1998), quando analisa a sociedade da década de 1970. O autor elucida o caráter paradoxal da época, onde as pessoas buscam um ideal de sinceridade e comunicação, ao mesmo tempo em que vigiam e julgam umas as outras.

Em outras palavras, a comunidade tem uma função de vigilância. Mas como poderia ela ser também um lugar onde as

peessoas pudessem ser abertas e livres umas com as outras? É exatamente esta contradição que cria os papéis peculiares a serem desempenhados na vida comunitária moderna, papéis em que as pessoas tentam ser ao mesmo tempo, emocionalmente abertas umas com as outras, e vigilantes umas das outras. (SENNETT, 1998, p 366)

Quanto à qualidade das obras publicados na época, Viana (1995) critica a preferência das editoras e do público leitor pelo espetacular, o grandioso. Ela acredita que em função disso as poucas mulheres que se fizeram registrar na história “pelo caminho avesso da marginalidade e do desafio” (VIANA, 1995, p 85). As editoras têm interesse em publicar – e o público tem interesse de ler – histórias de vidas espetaculares ou daquelas já conhecidas no âmbito público: como atrizes, ou mulheres ligadas a homens publicamente conhecidos.

A importância dos relatos de mulheres à margem do espetáculo serve também como um alicerce para preservação das memórias, dos hábitos e dos costumes de uma sociedade. Mas como nem sempre as banalidades do cotidiano pareciam interessantes para as editoras da época as vozes de muitas mulheres continuaram silenciadas.

Trata-se apenas de manter a memória dessa sociedade para que se possa compreender no futuro seus agentes transformadores. Trata-se, ainda, no caso da memorialística feminina, de perceber, através da experiência de vida narrada, o processo evolutivo do modo como a mulher foi utilizada na conformação da sociedade. (VIANA, 1995, p 95)

2.2 Do papel, às telas do computador: um novo espaço para a intimidade

Se para publicar as autobiografias, as mulheres dependiam das aspirações das editoras, com as novas tecnologias da internet, qualquer pessoa com acesso à rede teria oportunidade de manifestar-se em público livremente. Desde o início da popularização do ciberespaço, uma série de relatos pessoais em forma de diários já começava a propagar-se pela

rede⁹. As possibilidades garantidas pelas tecnologias do ciberespaço fazem com que os pólos de emissão, antes restritos aos grandes meios de comunicação de massa, sejam liberados. “Esta liberação do emissor (relativa, como toda liberdade, mas ampliada em relação aos *mass media*) cria o atual excesso de informação, mas também possibilita expressões livres, múltiplas.” (LEMOS, 2006, p. 2)¹⁰.

Mas foi somente a partir de 1999, época em que a ferramenta do *weblog* foi criada, que o fenômeno da escrita do eu *online* ganhou notabilidade. Uma das razões para o amplo uso do *weblog* é a facilidade para atualização e postagem garantida pela ferramenta. Os usuários não precisam ter conhecimento sobre as linguagens próprias para criação e manutenção de endereços na internet. Além disso, trata-se de um *software* gratuito, onde o internauta pode manifestar-se como bem entender, sem cortes ou censuras.

No entanto, não se pode esquecer a exclusão digital vivida por boa parte dos brasileiros. Embora o pólo de emissão de comunicação no ciberespaço esteja liberado, é necessário levantar o questionamento: quem realmente tem acesso à internet? Um grupo bastante restrito. Logo, mesmo que os ciberdiários sejam um espaço sem aparente censura, não se pode ignorar que essa “liberdade” é um benefício para poucos.

2.2.1 As rupturas do novo suporte

Ao contrário do que pode pensar o senso comum, *weblog* não é sinônimo de diário virtual. A pesquisa feita por Schittine (2004) conclui que grande parte dos autores, tem horror a ter o *weblog* definido como

⁹ Exemplos de diários virtuais surgidos no início da década de 1990 podem ser conferidos no trabalho *Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*, dissertação de mestrado comunicação de Rosa Meire Carvalho de Oliveira na Universidade Federal da Bahia. Disponível no endereço: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.html#tex2html8>. Acesso em 26.10.2006

¹⁰ “A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet”, trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Comunicação. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18835/1/2002_NP8lemos.pdf. Acesso 15.06.2006

um diário, o que reflete o desprezo histórico relacionado a gêneros de memórias.

Todavia, mesmo os *weblogs* que abordam assuntos completamente distintos da vida íntima do(a) autor(a) apresentam textos que passam pelo crivo subjetivo do(a) usuário(a), apresentando uma determinada realidade pelo ponto de vista pessoal do(a) autor(a).

Dos mais pessoais aos mais exteriores, a temática apresentada nos *weblogs* é híbrida, ora oscilando entre os relatos da vida íntima, ora como veículo informativo de acontecimentos e imbricado da opinião do autor. É curioso observar como o diário representa a hibridização entre as esferas do público e do privado. Pois o gênero não se fecha nem somente nas experiências vividas pelos "blogueiros", nem também apenas nos aspectos cotidianos exteriores comentados por eles.

A seção "*Que blog é esse*" do *weblog* analisado por essa pesquisa, *Licor de Marula com Focos de Milho Açucarados*, reflete bem os aspectos múltiplos do que é publicado na página.

Mas o blog, que começou como uma brincadeira, continua sendo feito somente por diversão. Ele é adolescente, é mulherzinha, homenzarrão, é diário, é taradinho, é ficção e realidade. E ele vai mudando... De endereço, de cara, de gente. Gente que me leva junto, que vai embora cuidar da vida, gente que volta depois. Mudo eu, mudamos nós, mudo o foco quando desfoco. Por aqui, só não mudo o meu corte de cabelo.¹¹

Mais do que veículos de temáticas variadas, que vão além da escrita do eu, os *weblogs* são por excelência um veículo onde a linguagem é híbrida. Os blogueiros não constroem as suas identidades apenas pelos relatos escritos. As possibilidades de comunicação estabelecidas no ciberespaço permitem que as pessoas se relatem pela rede usando não só o texto, mas imagens, sons e vídeos. Nas páginas pessoais, além de palavras, cores, fotos, músicas e vídeos também podem apresentar características das construções identitárias reveladas na internet.

A linguagem híbrida não é privilégio dos diários *online*. Se nos *weblogs* as pessoas se inscrevem fazendo o uso de imagens, o mesmo pode ser feito em diários convencionais. Em seu diário, a pintora Frida

¹¹ Disponível em <http://www.alefelix.com.br/info.html>. Todos os trechos desse *weblog* citados nesse trabalho foram acessados e recolhidos no dia 28.04.2007.

Kahlo se utiliza muitas vezes de rascunhos e desenhos para expressar as subjetividades das suas emoções. A obra é uma prova de que os relatos do eu não se restringem apenas às palavras. O tremor da caligrafia de Frida Kahlo nas últimas páginas diz tanto quanto, ou até mais, sobre a desintegração física e emocional pela qual ela passava no fim da vida, do que as frases escritas no diário.

Ao contrário dos diários, os *weblogs* não podem apresentar o texto manuscrito ou rabiscos pessoais de cada autor, pois contam com uma tipografia padronizada que dificulta o registro diferenciado da memória pessoal. Mas os usuários acabam também construindo sua identidade no ciberespaço através de aspectos gráficos. “Palavras, cores, pintura, foto, todos os elementos retratados em *blogs*, *fotologs* e sites passam a fornecer um tipo de identidade para as pessoas. Não mais o meramente físico, mas, sobretudo psicológico.” (MEUCCI, MATUCK, 2007, p 4)¹²

Outra consequência da escrita *online* é que, enquanto nos registros manuscritos o(a) diarista não pode apagar e mudar o que escreveu, pode arrancar páginas e rasurar, o que deixará provas das censuras, nos ciberdiários os(as) autores(as) podem sempre reescrever, transformar, editar e apagar as memórias, sem que os leitores menos atentos percebam.

Para o filósofo Pierre Lévy (1999), as informações e as significações dos textos são efeitos do suporte. Partindo desse pressuposto, há de se considerar que a escrita de si *online* não é simplesmente uma versão publicizada dos diários analógicos. Os *weblogs* incorporam elementos do meio onde estão imersos, como o tempo real, as interconexões do hipertexto¹³, que ligam a página ao resto da rede através de *links* e o próprio caráter público próprio do ciberespaço.

Traduzir antigos saberes em novas tecnologias intelectuais equivale a produzir novos saberes (...). A ilusão consiste em crer que haveria “conhecimentos” ou “informações” estáveis que poderiam mudar de suporte, ser representadas de outra forma ou

¹² *A criação de identidades virtuais, através das linguagens digitais*, trabalho apresentado no NP08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação durante o XX-VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18835/1/2002_NP8lemons.pdf. Acesso 17.06.2006

¹³ Textos onde há referências internas para outros documentos.

simplesmente viajar guardando ao mesmo tempo a sua identidade. (LÉVY, 1999, p 184)

Se os diários analógicos são privados, não apenas na medida em que escapam aos olhares do outros, mas também por serem uma obra que, em geral, é fechada na figura do(a) autor(a), os *weblogs* são abertos ao público e o seu conteúdo é interligado por *links* e referências próprias do hipertexto. Mas vale lembrar que o hipertexto não é invenção da cibercultura. Um texto acadêmico, por exemplo, é uma espécie de hipertexto, pois é uma escrita que referencia outras. O que diferencia o hipertexto *online* é a velocidade pela qual se tem acesso às referências, em apenas um clique se pode ter acesso a outros textos.

No caso dos *ciberdiários*, o hipertexto funciona muitas vezes para tecer uma nova rede de sociabilidade entre vários *weblogs*. A vida íntima, as opiniões e impressões de pessoas que integram a bloguesfera¹⁴ acabam de certa forma entrando para as discussões da esfera pública de um determinado grupo. Na página *Licor de Marula com Focos de Milho Açucarados* a comenta sobre a o *weblog* e a vida de um casal de amigos. “Quando soube que o casal tinha um *blog* achei que estaria repleto de pornografia e bizarrice, mas foi uma decepção. (...) O máximo que vocês vão encontrar lá é um selo sobre masturbação.”¹⁵

Quando o sociólogo John B. Thompson (2002) fala sobre a transformação da visibilidade, ele atenta para o fato de que os indivíduos comuns podem sentir um certo grau de familiaridade com os líderes políticos e as celebridades que aparecem cotidianamente na mídia, especialmente a televisão. Com as novas possibilidades oferecidas pela rede é possível fazer com que várias pessoas anônimas sintam familiaridade umas com as outras sem sequer precisarem se conhecer pessoalmente. Este fato acaba favorecendo formações de grupos de blogueiros que encontrem afinidades uns nos outros.

As razões para um determinado número de usuários de *weblogs* formarem uma espécie de comunidade são variadas. Mas as necessidades de encontrar pessoas emocionalmente parecidas, com os mesmos gostos e a mesma visão de mundo, pode explicar esse agrupamento. Muito antes da popularização da internet, o sociólogo Richard Sennett (1998) já

¹⁴ Termo usado para definir a comunidade dos blogs.

¹⁵ Disponível em <http://www.alefelix.com.br/arquivo/2003/05/afilhados.html>.

falava sobre esse tipo de noção de comunidade, onde a existência estava na crença de que as pessoas devem ser abertas umas às outras.

A idéia de comunidade que está envolvida aqui é a crença de que quando as pessoas se abrem umas com as outras cria-se um tecido que as manterá unida. Se não há abertura psicológica, não pode haver laço social. Este princípio de comunidade é o próprio oposto da comunidade “sociável” do século XVIII, onde aquilo que as pessoas compartilham eram disfarces e máscaras. (SENNETT, 1998, p 274-5)

Os *weblogs*, quando se revelam em forma de diários íntimos, potencializam essa demanda social onde para se formar comunidades há uma necessidade de ser autêntico(a). Todavia, ao mesmo tempo, ninguém pode garantir que aquilo que se mostra como “real” no ciberespaço não se trata de disfarces e máscaras.

A garantia do anonimato permite que qualquer pessoa possa representar-se na rede de forma não compatível à realidade, muitas vezes passando uma imagem a qual gostaria de ter. Schittine (2004) lembra que até os diários analógicos, mesmo quando fechados em si, apresentam um certo caráter ficcional. Para a autora, a escrita íntima oscila entre a sinceridade absoluta e a mais pura ficção. A falta de veracidade do relato nem sempre se dá de forma consciente, ela pode ser observada nas falhas da memória, nas pequenas mentiras e nas lembranças difusas.

O registro do “eu” serve muitas vezes como veículo para o indivíduo traçar o perfil que gostaria de ter, ou pelo menos aparentar ter. Quando ele se insere na esfera pública, imediatamente este caráter é acentuado. Escrever um *weblog* envolve um diálogo imediato com os leitores, que, por sua vez, muitas vezes também são autores de suas próprias páginas pessoais.

Em sua página pessoal, Alessandra Félix, a criadora do site analisado por este trabalho, relata que seu *weblog* também serve como ponte para conhecer novas pessoas.

A impressão que eu tenho é que, além de proporcionar um processo de autoconhecimento importante para quem escreve, ele [o *weblog*] ainda traz bons amigos, uma melhora significativa na forma que nos expressamos e gera uma necessidade automática de vivermos com intensidade. Eu não sei quanto a vocês,

mas quando eu sento para escrever e nada me vem à cabeça, tenho uma sensação desesperadora de que nada acontece na minha vida. Sinto vontade de correr para a rua em busca de algo¹⁶

Ao falar da necessidade de ter uma vida intensa, Alessandra parece se obrigar a buscar ter experiências mais fortes, para relatar no *weblog*, mostrando para os leitores – e para si mesma – o quão intensa são a sua vida e os seus pensamentos.

Quando Sennett (1998) discorre sobre a noção de comunidade, afirma que ela está vinculada a uma noção de personalidade coletiva. Aplicando este conceito nas comunidades formadas por ciberdiaristas pode-se considerar que há um imaginário compartilhado nesses grupos, quanto mais esse imaginário dominar a vida dos grupos mais fechado ele será.

Os *weblogs* mencionados por Alessandra, por exemplo, na maioria das vezes, são de pessoas que guardam muitas semelhanças com ela: mesma faixa etária, mesmo gosto para consumo cultura, mesma classe social e mesma posição política etc. A própria ciberdiarista estudada vê o universo dos *weblogs* como ambiente propício para formação de comunidades fechadas. “Pena que tudo isto está tão vinculado ao nosso ego. (...) Temo que ele se transforme em um lugar como outro qualquer, cheio de grupinhos fechados, discriminação, rixas, ataques de vaidade, inveja e afetação de estrelas.”¹⁷

O agrupamento de várias pessoas na rede pode também significar um oportunidade para um determinado grupo se unir em busca de alcançar seus interesses coletivos. Todavia, na bloguesfera, na maioria das vezes, a comunidade se define muito mais como “um ser coletivo” e não como uma ação coletiva.

2.2.2 A mulher no ciberdiarismo

Mas como a escrita feminina se posiciona diante deste novo gênero, aberto a todos? Os *weblogs*, assim como os diários, também são associados muitas vezes às mulheres, especialmente as mais jovens. Às

¹⁶ Disponível em http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/12/cuidado_com_seu_blog_cuidado_c.html.

¹⁷ Op cit. http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/12/cuidado_com_seu_blog_cuidado_c.html

adolescentes do sexo feminino, cabem os descréditos de que *weblogs* são veículos menores de comunicação, o que reflete o preconceito relacionado a jovens e mulheres.

Quando se fala em páginas pessoais como sinônimos de diários, é comum logo pensar em páginas femininas de adolescentes com *design* repleto de referências a ícones pops do universo infanto-juvenil, aliado a uma escrita infantil¹⁸ sobre temas pessoais e fúteis. Na própria comunidade de *weblogs* esse preconceito é claramente demonstrado: “É tão comum que a gente pode entrar num desses blogs de adolescentes histéricas e ler alguma coisa do tipo: *“nussa, deu maior beoh na balada. ateh expulsaram uma miga minha la. neh ju? rs*”*”¹⁹

Mas muitos *weblogs*²⁰ demonstram que páginas pessoais de adolescentes não são um poço de superficialidade. Fugindo do senso comum, Denise Schittine (2004) afirma que a escrita de si *online* devolveu às pessoas adultas o hábito de escrever na forma de diários. Ao falar sobre algumas páginas pessoais desenvolvidas por mulheres já adultas, a estudiosa mostra que a intimidade parece ser sempre pauta.

O erotismo, o exibicionismo, a intimidade escancarada, impudica, ou mesmo a intimidade *naïve* dos problemas amorosos de mulheres fizeram aflorar no espaço público e unissex da internet um discurso íntimo feminino. Um discurso que passa das páginas de revistas femininas para o diário íntimo exposto em rede. (SCHITTINE, 2004, p 103)

Embora a autora veja a internet como um ambiente unissex, o mesmo não é dito por muitos idealizadores do ciberespaço. O romancista William Gibson, por exemplo, autor que cunhou o termo ciberespaço, descreve que a internet era um território eminentemente masculino. (*apud*,

¹⁸ Uso o termo linguagem infantil para definir uma forma de escrita bastante corrente na internet onde é comum a alternância dos caracteres entre as formas maiúscula e minúscula e a troca de letra como o “s” pelo “x” e o “o” pelo “u”. Exemplo: OiX mEuX aMoRiXxXxX! Eu XoU a MAiX nOvA iNtEgRaNtE dO KEiMa U aRrOiX! Texto disponível no weblog: <http://queimaoarrozjesus.blogspot.com.br/>

¹⁹ Disponível em http://www.lacucaracha.blogspot.com.br/2005_10_01_archive.html.

²⁰ Nos EUA, um dos weblogs mais visitados é o da adolescente, de 16 anos, americana Ana Lowery, <http://peacetakcourage.com>. Em sua página a jovem tece críticas ao governo Bush e inicia uma campanha ontra a guerra do Iraque.

OLIVEIRA, 2007)²¹. O escritor descreveu, sob a forma de ficção, este novo espaço no romance *Neuromancer*, escrito em 1984, num contexto em que a internet ainda não era nada popularizada.

Na obra de Gibson, o ciberespaço seria experimentado por bilhões de indivíduos em todo o mundo, o que caracteriza o caráter público do novo ambiente. Desde o início deste trabalho, tem sido reiterado que a construção da posição social da mulher está corriqueiramente ligada à vida privada. Não é de se espantar que quando o ciberespaço foi pensado nas páginas do romance, a mulher seja excluída do novo ambiente.

Todavia, a exclusão feminina no ciberespaço fica nas páginas de ficção. Nos meados da década de 1990 nasce o movimento do cyberfeminismo, que busca se opor a idéia de Gibson de que a internet é um território masculino. De acordo com Oliveira (2007), o movimento nasceu entre artistas brancos da Austrália, Europa e Estados Unidos. A idéia era construir um novo feminismo com as novas possibilidades de sociabilidade da rede: onde o corpo é ausente e as identidades são fluídas.

A negação do corpo e das identidades fixas do cyberfeminismo encontrou oposição de várias correntes dos movimentos feministas, não conseguindo dialogar com os movimentos de identidade étnica, por exemplo. (OLIVEIRA, 2007) Afinal, se a questão da fluidez da identidade admite um sujeito desterritorializado, sem raça, sem cor e sem nação, ela também pode por em xeque a própria identificação feminina.

De acordo com Schittine (2004), os campos que marcam a diferença dos indivíduos, como a cor da pele, os hábitos e o sotaque, desaparecem na rede. Portanto, no ciberespaço as próprias relações de grupo se tornam mais fluídas.

As regras que determinam quem se integra ou não num determinado grupo são mais fluidas e propensas a serem ultrapassadas, e por isso, os grupos se interpenetram. Os pontos de referência para a diferenciação entre os indivíduos, (...) desaparecem no campo virtual porque falta o olhar dos que julga. (SCHITTINE, 2004, p 97)

²¹ “*Cyberfeminismo x feminismo: o que as mulheres fizeram com os blogs da web?*”, artigo de Rosa Meire Carvalho de Oliveira disponível no site: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/R/Rosa_Meire_Carvalho_de_Oliveira_36.pdf. Acesso em 23.01.2006

Embora as características étnicas fiquem mais obscurecidas na rede num primeiro momento, os discursos inscritos no ciberespaço podem mostrar características próprias dos internautas, que podem inserí-los em determinados grupos virtuais não tão fluídos assim.

Não se podem subestimar as auto-representações dos ciberdiaristas em detrimento de suas características físicas. Um militante do movimento negro, por exemplo, pode utilizar a rede como veículo de manifestação das suas bandeiras, estabelecendo relações com aqueles que simpatizam com as suas causas e encontrando a indiferença dos que não se identificam com o movimento.

No caso das auto-representações de mulheres, sejam militantes feministas ou não, é fácil encontrar discursos identificantes de temática relacionadas a questões femininas. O que não significa que os assuntos abordados nos *weblogs* femininos sejam limitados.

No *weblog Licor de Marula com Focos de Milho Açucarados*, Alessandra Félix não se restringe a discutir os clichês do dito “universo feminino”, ela fala de sexo, política, cotidiano, atualidades, política, futebol etc. Mesmo não se tratando de uma página feminina – muito menos feminista –, Alessandra não ignora a sua condição como mulher, ora incorporando alguns dos (pre)conceitos estabelecidos como próprios da natureza feminina, ora questionando. “Não sei se isto acontece com todas as mulheres, mas eu às vezes preciso chorar até lavar a alma. Aliás, esta deve ter sido uma expressão inventada para explicar sentimentos femininos.”²²

Os *weblogs* retomam a discussão das construções identitárias das mulheres feitas por relatos autobiográficos nas décadas de 1970 e 1980. A grande diferença está na maior possibilidade de acesso para efetuar a comunicação do eu. O que não significa que as mulheres apresentem um discurso mais politizado, do que as autobiografias lançadas há trinta anos. Mas mesmo nas falas não-militantes, o ciberdiário ainda mostra-se como um ambiente onde a mulher pode reivindicar um espaço para sua voz que assume e aborda uma identidade de gênero.

Todavia, como já foi elucidado, os ciberdiários femininos são estigmatizados como veículo de bobagens, o que faz recair sobre as mulheres e jovens a culpa pela banalização de alguns endereços do ciberespaço.

²² Disponível em http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/11/sobre_ontem_de_minha.html.

Mesmo quando *weblogs* femininos ganham uma certa notoriedade nacional, o que é destacado são os aspectos espetaculares dos relatos. A mesma crítica feita por Viana (1995) em relação ao conteúdo das autobiografias publicadas há alguns anos, também pode ser feita em relação aos ciberdiários que ganham notoriedade na grande mídia.

O baixo nível intelectual da sociedade brasileira, de certa maneira, faz com que ela se torne cultora do grandioso, do espetacular, de maneira que o depoimento de vida, para depositar interesse, deve ser também espetáculo. (VIANA, 1995, p 85)

Um exemplo claro é o ciberdiário *Bruna Surfistinha*, escrito pela ex-prostituta Raquel Pacheco. O *weblog*, que conta em detalhes as experiências de Raquel como prostituta, virou fenômeno midiático, tendo sido publicado em forma de livro com o título *O doce veneno de escorpião*. A história de Raquel Pacheco parece inserir no mito da Cinderela moderna a representação feminina de objeto sexual. Bruna Surfistinha, como é chamada desde a época, ora é lembrada como símbolo sexual, sob o fetiche da ex-profissão, ora como destruidora de lares – ela hoje vive com um ex-cliente que era casado quando se conheceram – ora como uma Cinderela bem sucedida que ao conhecer o “príncipe encantado” deixa a profissão de prostituta. Poucos pensam Raquel Pacheco como uma mulher dona e responsável pelo próprio corpo.

O *weblog* de Bruna Surfistinha continua a existir. Agora, Raquel tece relatos sobre o cotidiano com o marido e os 15 minutos de fama. Quem espera encontrar histórias da vida sexual da ex-prostituta pode se decepcionar. Após o casamento, a Bruna que falava e gostava de sexo cedeu lugar para Raquel Pacheco, cujo corpo parece pertencer agora ao marido e não mais a ela. Quando ela comenta sobre o atual relacionamento, sempre faz de forma romântica e idealizada. É curiosa a forma de como o *weblog* Bruna Surfistinha, após a aposentadoria de Raquel, se relaciona com diários antigos – nas devidas proporções – onde o amor parece estar calcado apenas em bases espirituais e o corpo é silenciado.

Isto é, um amor com atestado de garantia firmado em bases espirituais “até o fins dos fins”, já que o corpo era indizível. Não se admitia reconhecer numa relação o componente erótico, o prazer do jogo da conquista, as afinidades sexuais, enfim, a participação do corpo nas relações entre a mulher e o homem. (VIANA, 1995, p. 101)

2.3 Entre a auto-afirmação e o narcisismo

Exemplos como o *weblog* de Bruna Surfistinha são usualmente citados quando se fala da rede como um veículo de exibicionismo. Mas quando se trata da escrita íntima é difícil estabelecer até que ponto o relato do eu é um sintoma do narcisismo ou de uma reivindicação de um espaço para a própria voz. Afinal, se, com a eclosão dos movimentos feministas, os aspectos da vida privada ganharam uma dimensão política, como discernir se os *weblogs* que revelam a vida íntima de seus autores são produtos de puro exibicionismo ou meios de auto-afirmação?

Quando se fala da eclosão do movimento feminista no Brasil, remetem-se logo às décadas de 1970 e de 1980. As décadas coincidem justamente com a época descrita pelo psicanalista Christopher Lasch (1991) como um período impregnado pela cultura do narcisismo. O narcisismo seria um fenômeno onde o indivíduo elege a si próprio como objeto de amor. Segundo o autor, cada era desenvolve suas próprias formas de patologias psíquicas, que expressam de forma exagerada as estruturas da sociedade em questão. A presença do narcisismo revelaria uma sociedade desiludida com as utopias coletivas, com os paradigmas éticos e filosóficos que nortearam o mundo no século passado. Desprovidos de crenças políticas, éticas ou filosóficas, os indivíduos são estimulados a voltar-se para o próprio individualismo e para a própria imagem.

Nas últimas décadas do século XX, assistiu-se ao nascimento de uma descrença em relação a alicerces de racionalidade que norteavam as sociabilidades da época, como as ideologias políticas que visavam a um futuro igualitário e a crença no inexorável progresso. A frase “Deus está morto, Marx morreu, Freud morreu, e eu mesmo não me sinto muito bem”, atribuída ao filósofo francês Alain Finkielkraut, resume o sentimento do período.

A crescente valorização do “eu” consagrou a individualização e o hedonismo e instaurou uma nova forma de temporalidade dominada pelo presente e efêmero, onde a expressão *carpe diem* parece ser lei.

To live for the moment is the prevailing passion – to live for yourself, not for your predecessors or posterity. We are fast losing the sense of historical continuity, the sense of belonging to a succession of generations originating in the past and stretching

into the future. It's the waning of historical time (LASCH, 1991, p 5)²³

A pesquisa de Lasch parece contrastar com o momento pelo qual o Brasil passava: a sociedade civil buscava a redemocratização do país e diversos movimentos sociais – muitos deles feministas – se articulavam em torno de interesses coletivos. Todavia, no caso específico das lutas femininas, algumas correntes teóricas vêem o movimento como um desdobramento do individualismo moderno (RUBIM, 2007). Afinal, a luta política contra a opressão social e histórica vivenciada pela mulher, parte de questionamentos intrínsecos à subjetividade feminina. Portanto, um dos maiores desafios do movimento feminista é promover a articulação entre as dimensões da vida pública e privada das participantes.

As bandeiras políticas do feminismo envolvem, muitas vezes, questões da ordem íntima das mulheres: ter poder sobre o próprio corpo, a sexualidade – causas que também podem ser relacionadas diretamente com a intensificação do hedonismo na década de 1970 –, a luta contra a violência doméstica. Ou seja, questões vivenciadas por muitas mulheres, militantes ou não, cotidianamente. Para Gilles Lipovetsky (2004), grandes ideais políticos e valores universais parecem distantes para a sociedade da contemporaneidade, portanto, o indivíduo busca lutar pelo o que trará resultados mais palpáveis.

...investimos naquilo que nos é emocionalmente mais próximo, nos vínculos fundados sobre a semelhança e a origem comum, com os valores universalistas os grandes ideais políticos aparecendo como princípios demasiado abstratos, demasiados genéricos e distantes. A civilização do presente, ao arruinar as esperanças revolucionárias e focar a vida privada nas felicidades privadas, desencadeou, paradoxalmente, uma vontade de reconhecimento da especificidade conferida pelas raízes coletivas (LIPOVETSKY, 2004, p 96)

²³ Viver para o momento é prevalecer a paixão – viver para você mesmo, não para seus predecessores ou posteriores. Nós estamos perdendo rapidamente o senso de continuidade histórica, o senso de pertencimento a uma sucessão de gerações originadas no passado e estendidas no futuro. É o declínio do tempo histórico. Tradução da autora

É comum ver menções à emancipação da mulher como uma “revolução silenciosa”, pois muitas das subversões eram realizadas na esfera privada, muito antes das questões feministas serem abordadas pelos meios de comunicação de massa. Uma mulher apolítica pode transgredir certas opressões sofridas no ambiente doméstico procurando a libertação individual, sem pensar na própria transgressão como um ato político maior para coletividade, e, conseqüentemente, restringindo a libertação apenas para si.

A articulação feminista entre as dimensões pública e privada levantou discussões sobre a condição subjetiva de cada mulher, estimulando o autoconhecimento e o reconhecimento da multiplicidade de identidades femininas. O movimento fez com que a mulher olhasse para si, e eclodiu num contexto em que a sociedade se tornava cada vez mais individualista. Talvez por isso, o feminismo encontrou mais sucesso nas pequenas conquistas da vida privada, do que nas articulações coletivas para garantir institucionalmente direitos para todas as mulheres.

2.3.1 As performances identitárias nos *ciberdiários*

No livro *A cultura do narcisismo* (1991), Christopher Lasch afirma que diante do estímulo aos homens e às mulheres a passar por um processo de autoconhecimento, cria-se uma consciência do “eu” performático diante do olhar de conhecidos e estranhos. “All of us, actors and spectators alike, live surrounded by mirrors. In them, we seek reassurance of our capacity to captivate or impress others, anxiously searching out blemishes that might detract from the appearance we intend to project”²⁴ (LASCH, 1991, p 92)

O ciberespaço cria um ambiente de sociabilidade propício para a performance de várias identidades²⁵ frente ao olhar de todos. No caso dos *weblogs* escritos por mulheres, múltiplas identidades se revelam. É impossível identificar no fenômeno dos *weblogs* um arquétipo feminino

²⁴ Todos nós, os atores e os espectadores comuns, vivemos cercados por espelhos. Neles, nós procuramos o reconforto da nossa capacidade de cativar e impressionar os outros, ansiosamente procurando manchas que podem diferir da aparência que nós pretendemos projetar. Tradução da autora

²⁵ Levando em consideração as teorias de Judith Butler (2006) publicadas no livro *Problemas de Gênero*, onde as identidades são produzidas pelos discursos.

predominante, o que também pode ser explicado pela já referida valorização excessiva do individualismo. A bloguesfera parece potencializar o conceito de comunidade elaborado por Richard Sennett (1998), que apontava na sociedade da década de 1970 uma necessidade de cada indivíduo mostrar-se autêntico para manter e formar laços sociais.

Em relação aos *weblogs*, a autenticidade não está tão relacionada à sinceridade, mas sim com uma auto-representação distinta. Até porque, como já foi explicitado, em todo relato memorialístico há um grau de irrealidade. Um simples relato da vida cotidiana já é uma forma de ficcionalizá-la. Viana (1995) enfatiza que transformar a privacidade em ficção é uma forma de transformar a vida em arte. A autora, no caso, se refere especialmente às autobiografias. Todavia, para estudiosos do ciberespaço como André Lemos (2006), os ciberdiários representam a transformação da banalização da vida cotidiana em arte, pois a vida comum transforma-se em algo espetacular. Essa arte estaria ligada a uma emoção compartilhada, que aproximaria pessoas.

Com as webcams e os diários pessoais não estamos sozinhos quando olhos estranhos nos espreitam. Compartilhando a banalidade podemos suportar melhor a existência. E o mesmo acontece com aquele que é visto, já que ser visto é também estar junto. Revelar a privacidade é aqui um exercício que pode e deve permitir a conexão. No fundo estamos sempre lutando contra a solidão, contra o desencontro, contra o estranhamento. (LEMOS, 2006, p 12)

2.3.2 O tempo presente e a memória

Tecer um relato das lembranças em um diário provoca, inevitavelmente, uma fragmentação das memórias. O diário íntimo é uma obra sempre em construção, ele revela homens e mulheres se transformando, tendo novas impressões e novos sentimentos a cada dia. Mas, ao longo dos fragmentos, os diaristas se recompõem. É possível que, quando uma autora lê o diário anos depois de escrevê-lo, ela encontre na multiplicidade dos “eus” desdobrados ao longo dos relatos uma unidade. A unidade se faz quando a memória já está maturada, quando já existe um certo distanciamento do “eu” do presente em relação aos “eus” escritos anos antes. (DIDIER, 2002)

No caso da escrita íntima *online* não há tempo para maturação da memória. O(a) ciberdiarista se vê sempre na obrigação de atualizar as lembranças. Schittine (2004) acredita que o ato de escrever o presente, para usar como base no futuro, perde um pouco da validade no meio virtual. O fato de ser uma escrita em construção publicamente faz com que os(as) autores(as) dos ciberdiários tenham de dar satisfação ao público leitor sobre os acontecimentos diários.

Neste sentido, os diários íntimos *online* podem se aproximar mais do jornalismo do que das velhas escritas de memórias analógicas, onde o tempo de escrever é o tempo do(a) autor(a). Os ciberdiários se alimentam do novo, de um novo que precisa ser atualizado freqüentemente e traga alguma transformação para a vida do(a) autor(a). Quando não há novidade, se inventa, se ficcionaliza, o *weblog* acaba se tornando um hibridismo entre a escrita íntima e a literatura. No ciberdiário analisado por este trabalho, a autora conta a obsessão por sempre atualizar a página: “Ando escrevendo sem controle, já pensei em começar a fazer anotações nas paredes de casa para evitar esquecer uma idéia ou outra. Nunca acho papel e caneta quando preciso.”²⁶

A constante necessidade de atualização é influenciada pelo suporte. Para Lévy (1999), a informática consegue reabsorver um determinado tempo-espço e reorganizá-lo de forma permanente em tempo real. Isso acentua ainda mais a consagração do presente em detrimento do passado e do futuro. O ciberespço é um lugar de excelência para a veiculação das informações em tempo real. Para Lipovetsky (2004), a transição de uma economia de bem-estar social, para um capitalismo financeiro de circulação acelerada de capitais e transações econômicas cada vez mais rápidas valorizaram, contribui ainda mais para este novo *ethos* de viver cada vez mais o presente.

Se a sociedade neoliberal e informatizada não criou a mania do presente, não há dúvida de que ela contribuiu para a culminância disso ao interferir nas escalas de tempo, intensificando nossa vontade de libertarmos das limitações espaço-tempo. (LIPOVETSKY, 2004, p 63.)

Ao participarem dessa consagração do presente os ciberdiários se

²⁶ Publicado em 22.11.2002. Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/12/vicios_que_me_consomem.html

comparam ao jornalismo. Mas, em se tratando do conteúdo, os *we-blogs* se aproximam bem mais do jornalismo pré-empresarial do que do jornalismo contemporâneo ágil e mascarado com o discurso da imparcialidade. No começo deste capítulo a escrita feminina na imprensa do século XIX foi abordada. Nessa época, os jornais destinados a mulheres eram criados por outras mulheres que não pretendiam alcançar o lucro ou simplesmente difundir determinadas informações. Através dos seus jornais, pessoas como Josefina Álvares de Azevedo e Francisca Senhorinha Mota Diniz esperavam difundir a própria voz, buscando, de alguma forma, a emancipação feminina.

Os *weblogs*, em geral, são opinativos, completamente, mesmo aqueles baseados na vida pessoal do(a) autor(a), pois também é um espaço onde as pessoas podem difundir a própria voz. Alguns misturam escritos íntimos com literatura e poesias. Outros pouco revelam sobre a vida privada dos autores, podendo ser um *weblog* totalmente literário ou completamente político e informativo. Em todos os casos identificam-se mais com jornalismo pessoal e opinativo praticado no Brasil do século XIX.

Os ciberdiários, mais do que um veículo de narcisismo, podem se revelar como um meio de reivindicação de uma voz e uma identidade perante o público. No caso das mulheres, em que o direito à fala é historicamente tão castrado, os *weblogs* são um espaço onde elas podem falar e serem ouvidas. É verdade que o fenômeno nasceu imerso numa sociedade hedonista, despreocupada com os ideais coletivos. Mas a internet também é um meio para divulgar as vozes dissonantes. *Weblogs* como *A Vez Das Mulheres*²⁷ e *Cinderela se Rebelo*²⁸ são veículos onde a vida privada das autoras cede espaço para discussões sobre a condição da mulher, privilegiando o coletivo. Não se pode também desprezar o valor do privado, dos sentimentos afetivos, do sexo, do trabalho e das polêmicas suscitadas sobre as próprias subjetividades das mulheres, declaradamente feministas ou não. Expor-se é também uma maneira se impor. Impor as identidades, os questionamentos e as sexualidades. Enfim, impor-se como mulher.

²⁷ Disponível em <http://www.grupos.com.br/blog/a-vez-das-mulheres/> Acesso em 20.04.2007

²⁸ Disponível em <http://cinderelaserebela.blog.terra.com.br/> Acesso em 20.04.2007

Capítulo 3

Diálogo consigo, diálogo com os outros

Vinte anos e uma tela de computador separam os dois relatos pessoais analisados neste capítulo. Relatos que não podem ser comparados, por terem sido produzidos em momentos, contextos e suportes diferentes. Mas são escritas que dialogam, por se tratarem de uma forma de auto-representação.

No diário, vê-se uma auto-representação que dialoga com os pensamentos, as vivências, as sensações, os conceitos e os sentimentos da autora. Já no *weblog* o diálogo se amplia: impõe uma representação que não se relaciona apenas com as sensações íntimas da autora, mas também com os olhares e julgamentos dos leitores, que terão acesso aquele relato de forma imediata.

O diário que será analisado foi escrito no último trimestre de 1983 – período em que no Brasil era comum a publicação de relatos memorialísticos femininos. Ele nasceu numa época em que a autora passava por uma crise no final de um relacionamento amoroso, como descreve ela, em uma entrevista que me concedeu por e-mail¹ no dia 21 de maio de 2007.

Comecei a escrever os diários nesse período porque sempre relacionava a minha crise psicótica com o final de um outro namoro... Eu escrevia porque não me sentia à vontade pra dividir

¹ Bárbara não mora em Fortaleza e na época em que propus a entrevista ela preferiu fazê-la por e-mail.

com ninguém certos sentimentos... Acho que às vezes, eu nem chegava a fazer grandes confissões ao diário... Mas começar a escrever, seja lá o que fosse, já me fazia sentir melhor...

A idéia de usar o diário como ferramenta para purgar as dores remetem aos chamados Novos Diários de Século XX, das autoras Anais Nin e Virgínia Woolf. São escritas que também se propõem a resgatar uma identidade feminina (OLIVEIRA, 2007). No caso de Anais Nin, por exemplo, os diários escritos entre 1931 e 1974 e publicado em seis volumes, quando a autora ainda era viva, apresentavam uma jornada de descobrimento afetivo e sexual. Nesses escritos, mais do que a privacidade, o que interessava eram as possibilidades abertas pelos diários para que Anais Nin se compreendesse melhor.

Mas o desejo de Bárbara de não dividir os sentimentos naquele momento confere ao diário uma característica privada, fazendo-o diferir de forma substancial do *weblog Licor de Marula com Flocos de Mi-lho Açucarados*. Nele Alessandra Félix relata seus anseios e confissões misturados com ficção e relatos bem humorados sobre o cotidiano. O *weblog* é escrito desde outubro de 2002 – quando ainda se chamava apenas Amarula com Sucrilhos – e dura até hoje. Embora seja público, a autora nem sempre parece lidar bem com esta característica, mesmo quando os textos escritos são supostamente uma ficção.

Achei que [o *weblog*] fosse um palco – ainda acho que é. Mas o fato é que, qualquer que seja a peça, eles sempre revelam mais do autor do que ele permite. Mesmo quando tudo não passa de uma encenação, lá estão as confissões e as preciosas opiniões. Já não sei mais onde começa a história e onde acabam as estórias. Será que alguém sabe? Será que os narradores sabem? Quisera a regra da primeira pessoa fosse real. Quisera não fosse... Devia ter escrito os últimos meses em um caderno. Poderia agora atirá-lo em uma fogueira qualquer. Não quero deletar, deletar não deixa cinzas. Quero uma fogueira. Fogueiras são dramáticas e eu gosto do ritual, do drama, da cor e do calor. Não vejo graça alguma em apertar botões para fazer desaparecer. Se fossem folhas, rasgá-las em um instante de crise seria muito mais simples. Era mais simples...²

² Publicado no dia 28.08.2003 Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2003/08/bytes_de_narciso.html.

A escrita memorialística – seja secreta, seja pública ou fragmentada – também é um palco de representações. Representações que podem revelar identidades múltiplas e valores pessoais intrínsecos das autoras.

As questões que se impõem neste trabalho se direcionam em saber como essas duas mulheres se inscrevem e se representam para si e de que forma o suporte onde os escritos são produzidos influenciam nas construções das memórias. Não se pode também deixar de vislumbrar as imagens de identidades femininas construídas no diário e no *weblog*. Se o registro das memórias íntimas é usualmente ligado à mulher – mesmo que sejam memórias presas em um papel ao alcance de poucos –, é relevante apreender como essas imagens são construídas por elas mesmas dentro de escritas pública e privada.

Em *a Representação do Eu na Vida Cotidiana* (1985), Erving Goffman aponta que nas representações sociais os indivíduos tendem a incorporar valores e arquétipos oficialmente reconhecidos pela sociedade. O autor acredita que, dependendo das situações e do público ao qual se dirige, o indivíduo prestará papéis diferentes. Ou seja, as pessoas exercem diversas individualidades de acordo com os grupos sociais que lhes interessam interagir. Mas, quando o papel é representado numa escrita do eu, que pretende adquirir o caráter de íntima e verdadeira – como no caso da escrita diarística, da qual também descende a escrita do eu *online* –, a representação ganha ares de realidade e unicidade.

Uma das razões para escolha de um diário e um *weblog* para a análise é o caráter fragmentado das escritas e as possibilidades de se desenharem múltiplas identidades. Os escritos dos fragmentos do cotidiano são também uma tentativa de compor uma unicidade. Diferente de autobiografias ou livros de memórias, a identidade vai se construindo aos poucos no dia-a-dia.

No diário manuscrito de Bárbara, esse fato é acentuado, pois, ao contrário de diários publicados como os de Anaïs Nin e Frida Khalo, não há a edição ou as censuras. Caso houvesse, as páginas rasgadas deixariam marcas, e o silêncio seria percebido. No caso do *weblog* de Alessandra Félix, a situação muda, pois os textos podem ser deletados sem deixar registros da censura. No entanto, a característica de publicação imediata do suporte impede a autora de deletar os seus relatos da memória dos leitores.

A proposta deste capítulo é analisar, a partir dessas frações do co-

tidiano e das sensações dessas duas mulheres, a construção das suas realidades, seja para o olhar público, seja para elas mesmas. Partindo do pressuposto de que a escrita do íntimo – muito além de simples prosaísmos femininos – é também uma maneira de se posicionar no mundo.

O foco da análise será a escrita das duas autoras. Reconheço a importância de avaliar questões gráficas dos dois tipos de escrita, no entanto, considero necessário estabelecer um enfoque claro para tecer uma avaliação mais profunda. Além disso, tanto no diário, quanto no *weblog* analisado o que se sobrepõe são as palavras. No ciberdiário de Alessandra, ela não se revela pelas imagens, vídeos e arquivo de sons. Nesse espaço, o texto se sobrepõe bem mais que o *design* e as possibilidades de multimídias do ciberespaço, tanto que o uso que ela faz de todas as linguagens da internet, fora o texto escrito, é mínimo. Já nos cadernos de Bárbara, ela também não faz uso das *bricolages* típicas de certos diários. Neles a caligrafia é praticamente uniforme, não há colagens, desenhos ou cores entre os relatos.

3.1 Do mosaico ao coeso: a construção de identidades femininas através de fragmentos

A prisão ao calendário é uma das marcas características que definem a escrita diarística. É também o elemento que torna diários e *weblogs* semelhantes. Escrever todos os dias não é regra em nenhum dos dois estilos de escrita de si, mas manter-se preso aos acontecimentos do dia-a-dia é fundamental para tecer um relato do que é chamado de gênero do diário íntimo. É a partir desses fragmentos do cotidiano que se abre espaço para as autoras exprimirem as opiniões, os questionamentos e as sensações.

Mas fatos do dia-a-dia não são necessariamente acontecimentos. Podem ser apenas sentimentos das autoras no momento em que o diário ou *weblog* são escritos. A escrita fragmentada garante ao gênero uma característica de espontaneidade. Ora, escrever a cada dia significa apresentar identidades multifacetadas que variam de acordo com os ânimos das autoras. Isto torna essas escritas mais próximas da falta de linearidade da vida cotidiana. Não há como se pensar em representar

em uma identidade única quando o processo da representação do “eu” está sempre em construção.

No caso dos diários analógicos, que não se destinam à publicação – pelo menos na forma não-editada –, boa parte das vezes, há uma liberdade, pois a autora pode escrever seus fluxos de consciência sem o constrangimento do olhar público e o de um editor. Mas a autora não se pode livrar das próprias autocensuras. É comum ver no diário de Bárbara textos autocríticos. Como se os relatos do “eu” também servissem como instrumento de controle das próprias ações.

O mesmo pode ser dito no *weblog* de Alessandra, mas a crítica pode se multiplicar em função das leituras do público. Agora, além dos próprios julgamentos acerca dos relatos, a blogueira também tem de lidar com a opinião de um determinado número de leitores. O paradoxo da contemporaneidade onde as pessoas têm necessidade de serem abertas umas às outras, ao mesmo tempo de serem vigilantes umas das outras, (SENNETT, 1998) se acentua quando se trata da escrita dos *weblogs*.

Embora Alessandra alguma vezes demonstre que escreve o diário virtual apenas para ela mesma, a autora não esconde o sentimento de satisfação – e medo – em relação à reposta dos leitores.

Obrigada. Sejam lá vocês quem forem. Não sei porque [sic] entram aqui, nem sei se lêem de verdade as coisas que eu escrevo. Não, não quero reforço, [sic] nem estou fazendo média. Já vi milhares de blogs onde as pessoas entram, fingem que lêem, deixam propaganda pessoal nos comentários e se mandam. Não sinto isto por aqui. Ao contrário, sinto-me envaidecida e cheia de carinho. Fiz esse blog para mim mesma, sem pretensões de nenhum tipo. Fiz como quem compra um armário para colocar coisas velhas ou como quem precisa de um quatinho para usar como depósito de coisas que não se quer jogar fora. No começo fui até muito agressiva, acho que ainda sou de vez em quando. É o melhor jeito de fazer as pessoas fugirem de mim. Acho que funcionou com alguns, sempre funciona na vida real. Algumas pessoas ficaram e eu senti um pouco de medo de ter um blog, maior medo ainda de escrever e escrever sobre a minha vida. Quando a gente escreve alguma coisa, não adianta esconder a cara. As palavras desenham o nosso rosto, detalham os nossos sentimentos, escancaram as nossas crenças, sussurram desejos e desvendam até al-

gumas falhas da porra da personalidade. Isso me assusta, me faz sentir vulnerável. Não lido bem com nada disso.³

Para não ter de lidar com o desnudamento da personalidade, Alessandra poderia continuar a escrever num caderno, ou no computador, mas sem a obrigação de publicar as palavras tão reveladoras no ciberespaço. No entanto, se tais relatos precisassem do olhar do público, ela provavelmente não daria continuidade ao *weblog*.

Como a própria diz, os escritos são capazes de desenhar sentimentos e crenças de um determinado autor. Ao se desnudar para os leitores através das palavras, ela também se desnuda para si mesma. O diário de Bárbara parece ter como única meta o autoconhecimento. É verdade que muitos diários são escritos para, depois de anos guardados dentro de um armário, serem redescobertos e – quem sabe – publicados. Mas esse não parece ser o caso do caderno escrito pela autora. Neles há silêncios e lacunas demais para uma possível publicação. Embora esteja repleto de relatos do cotidiano, a autora não faz questão de explicar a um possível leitor externo o que realmente se passa na vida dela. Mais do que qualquer coisa, o papel parece ser um tipo de depósito das angústias e dos questionamentos da autora. O texto – logo – se torna muito mais sedutor apenas para ela mesma ou para pessoas próximas do que para um público mais amplo.

Um dos primeiros escritos do *Diário de Anne Frank*, por exemplo, é um relato detalhado sobre a própria autora e boa parte das pessoas com quem ela convive. Anne escreve as memórias como se falasse com uma amiga – não é à toa que chama o caderno de *Kitty*. A abordagem usada por Anne faz com que um possível leitor, mesmo sem nunca conhecê-la, consiga entender e imaginar como era a vida da adolescente. Isso faz com que no decorrer do livro, não seja tão surpreendente o momento em que Anne revela o desejo de publicá-lo.

Já o início do diário de Bárbara traz muito mais dúvidas do que explicações e detalhes. Em um discurso dionisíaco o qual traz mais metáforas e poesias do que relatos sóbrios. Mais do que compreender sobre a vida da autora um possível leitor acabará conhecendo mais sobre suas aflições subjetivas.

³ Texto publicado no dia 30.11.2002 Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/11/depois_da_festa.html

São quase seis horas da tarde de dia cuja noite passei insone. Agora a voz de E. Regina canta um triste bolero da miséria do cotidiano. Aliás, bolero não, tango. Tantos malabarismos mentais... Para quê? Parafraseio o pai de Zaratustra e: Tenho que me sentir onipotente, perfeita tamanha a mediocridade que reina! E, viva os magos das artes! Gostaria de fazer deste papel uma latrina e vomitar todos esses anos de ser e depois, apertar os botões que põem em funcionamento os mísseis e, calmamente começar a ensaiar o réquiem para um sonho de homem que não pode realizar-se. E por que fim tão digno para seres tão incompletos? Porque [sic] não doenças incuráveis e o corpo sendo – dia a dia [sic] – corroído por vermes? Com a degradação lenta do corpo pelos vermes, S. Dali se da conta do absurdo que é a vida e sua antípoda. Mas, não quero deter-me nessas incursões tecnológicas. Devo dizer que a sugestão desses relatos diários é de H. Muito mais como uma forma de me descobrir do que como exercício literário... Acho isso bom porque depois de tantos raciocínios científicos sinto-me um tanto limitada para criar artisticamente: as idéias antes de fluírem sob uma forma artística, passam pelo crivo da razão; perdem sua potencialidade criativa⁴

3.1.1 Em busca de um olhar sobre si

Um dos presentes comuns dados a crianças e pré-adolescentes do sexo feminino são os cadernos enfeitados com um pequeno cadeado do lado. Implícito ao presente está a idéia de que aquele caderno será o confidante mais fiel e amigo, ali a menina poderá ser ela mesma e contar todos os segredos. É questionável o fato de aos homens nunca serem incentivados a terem o seu próprio diário – como as mulheres são desde a infância. Parar de viver para escrever sobre a vida. Como se a escrita íntima fosse um gênero “naturalmente” feminino.

O diário, paradoxalmente, é um espaço onde a mulher pode ser completamente livre, sem julgamentos ou constrangimentos por ser ela mesma. Mas, ao mesmo tempo, essa liberdade exercida na escrita fica presa no papel. O papel não cobra, não julga, mas também não revela quando ele é apenas um objeto de segredo. Incentivar as mulheres à

⁴ Dia 03/04 .10.1983

escrita íntima pode ser entendido como um conselho: seja livre, mas desde que seja secretamente.

O curioso é que apenas as mulheres solteiras são incentivadas a essa prática. Maria Teresa Santos Cunha (2000) em uma pesquisa com diários íntimos de duas professoras – que começaram a escrever após serem presenteadas com um caderno para a escrita privada – constatou que, após o casamento, as duas mulheres pararam de produzir os escritos íntimos. Como se após contrair o matrimônio a mulher não pudesse ter os seus próprios segredos.⁵

Mas dizer que a escrita dos diários privados é sempre uma forma de prender a liberdade no papel é subestimar a capacidade feminina de se impor frente ao mundo. Não é apenas escrevendo opiniões transgressoras que a mulher vai se sentir completamente satisfeita. Também não é através da escrita pública que a mulher sempre poderá ser livre.

Na escrita íntima do diário de Bárbara, mais do que um exercício de liberdade, vê-se também um exercício de questionamentos. Sim, é verdade que no relato íntimo tem-se a chance de mostrar-se verdadeira, de ser “você mesma”. Mas como ser “você mesma” quando um dos objetivos do escrito íntimo – no caso do diário de Bárbara, por exemplo – é descobrir quem realmente é?

As questões inferidas por Bárbara a si mesma, na maioria das vezes, perguntam como se sente ela em relação a determinados aspectos da vida: o amor, os amigos, a vida profissional.

Preciso ver o que sobrou do sonho que me instigou a me enveredar pelas C. Sociais... O que significa a opção pela Antropologia em termos de paixão e vida. Agora, o que posso fazer com um mísero diploma de bacharel em C. Sociais na mão e algumas noções de antropologia na cabeça?

Quando Bárbara demonstra o desejo de compreender-se em termos de “paixão e de vida”, vai ao encontro do caráter hedonista que se instaurou em parte da sociedade ocidental na segunda metade do século

⁵ Cabe abrir um parêntese aqui: embora o diário de Bárbara analisado neste trabalho tenha sido escrito em 1983, época em que ela era solteira, a autora continua a escrevê-lo desde aquela época. Em um dos e-mails trocados ela me revelou que durante a época em que esteve casada, o ex-marido costumava tentar ler os diários. Esse fato fez com que Bárbara começasse a escrever diários que precisassem de uma senha para ser lido.

passado, onde há uma extrema valorização da chamada interioridade humana. Uso o termo hedonista para caracterizar uma vontade vivenciar sentimentos intensos, não necessariamente prazerosos, e o desejo de mergulhar em si, e dessa forma entrar em contato com a própria subjetividade. Não é à toa que o diário foi escrito numa época em que no Brasil não era raro assistir a publicações de memórias e autobiografias femininas.

Mas quem será que Bárbara descobre nessa jornada de desnudamento através da escrita? Por ser uma escrita fragmentada, ao ler o diário, percebe-se a existência de várias Bárbaras: a que sente, a que se julga, a que não se reconhece, a que é racional, a do passado, a nostálgica etc.

Uma das questões que parecem mais afligi-la no caderno é a crise e o conseqüente fim da sua relação com Luis. As imprecisões sobre os sentimentos em relação a essa questão traduzem-se nas diversas reticências que aparecem em boa parte das vezes em que ela toca no assunto. Mas a escrita no caso parece ser a maneira que Bárbara encontrou para esquecer e tentar se convencer que deve deixar para trás o romance.

Acho que já é hora de eu admitir que não DEU. Tentei, tentamos (?) **mas não deu**. Uma pena... Apesar de tudo isso sinto-me tranqüila, com a sensação apenas de cansaço... Deixo-o entregue aos braços da noite campinense e, sob essa lua, e com muita esperança na contundência das letras...⁶

Mas as palavras nem sempre bastam para transformar os sentimentos. Dias mais tarde a esse trecho citado, onde a autora mostra uma resignada aceitação do fim do caso, as dúvidas referentes ao caso reaparecem.

Desisto do sonho de Luis? Pergunto-me isso um pouco tarde, acho até que já desisti desde algum tempo... Mas sinto... Sinto que ele não me telefone, não se preocupa mais comigo... Dúvida excessivamente cruel: Terá se preocupado algum momento? Ah... Foda-se: Ele, seu medo e seu desamor...⁷

⁶ 20.10.1983

⁷ 04.11.1983

Beatrice Didier (2002) afirma que há um caráter duplo no estilo da escrita diarista: o autor se divide entre o eu que age – ou sente – e o eu que julga e assiste essas ações e sentimentos. No caso de Bárbara, divisão nessa duplicidade de “eus” é clara, mas faz-se necessária uma observação: Bárbara julga e sente de múltiplas formas. Ao mesmo tempo em que ela muitas vezes cobra de si mesma uma atitude mais racional, em outros dias ela se questiona por que não se entrega de forma mais intensa a vida sem se preocupar com a razão. Como demonstra o trecho abaixo:

É perto de meia noite e, acho que fiquei um tanto grilada por ter esquecido o lítio⁸ em João Pessoa. Que merda! Que merda que não me liberto desse meu medo de percorrer, outra vez, as veredas do que a civilização rotula loucura...⁹

A duplicidade de “eus” do gênero diarístico descrita por Didier (2002), portanto, é também múltipla. Não se pode esperar encontrar num diário – ou mesmo num weblog – uma identidade única, diante da multicriplidade da própria existência. A fragmentação da escrita diarística pode passar uma imagem difusa. Mas a memória não precisa ser completamente real, pois ela transita entre a conservação e a reelaboração do passado. Não se pode esperar completa veracidade na escrita memorialística até porque escrever as lembranças já é uma forma de ficcioná-las. E é através dos fragmentos que Bárbara relata diversos “eus”, onde ela ganha uma multidimensionalidade.

Dimensões que se apresentam não apenas quando a autora tece o diálogo entre seus julgamentos e sensações. Um dos trechos mais reveladores do diário de Bárbara não se trata de um texto destinado apenas a ela. Em certa altura de um relato íntimo, ela escreve uma carta destinada a Eduardo¹⁰, uma “alma gêmea platônica”¹¹ que falecera dois anos antes de ela escrever o diário.

⁸ Sais de lítio são usados no tratamento de pessoas com transtorno bi-polar ou depressão. Antes de escrever o diário, Bárbara, perdera um grande amigo, teve más experiências com a psiquiatria “(...)havia tido uma péssima experiência com uma psiquiatra dois anos antes. Dois ou três anos antes de eu começar a escrever aquele diário, Eduardo morreu. Alguns meses depois, eu pirei e fui parar numa clínica psiquiátrica.”

⁹ 28.10.1983

¹⁰ Nome fictício

¹¹ Definição dada pela própria Bárbara na entrevista feita por e-mail.

De novo sinto-me esvaziada, sem pique para empreender desafio de qualquer porte. Cansada, sonolenta... Várias questões pendentes: algumas idéias abortadas, projeto de poemas na cabeça...! Apenas uma pessoa gostaria de ter agora e não posso: Eduardo...

Eduardo:

Como nos relatar para as outras pessoas? E da nossa paixão diluída pelos bares, avenidas e céus campinenses? Como contar, magrelo? Acho que nosso sonho foi apenas nosso e é incompreensível para quem quer que seja Aquele poema composto por ti na pracinha de freameh: lua grávida e a vida enluarda e a esperança concreta, mas doída. E nós dessemelhantes mas, próximos, tão próximos que para me evadir de ti eu tive que me matar muito... Esse vai ser o segundo aniversário teu que passamos separados um do outro... Sinto não poder te beijar e dizer forte e profundamente dentro dos teus olhos quanto ainda és... Repito o que me disseste anos atrás: desse amor que sinto por ti ninguém pode me castrar sob pena de roubarem o que tenho de mais puro... Completei 22 e 23 anos e ninguém me fez um poema... Fizeram outros, a uma Bárbara que os surpreendeu e os aterrorizou; perdi o de Rafael¹². Restaram-me apenas o de Alice¹³ e Roberto¹⁴. És, seu magrelo, e você nem me viu quixotesca, à espera da sua ressurreição... Pois sim! Nem fez esse risinho dissimulado e irônico. Então? És a pobre/ingênuo sumeriana quem te arrebatou? És diferente meu senhor: nos arrebatamos... Eu lunática, tu telúrico... E quando eu já escapava pelo cantinho de um sonho construído e tu puxava meu pé? Ah... Eduardo... Até acho que a gente se cruza qualquer dia... São tantas avenidas que construíram nessa metrópole que é mundo... E tão poucas eu conheço, quem sabe? “Qualquer dia amigo a gente se encontra”

Muitas saudades e um nó no coração.¹⁵

A carta é endereçada para Eduardo, nas entrelinhas percebe-se que o texto além de se dirigir para o amigo já falecido, também é escrito e destinado a uma outra Bárbara, aquela que morreu dois anos antes

¹² Nome fictício

¹³ Nome fictício

¹⁴ Nome fictício

¹⁵ 14.12.1983

quando teve de se desvincular de Eduardo. É curioso perceber como nesse trecho do caderno o diálogo estabelecido no diário ganha contornos intertemporais.

3.1.2 A identidade através do olhar do outro

Não há como falar de identidades no ciberespaço sem mencionar a mudança estrutural que transformou parte do mundo ocidental no fim do século XX. Questões antes sólidas que localizavam os indivíduos socialmente como classe, gênero, sexualidade e etnia se tornaram fragmentadas abalando a noção do indivíduo como ser coletivo (HALL, 2001). É óbvio que não foi a internet que provocou tais transformações, mas não se pode negar que a escrita imediata e desterritorializada acentua essas mudanças.

No ciberespaço, não se precisa mostrar a cara, o sexo, a raça. Pode-se mentir, forjar outras identidades, se esconder ou mesmo se editar. No caso dos *weblogs*, essas identidades flexíveis se mostram bastante presentes. A liberdade conferida ao diário íntimo e a característica de fragmentação inerente ao gênero encontraram no ciberespaço um ambiente propício para disseminação. Mas, como já foi dito, não se pode considerar os *weblogs* apenas como uma versão moderna dos antigos diários. Além das diferenças técnicas conferidas pela mudança do suporte onde os relatos íntimos são escritos, há também a característica de publicização imediata da conferida pela internet. Qualidade que tira do *weblog* a proteção proferida pelos cadeados dos antigos cadernos. No entanto, o anonimato e o disfarce podem garantir a hipotéticos blogueiros outro tipo de proteção.

Esse não é o caso do *weblog* de Alessandra Félix. A autora é o que pode se considerar uma *webcelebridade*. O seu ciberdiário é conhecido em boa parte da bloguesfera, e é inclusive lucrativo, pois nele há diversas propagandas de lojas e produtos – muitas vezes são produtos direcionados ao público feminino. Ela é sócia da editora *Gênese*, que, entre outras coisas, se dedica a lançar livros de escritores que ganharam notoriedade na internet como André Dahmer¹⁶. Como porta voz

¹⁶ André Dahmer é um desenhista conhecido no ciberespaço pelas tirinhas *Malvados*, que tecem críticas ácidas a questões do cotidiano. O sucesso do ilustrador não só rendeu o livro *Malvados* lançado pela editora *Gênese*, como também garantiu

da editora, Alessandra já concedeu entrevistas inclusive para televisão o que garantiu aos seus leitores a certeza de que ela é realmente autora de *Licor de Marula com Flocos de Milhos Açucarados*.

No entanto, não é porque Alessandra assume uma identidade supostamente real – revelando-se em fotos e relatando aspectos da vida profissional – que ela não tem os próprios disfarces. O *weblog* da autora oscila entre a realidade e a ficção. Curiosamente, nem sempre ela deixa claro se os textos tratam de realidade ou não. Isso faz com que qualquer texto mais revelador fique num terreno ambíguo entre a realidade e a imaginação.

Tendo em vista essa gradação entre ficção e real, impõe-se a questão: até que ponto o escrito de Alessandra é realmente íntimo, se ele vez por outra faz revelações de personagens fictícias? No capítulo anterior foi explicitado que mais do que realidade espera-se autenticidade da escrita íntima *online*. Logo, para os leitores não importa se os “eus” do *weblogs* são reais ou não, mas sim autênticos. Até porque terá sempre um grau de irrealidade no relato íntimo, pois o fato de contar um determinado acontecimento o ficcionaliza de certa maneira.

A discussão entre ficcional *versus* real na escrita memorialística será retomada no decorrer deste capítulo, o que vou focar nesta parte da análise é justamente a relação entre identidade e autenticidade.

A necessidade de mostrar-se autêntico nas representações sociais que o indivíduo de determinadas sociedades acentuou a partir do final do século XX, mostra-se congruente com a exacerbação do individualismo que tem crescido nas últimas décadas. Como Sennett (1998) já descreveu em *O Declínio do homem público*, é preciso ser autêntico para integrar uma comunidade. O que é um enorme paradoxo, pois quanto mais autênticas as pessoas se mostrarem umas às outras, mais restritos e herméticos serão os grupos.

A coletividade se torna abalada, assim alicerces que definiam lugar social do indivíduo – questões de classe, etnia e gênero, por exemplo – não são mais suficientes para integrar os indivíduos pois não abarcam pormenores da individualidade de cada um. Cabe dizer que essa análise também serve para o diário de Bárbara, que foi produzido no início da década de 1980, época em que essa ode ao individualismo já se fazia

a ele espaço no Jornal do Brasil. O site de Dahmer pode ser acessado no endereço <http://www.malvados.com.br>.

presente. O relato memorialístico de Bárbara demonstra grande preocupação com o desvendamento dela mesma, como se grande parte dos seus problemas pudessem ser resolvidos internamente, o que demonstra a grande valorização dada por ela à própria interioridade.

Mas o *weblog* de Alessandra assume o pecado do narcisismo justamente por colocar esse “eu autêntico” da autora ao olhar do público. Um dos primeiro textos publicados no *Licor de Marula com Flocos de Milhos Açucarados*, onde Alessandra faz uma espécie de apresentação de si aos leitores parece ser uma descrição da identidade flexível e fluída, em constante transformação, sempre em busca de emoções intensas e paixões, descrita por autores como Lipovetsky (2004).

Já gostei de política, já levantei bandeiras, hoje não acredito mais neste caminho. Posso passar horas observando a multidão ou uma só pessoa. Minha mente não pára... muitas vezes ela me cansa. Tenho sempre grandes idéias e convicções, mas todas elas mudam o tempo todo. Sinto falta de grandes paixões correndo nas minhas veias, embora eu sinta vários amores transbordando do meu peito. Sei que estou cercada de gente querida e agradeço cada minuto da existência de cada ser que a vida me deu. Mas, cada dia que passa, me sinto mais só. Falo demais, escrevo demais... muitas vezes me arrependo. Vivo com pressa. Acho que nasci adulta, que envelheço rápido... Digo sempre que não tempo. Mas acho que ele escapa pelos vãos dos meus dedos. Dentro de mim, sempre morou uma louca inconseqüente que grita e faz estragos irreparáveis. As vezes, sinto que seria mais fácil se ela não existisse, se morresse de vez. Mas, se ela desaparece por uns dias apenas, quem morre sou eu. E mesmo desejando viver intensamente para sempre, vivo achando que estou perto do fim.¹⁷

No trecho acima, Alessandra reconhece a volatilidade de elementos identitários como questões políticas e afetivas. Como se o elemento definidor de quem ela é fosse a liberdade de sempre poder mudar. Dentro desse diálogo estabelecido com o público também são notórios a presença e o embate de mais de uma Alessandra. Uma apolínea que

¹⁷ Texto publicado no dia 16.10.2002 disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/11/depois_da_festa.html.

se reprime para ter um comportamento socialmente aceitável, a outra dionisíaca, uma, como define, “louca inconseqüente que grita e faz estragos irreparáveis.” É o eu dionisíaco de Alessandra que responde aos seus desejos de viver intensamente, que é elucidado diversamente no *weblog*. Um dos episódios contados pela autora trata da primeira vez em que foi a uma psiquiatra, que a receitou remédio para controlar o humor. Pela descrição da autora as pílulas serviram mais para controlar o seu “eu” dionisíaco.

No dia seguinte, comecei a tomar os comprimidos: de manhã, à tarde e à noite no primeiro dia. O segundo, o terceiro e o quarto dia não existiram porque eu morri - dormi as vinte e quatro horas do dia! E foi assim no quinto dia, no sexto e no resto do mês. Eu só acordava para comer, ir ao banheiro, tomar remédio, ser um doce com todos à minha volta e sorrir para o ar. Eu não falava alto como de costume - quase não falava. Não brigava com ninguém, não reclamava de nada. Eu queria energia e estava gastando toda ela em sonhos, nem pesadelos eu tinha mais. Eu dormia e acordava com o espírito da Sandy encarnado em mim. Minha sorte foi que eu estava possuída por uma lerda, e em um momento de descuido do espírito songa-monga, eu tomei as rédeas da situação e dei descarga naquelas pílulas da felicidade sem noção. Forte, feliz e acordada, voltei à realidade.¹⁸

Maria José Motta Viana (1995) enfatiza o caráter panóptico dos diários íntimos femininos do Brasil em controlar o comportamento de mulheres. A escrita íntima *online* parece também ter herdado essa característica dos cadernos de memórias manuscritos. Mas se, para Viana, os diários antigos controlavam as mulheres para que não experimentassem situações pouco aceitáveis para mulheres numa sociedade falocentrista, o *weblog* de Alessandra parece cobrá-la justamente para o contrário: viver e sentir de forma completa sem meio termo, ou submissões – a não ser ao próprio devir de levar uma vida repleta de adrenalina.

Só quero na minha vida gente que transpire adrenalina de alguma forma, que tenha coragem suficiente pra me dizer o que

¹⁸ Texto publicado em 22.11.2002 Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/11/a_mulher_do_pires_post_v.html.

sente antes, durante e depois ou que invente boas histórias caso não possa vivê-las. Porque eu acho sempre muitas coisas - porque tenho uma mente fértil e delirante - e porque posso achar errado - e ter que me desculpar - e detesto pedir desculpas embora o faça sem dificuldade se me provarem que eu estraguei tudo achando o que não devia. Quero grandes histórias e histórias; quero o amor e o ódio; quero o mais, o demais ou o nada. Não me importa o que é de verdade ou o que é mentira, mas tem que me convencer, extrair o máximo do meu prazer e me fazer crêr que é para sempre quando eu digo convicta que "nada é para sempre". Porque só assim eu me divirto e é só isto que me interessa.¹⁹

Outra qualidade aparentemente herdada dos diários íntimos é a duplicidade do "eu", aquele que age/sente e o que ver e julga essa ação e sentimento. Além dos próprios julgamentos, a autora sabe que tem de lidar com a opinião dos leitores, o que faz com que o *weblog* se torne não apenas um instrumento de autovigilância como também um espaço onde o outro também aparece como agente vigilante. A relação de Alessandra com esse outro olhar é ambígua; ao mesmo tempo em que se sente lisonjeada com elogios, demonstra receio do que os leitores podem pensar. A preocupação é demonstrada em algumas partes do *weblog* com medo de soar egocêntrica em seu ciberdiário, por vezes, demonstra necessidade de controlar o próprio ego.

Esse negócio de blog é um pesadelo, estou completamente viciada. Fico escrevendo de madrugada, lendo outros blogs, procurando imagens, aprendendo HTML, mexendo no meu template. É enlouquecedor e consome parte da minha vida útil. Minha cabeça passou a funcionar de forma diferente desde que abri este blog. Ainda não tenho certeza se está sendo bom ou ruim, mas ele tem revirado meu ego, meu dia e minha cara. Por algum motivo, esta merda me deixa com cara de mulher feliz. Às vezes me sinto ridícula, egocêntrica e sem autocrítica e mesmo assim não consigo parar. Quero ver se tem visitas, comentários, ler os blogs de quem passa por aqui, conferir as estatísticas. Ando

¹⁹ Publicado em 23.06.2003 Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2003/06/mentiras_sinceras_me_interessa.html.

escrevendo sem controle, já pensei em começar a fazer anotações nas paredes de casa para evitar esquecer uma idéia ou outra. Nunca acho papel e caneta quando preciso. E não sei se estou insana ou se este é mais um vício na minha vida.²⁰

A preocupação com o olhar do outro demonstra que talvez o *weblog* em questão não seja um espaço tão livre para que a autora assuma a postura dionisíaca e seja ela mesma sem se preocupar com julgamentos – tornando o discurso da autora contraditório. Mas esse fato só demonstra que o ciberdiário, assim como diários manuscritos, é também um palco de representações de múltiplas identidades. A escrita íntima é um exame microscópico das múltiplas facetas das autoras, que, como toda pessoa, têm suas contradições e máscaras.

A auto-análise possibilitada pelo relato do “eu” contribui para um melhor conhecimento de si, o que pode revelar uma identidade flexível, que não corresponde a padrões identitários socialmente reconhecíveis. Mas é uma identidade que busca abranger uma série de peculiaridades que reivindicam o reconhecimento das próprias potencialidades como pessoa e, portanto, também como mulher.

No livro *Problemas de Gênero* (2006), Judith Butler estabelece uma crítica à parte do movimento feminista que não reconhece as identidades que diferem de um determinado arquétipo de mulher, gays, lésbicas e transgêneros reivindicado pelas lutas dos grupos de mulheres.

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura *fundante* em que o feminismo, como política de identidade, vem se articulando. O paradoxo interno desse *fundacionismo* é que ele presume, fixa e restringe “sujeitos” que esperava representar e libertar. (BUTLER, 2006, p 213)

As idéias de Judith Butler vão ao encontro da luta das mulheres que visam a demonstrar que o privado e íntimo é também político. Quando se falam das conquistas do movimento feminista, pensa-se justamente nas pequenas conquistas privadas decorridas da luta de mulheres no âmbito privado, reivindicando o direito de agir, sentir e ser mulher sem se

²⁰ Publicado em 23.12.2002

colocar em uma posição inferior. Ao apresentar representações multifacetadas, as escritas memorialísticas de Bárbara e Alessandra correspondem à um tipo de identidade mais flexível defendida por Butler.

É verdade que essas pequenas conquistas, de fato, não trouxeram mudanças estruturais capazes de transformar de forma mais substancial questões da condição feminina. Mas na escrita íntima, especialmente, com o *weblog* abriu-se um espaço – ainda pequeno no Brasil em função das desigualdes sociais – para representações em público de máscaras e identidades onde a mulher, mesmo com toda vigilância, pode manifestar os desejos, as contradições e os questionamentos sobre a própria condição.

3.2 A construção da memória entre o público e privado

São essas múltiplas representações de si possibilitadas pela escrita íntima que se transformam em memória com o decorrer do tempo. Memórias que também se distinguem de acordo com o suporte onde estão inseridas. Um texto escrito sob a ponta de uma caneta, certamente, será diferente de um digitado para a tela de um computador. Essa é apenas uma das diferenças provocadas pela mudança de suporte na construção das memórias no escrito íntimo. As duas formas de relato demonstram terem ritmos e tempos diferentes, o que transforma a própria relação das duas autoras com as lembranças descritas.

Bárbara prende os relatos cotidianos no papel. Em seus cadernos, há rasuras, frases incompletas, confusão na ordem dos relatos²¹ e um discurso dionisíaco e hermético o qual deixa claro que aquelas memórias pertencem apenas a Bárbara. É ela quem terá o controle sobre as lembranças escritas. Relatar os acontecimentos e os sentimentos de um determinado dia é também uma forma de poder controlar a memória.

Já o *weblog* de Alessandra, onde há muito mais espaço para o relato do cotidiano do que um simples caderno, ao publicizar relatos ín-

²¹ A ordem cronológica das datas não é seguida linearmente ao longo do caderno. As datas mais antigas dos textos (outubro de 1983) são iniciadas na metade do caderno. Quando os relatos chegam às últimas páginas, Bárbara dá continuidade aos escritos no começo do caderno.

timos, faz com que a memória se torne coletiva. Se as representações de Alessandra são influenciadas pelo olhar do público, logo a memória também é construída pelos leitores, que interferem e comentam o conteúdo do ciberdiário. O tempo do *weblog* também não pertence apenas a Alessandra. O ciberdiário é uma ferramenta inserida na imediatez do espaço-tempo da internet, nela, o presente é sempre mais sedutor do que o ontem. Portanto, o *weblog* não é um ambiente para uma futura contemplação da memória, e sim um espaço para atualização frequente daquilo que um dia será lembrança. A memória na escrita íntima *on line* ganha características de um arquivo. Ela ficará guardada em *link*, mas sempre ficará obscurecida frente às constantes atualizações do ciberdiário.

3.2.1 Viver *versus* relatar as memórias

“Meninas boas escrevem diários, as más não têm tempo para isso.” – a frase da atriz americana Talulah Bankhead e citada no *weblog* de Alessandra Félix²² – exemplifica bem um dos maiores paradoxos desse gênero de escrita íntima: preocupa-se tanto em reconstruir a memória pela escrita, que muitas vezes, escrever as lembranças é mais importante do que vivenciar determinadas experiências. No *weblog* essa característica se acentua frente à demanda de constante atualização do instrumento. No ciberdiário de Alessandra Félix, o paradoxo é multiplicado frente a desejos da autora: o de viver intensamente e o da entrega ao “vício” de escrever relatos de histórias intensas. Para ela, o *weblog* “gera uma necessidade automática de vivermos com intensidade.”²³, mas como levar uma vida intensa com a obrigação de ter de parar de viver por uns momentos, apenas para relatar aos outros as próprias experiências?

Segundo Maria José Motta Viana (1995), o incentivo dado para que meninas tenham um diário também está relacionado com esse preenchimento de um tempo perdido. “Preencher com palavras um tempo

²² Publicado em 24.02.2003. Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2003/02/meninas_mas_arranjam_tempo_qua.html.

²³ Publicado em 15.11.2002. Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/12/cuidado_com_seu_blog_cuidado_c.html

que está perdido, vazio, criando a ilusão de mais um dia resgatado do nada, transforma o escrito em algo mais importante do que o vivido” (VIANA, p 55, 1995)

Nem todo diário obedece a essa lógica. Quando aparecem lacunas dentro do diário de Bárbara, ela justifica esses silêncios da memória exatamente com essa preocupação do embate entre viver e preencher seu tempo – que deveria ser ocupado por outras vivências – com palavras para relatar sobre o que aconteceu.

São tão preches de delírios os dias que todo tempo e espaço disponível é insuficiente para relatá-los integralmente. Enquanto me é permitido, vivo-os. Lembro Eduardo: “É preciso dizer muito no tempo que não temos para dizer tudo.” E acho que esse “dizer” tem mais sentido de “viver” do que mesmo de relatar a vida e fazer proselitismo.²⁴

Mas tecer um relato íntimo não significa apenas perder um tempo que deveria ser aproveitado nas vivências do cotidiano. Ao reconstruir a memória, tanto nos diários quanto nos *weblogs*, é dada a chance para as autoras de construírem a própria memória. E achar que isso é pouco é subestimar o poder da palavra. Maria Carolina de Jesus, que teve o diário lançado no livro *O Quarto do Despejo*, usava os seus escritos para ameaçar os vizinhos a incluí-los nos seus relatos, caso eles fizessem algum mal a ela ou aos filhos.

Alessandra Félix confessa que durante a adolescência nunca teve um diário, por medo de relatar experiências secretas e algum familiar ter acesso aos escritos, preferindo, dessa forma, simplesmente vivenciar os momentos.

Eu olhava para aqueles caderninhos rosados com fecho e cadeado e sabia que não daria certo. Afinal, coisas com cadeado foram feitas pra quê? Para as pessoas enlouquecerem tentando abrir, oras bolas!

Não tinha jeito. Na minha cabeça era claro que, em uma família, todos os segredos existiam para serem descobertos. E olha que a minha vida de adolescente nem era tão atribulada assim! Mas como eu explicaria um beijo na boca aos doze anos de idade,

²⁴ 20.10.1983

conversas sobre sexo aos treze, rala e rola aos quinze, paixões avassaladoras aos quatorze? Não, ninguém merecia saber sobre a minha vidinha, não os meus parentes. E se viessem a saber, não seria em uma versão assinada por mim.²⁵

A adolescente que tinha medo de escrever relatos íntimos num diário, ao se tornar adulta, escreve outra espécie de escrita privada, aberta não só à família, mas também para milhares de potenciais olhares estranhos. Logicamente que, com a maturidade, as questões da adolescência se tornam não tão graves. Mas é importante ressaltar que o *weblog*, diferentemente de um diário, não é uma atividade solitária. Trata-se – como já foi demasiadamente explicitado – de uma construção coletiva de memória. Se relatar num ciberdiário é também um exercício de sociabilidade, é também um tipo de experiência.

3.2.2 Diário e *weblog* como autobiografemas

É interessante enfatizar que muitas das histórias contadas por Alessandra fazem parte do seu passado, especialmente da sua adolescência. Sob essa perspectiva o ciberdiário pode ser definido como uma autobiografema²⁶, onde a autora relata pequenos fragmentos da vida de forma não-linear. É curioso também observar que é nessas histórias onde ela mais se revela. Se Alessandra, ao contrário de outros usuários da internet, não tem a proteção do anonimato, ela utiliza o subterfúgio de se reapropriar das memórias passadas para se revelar. Como se a Alessandra adolescente pudesse ser desnudada por já está distante o suficiente de quem ela é hoje.

Se a memória de ontem é construída de forma com as imagens distorcidas do presente, quando Alessandra revela relatos da adolescência, ela constrói imagens de uma jovem dissimulada, perspicaz e divertida. Uma imagem que, muitas vezes, tenta passar de si, ao longo do ciberdiário.

No mesmo texto onde Alessandra revela o porquê de não ter um diário na adolescência, ela conta a história do único caderno de memórias

²⁵ Publicado em 24.02.2003. Disponível em http://www.alefelix.com.br/arquivo/2003/02/meninas_mas_arranjam_tempo_qua.html.

²⁶ Termo emprestado de Roland Barthes por Denise Schittine (2004), para definir em que gênero memorialístico os *weblogs* se encaixam.

que teve na época. Um diário que na verdade guardava relatos falsos, para que a família tivesse uma imagem diferente do que ela fazia.

Horas e horas escrevendo deitada na minha cama, sentindo os pescoços se contorcendo por cima de mim, os olhares de rabo de olho à procura de um trequinho, que fosse. Logo eu não teria mais problemas; assim que a curiosidade lhes consumisse, eles dariam um jeito de ler os relatos do meu querido diário. Nunca soube ao certo se eles leram. Uma família que se preze não bota na banca os segredos da casa - os usa em benefício próprio. O que eles nunca souberam é que tudo o que foi escrito foi maquiavelmente tramado pela minha mente adolescente do mal. (...) As verdadeiras histórias com o namorado eram escritas em [como] supostas horas dedicadas à leitura na biblioteca do colégio. Minha implicância com meus irmãos xeretas magicamente era descrita no meu diário como o mais puro sentimento de culpa de uma irmã que não conseguia manifestar o carinho que tinha por eles. Meu desespero sobre como driblar a vigilância dos meus pais se transformava em textos de tristeza, onde eu, muito magoada, relatava minha indignação pela falta de confiança que eles tinham em mim - um verdadeiro exemplo de bom comportamento e amor à família. E ninguém me encheu a paciência por muito tempo...²⁷

Essa história revela o poder que o relato íntimo tem para criar as representações de seus autores. Para passar uma imagem diferente, Alessandra usou um instrumento que é convencionalmente visto como um espaço para descrever a realidade de forma verdadeira. Se ela fez isso com o diário, nada impede que faça como *weblog*, dessa vez tendo a certeza de que aqueles relatos realmente serão lidos.

Mas, quando se fala de autobiografema, não pode ficar restrito apenas a fatos do passado. A idéia deste conceito é de gêneros biográficos que não são feitos com uma narração de uma vida grandiosa e sim com a revelação de pequenos detalhes marcantes. A estrutura fragmentada do *weblog* abre espaço para essa forma de gênero memorialístico. É o prosaico, as pequenas sensações, que é importante para a percepção de quem é a autora.

²⁷ Publicado em 24.02.2003. Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2003/02/meninas_mas_arranjam_tempo_qua.html.

Existem duas coisas que me fazem pensar direito na vida: dirigir e andar na chuva. Na época de colégio, adorava quando caía aquelas tempestades de parar o trânsito, só para voltar a pé para casa embaixo da chuva. Quando comecei a dirigir, pegar a marginal de madrugada, muitas vezes, era a melhor parte da noite. Ontem, fui sozinha até a casa dos meus pais. Dirigi os quilômetros da marginal Pinheiros que separam a zona oeste da zona sul e fui colocando os pensamentos em ordem; estava uma bagunça completa. O tempo começou a fechar, o céu desabou, estacionei o carro na frente de casa e saí para dar uma andada pelo bairro. Precisava tomar um pouco da chuva que eu desejei no dia anterior. Foi uma boa caminhada; voltei com a roupa molhada e a mente lavada. Abri o portão de casa, disse "oi" para o meu pai e ouvi, antes de qualquer cerimônia: - Corre para o chuveiro antes que você pegue uma gripe!²⁸

O conceito de autobiografema também pode ser aplicado em diários íntimos, pois eles fazem parte de um gênero onde o prosaísmo e os detalhes do cotidiano são essenciais para a sua construção. Nenhum grande acontecimento é descrito no diário de Bárbara, ela escreve apenas sensações ou momentos que parecem ter adquirido uma simples viagem de ônibus parece despertar nela questionamentos reveladores sobre o momento pelo qual ela passava.

Minha vinda no ônibus – do centro para cá – eu me deparei com a existência de várias gentes: olhos grandes, pretos, miúdos, claros, opacos, quietos incursionavam a escuridão das paisagens pelas quais os ônibus nos levavam... O rosto enrugado do ancião sob um chapéu de couro branco e cuja visão estava limitada por grossas lentes de um óculos antigo: qua caminhos percorriam aqueles fantasmas? Sentia-me esvaziada: é tamanho o empreendimento de viver que, se não plantamos algumas roseiras tudo se torna demasiadamente inodoro. Sinto-me em pleno verão sozinha no outono... As árvores são estéreis e/ou vaidosas ou não tenho paciência e coragem para rega-las todos os dias, cuidadosamente, sem enfastiar? Alguns livros que tenho guardado ainda conservam flores murchas e secas cujo perfume só consigo sentir

²⁸ Publicado em 11.11.2002

através das lembranças... Insípido, parece tudo demasiadamente insípido.²⁹

Bárbara também tece reapropriações de memórias antigas em seu diário. Quando o faz é sempre de forma nostálgica. Nos escritos, o passado aparece como um tempo de uma felicidade inocente da qual sente falta. Ela recria imagens idealizadas do passado e, dessa forma, se rever nas páginas do diário.

Toda essa chuva deixa-me com saudades dos tempos anteriores: Eduardo, Alice³⁰, o jornal “Eco”... Nós, bichinhos crentes e puros, voando sob os céus campinenses... Cautelosos/arrebatados e à espreita... Destruição de mitos, deuses... E a forte convicção de que qualquer aurora tiraria o homem com o qual sonhámos dia e noite a lutávamos para a sua construção (...) ... Nesse tempo: reuniões, jornais, poesias, romances, história e muita esperança... Depois vieram as paixões, as cachaças, a morte, o medo... Tudo, tudo junto... E o delírio... Pleno, absoluto. (...) Pois sim! Sinto saudade de todos os nossos guampianos dias... “Hoje não foi um sonho, faço como meu braço o meu viver...” Não, não é isso. Continua crendo, fazendo, sonhando. Mas silenciosamente.³¹

Prender o passado no papel é também uma forma de Bárbara resgatar um pouco do viver. Escrever as memórias não é uma forma de reviver o passado, mas é uma maneira de enxergar o que restou no presente da imagem do eu de anos antes idealizada pela escrita.

Escrever as memórias é também um subterfúgio para driblar o esquecimento da mente. É tanto colocar no papel, ou na tela de um computador, aquilo que a autora julga necessário tanto para tecer uma auto-representação, quanto para guardar o que não quer esquecer num lugar que não ofusca ou dilui com o tempo.

Mais do que um espaço para escrever antigas lembranças, o relato íntimo é também um lugar onde as memórias são construídas. E cada forma de escrita do “eu” constrói esses relatos de forma diferente. No

²⁹ 13.12.1983

³⁰ Nome Fictício

³¹ 26.10.1983

diário de Bárbara, são pequenos detalhes da vida cotidiana que abrem espaço para ela erigir uma imagem de quem era no tempo em que o diário foi escrito. O caráter privado do diário faz com que aqueles registros pertençam apenas a ela. É Bárbara quem decide o que falar e o que silenciar, quem poderá ler os relatos dela.

Já no *weblog* de Alessandra, a memória é construída de forma coletiva. O que ela escreve ou deixa de escrever é também decidido por ela. Mas a blogueira sabe que o que será publicado poderá ser visto de forma imediata por diversos leitores. Logo, o ciberdiário se torna um palco para representação imediata, onde os leitores podem tecer comentários e julgamentos sobre os textos da autora assim que esses forem publicados³².

O diário funciona como uma arena, para a própria diarista, e, quem sabe, num futuro longínquo para os olhares de outras pessoas. Nesse caso, a diarista terá tempo para rasgar páginas, riscar o que não quer mostrar para um possível público. Nos ciberdiários a edição deve ser imediata.

Esse caráter de imediatez dos *weblogs* conferido pelo ciberespaço também transforma a forma de apreensão da escrita de si *online*. Nos ciberdiários, não são só os registros do “eu” que se tornam fragmentados. A leitura diária também é feita em frações. Dessa forma, o novo é sempre esperado e ofusca as antigas memórias como se elas fossem texto de um jornal velho.

3.3 Possibilidades de reconstrução do eu

Quando falo que a escrita íntima é uma forma de erigir a memória, abre-se espaço também para ver os relatos memorialísticos como ferramentas para uma reconstrução do eu. Pois os diários e os *weblogs* não são espelhos que refletem a imagem das autoras. Na escrita íntima, há silêncios, esquecimentos, pequenas mentiras e ficções, que devolvem um reflexo de quem a escreveu enriquecido com o que se passa no imaginário delas (LOBO, 2007).

No diário de Bárbara e no *weblog* de Alessandra há uma gradação

³² A maioria dos *weblogs* tem uma ferramenta de comentários, onde, logo após os textos, o público pode escrever as opiniões sobre os escritos.

entre a ficção e a realidade. O mais curioso é que elas não fazem isso de forma explícita – as narrativas ficcionais nos dois recortes são feitas em primeira pessoa –, o que pode fazer os leitores (ou potenciais leitores) acreditarem que aquelas histórias são completamente reais, em função na noção de veracidade impregnada nos gêneros memorialísticos.

O caráter ficcional dos relatos íntimos não deixa de dizer algo sobre as autoras. Na ficção, mais do que na realidade, pode-se expressar desejos escondidos e vontades de ser outra pessoa.

A gradação entre real e ficcional no diário de Bárbara é pequena. Segundo ela, os diários servem para ela dizer o que está sentindo no momento em que está escrevendo, portanto, neles não há espaço para ficção. É fora do diários onde Bárbara escreve contos e poemas.³³ Mas há um trecho, em particular, do diário analisado, no qual a autora escreve uma história que não parece ser real, pois o acontecimento não estabelece nenhuma relação com os demais eventos descritos no caderno.

Real -> ? João Pessoa -> Campina Grande. 29.11.1983

Ainda entontecida com o que me ocorreu ontem: Acho que foi uma sonho louco... Foi? Mas e essa chave que tenho na mão? Tudo isso me ocorria quando tomei o ônibus pr'aqui hoje de manhã.

Apesar do banho quente que tomei ao chegar e dos cigarros tenho dúvidas. Será que estou delirando? (...) Embora esteja ainda muito confusa com toda a história; tentarei ser fiel ao menos ao que eu senti ontem:

A casa parecia mais um esconderijo de um semi-morto do que qualquer outra coisa: garrafas vazias, copos cheirando a uísque e vários cruzeiros repletos de pontas de cigarro... E meus olhos continuavam vasculhando aquela estranha habitação. Alguns clássicos espalhados pelo chão junto à vitrola: Debussy e Bethoven sobre outros. Num dos quartos uma prancheta de desenho, alguns papéis rabiscados. Uma carteirinha do CREA e um nome: ENV. Não deu para espiar onde tinha sido emitida a carteira, escutei seus passos se aproximando. Pedi água e ele me trouxe. Mal tomei a água e ele puxou-me por seus braços e beijou-me – durante não sei quanto tempo – a boca. Tantos anos

³³ A afirmação foi feita em um conversa estabelecida por e-mail.

que eu não me arrepiava completamente com um beijo. Pois sim, despertou toda a minha sensualidade. Fomos para o outro quarto e lá fizemos amor até a exaustão. Depois, na semi-inconsciência iniciei o comum e o vulgar interrogatório... E aí rapaz, quem é você? Ao que ele respondeu com uma inesperada pergunta: sentiste prazer? Claro, claro que senti muito mais do que ou-sei esperar... Mas porque não fala de si? Insisti na pergunta. E ele: Gatinha, gatinha porque temos que nos despir mais do que já fizemos... Não tivemos já um ao outro, quem você quer que eu seja? Deseje e eu serei. Mas, sinceramente, você quer que eu seja mais do que esse corpo diante do teu que o desperta tão intensamente? Cigarros. Uísques. Você mora aqui? Moro aqui – disse apontando para meu ventre. Não desisti ainda e fiquei tentando adivinhar através dos olhos. Belos, tristes, negros olhos. Barba e cabelos negros e lisos. Pele clara. Tão próximo e você não vai domar? Nariz comprido. Sobrancelha espessa ... Sotaque e gestos estrangeiros. Olhar quieto nenhum sinal de desespero, mas um forte aspecto de suicida ... Minha flor por que tanto interessa de me desvendar. Acho tão bom nós aqui, juntos; queria te ver outras vezes. Ele levantou-se da cama, saiu do quarto em direção à cozinha e junto à garrafa de água trouxe uma chave e deu-ma. Venha quando quiser; estando nesta cidade estarei sempre aqui neste esconderijo, como você chama. Se você não estiver, provavelmente fui embora... Não!.. Não!?! Mas porque, o que você faz aqui? Eu queria ficar um pouco mais... Pode ficar, gostei de ti; fique quanto tempo quiser... Mas não acredito que você agüente muito. Ah, gatinha, vem cá...

Embora a data inscrita seja o dia vinte e nove de novembro de 1983, o texto é escrito entre os dias catorze e quinze de dezembro de 1983. Quando perguntei a Bárbara sobre o grau de ficção do diário, ela me disse que não havia, embora não tivesse certeza por nunca ter relido o diário que estava comigo. Mas ao enviar o trecho transcrito acima, ela revelou que esse relato realmente nunca acontecera.

Você tem razão... Não é real; é uma ficção pobre... Eu e Luís tínhamos finalmente acabado o namoro e todo mundo ficava o tempo inteiro cobrando outro namorado... Aí inventei esse cara aí, de João Pessoa, pra Elisa parar de me encher o saco. Eu estava viajando quase todo final de semana pra JP nesse período...Tinha

que ser um cara inacessível, enigmático, etc. Escrevi nos diários apenas porque se ela pegasse meus diários e não visse nada sobre "ele"... Ela desconfiaria que era uma mentira... Mas, como você mesma percebeu, eu não o insiro no meu cotidiano de escrituras... Alguns meses depois ela descobriu que era "mentira" e ficou puta e começou a achar que eu era "doida" mesmo...³⁴

A história fictícia do diário, além de uma forma de tentar enganar a amiga, também revela muito sobre Bárbara. Em várias partes do diário ela relata querer mais paixão em sua vida, especialmente ao relacionamento já em crise.

Sinto tanta saudade de Luís. Não o Luís com o qual eu me encontrei nos últimos meses, outro. Um outro que existe mais em mim do que nele mesmo. Um L. idealizado pela minha carência e necessidade. Talvez não nos encontremos tão cedo.. Não quero. Quero perder-me dele... Não posso me desgastar mais com essa história... To cansada, muito cansada. E esse deserto afetivo, grande, incomensurável me incita a beber... E a bebida nem ameniza a dor, apenas me deixa mais irritada.³⁵

É na ficção que ela encontra essa paixão e pode se entregar a um desconhecido e viver seu *Último Tango em Paris*³⁶, deixando-se levar pelos sentimentos sem tantos questionamentos que faz ao longo dos relatos, ou dos julgamentos de uma sociedade onde sexo ainda é pecado.

O *weblog* de Alessandra Félix abre mais espaço para o texto ficcional do que diário analisado. A mistura que a blogueira faz entre fatos que realmente aconteceram com situações imaginárias se desenvolve de uma forma em que até as pessoas mais próximas a ela confundem com eventos reais.

Tanto que parte da minha família lê o blog e não consegue mais distinguir o que é uma coisa e o que é outra. Meu irmão diz que o blog me transformou no peixe grande de casa. É exagero, mas pode ser que o blog tenha esse poder. O que eu sei é

³⁴ Tirado de e-mail enviado no dia 24 de maio de 2007.

³⁵ 21.12.1983

³⁶ É incrível a semelhança da história contada por Bárbara e o filme de Bernardo Bertolucci lançado em 1972.

que alguns parentes contam histórias que leram no blog como se fossem realmente casos da nossa família. E eu acho graça... Me divirto misturando tudo, tentando me reconhecer diante de um fato e tratando na terapia os que eu juro com os dedos descruzados que são a mais pura realidade.³⁷

A estratégia de usar uma linguagem íntima para contar fatos que não são reais funciona para Alessandra. Dentro de uma sociedade onde a realidade é avaliada através dos sentimentos intimistas de cada um (SENNETT, 1998), será a ficção verossímil que encontrará sucesso.

Mas a ficção no caso de Alessandra Félix não é tão libertadora, pelo fato do *weblog* ser público. As histórias fictícias dela na maioria das vezes são contos de adolescentes. Coisas inocentes como o primeiro beijo³⁸, brigas com antigos namorados etc. O primeiro ciberdiário da autora, ao contrário desse, era anônimo e de ficção. Nele ela se dedicava a contar contos eróticos. O fato de expor o nome e a imagem verdadeira em *Licor de Marula com Flocos de Milhos Açucarados* a impede de falar mais sobre corpo, sexo, mesmo que de forma fictícia. Quando um leitor descobriu o *weblog* secreto, ela logo o fechou, mantendo apenas o ciberdiário pessoal. A blogueira parece questionar constantemente o que publicará ou não em sua página do ciberespaço. Ela muitas vezes demonstra a necessidade de publicar textos mais íntimos, ao mesmo tempo em que não esconde o medo de ser lida. Alessandra Félix parece encarnar perfeitamente a definição feita do Sennett (1998) ao indivíduo da sociedade contemporânea: uma pessoa que sente necessidade de ser aberta uma às outras, ao mesmo tempo em que é vigilante uns dos outros.

Andei até escrevendo umas coisas, mas ando encabulada de postar. Os posts andam meio picantes... E eu fico achando que só quem passa por aqui são adolescentes. Pior, pré-adolescentes. Todo mundo sabe que adoro ter um blog onde eu possa escrever minhas historinhas teens, mas enfim... E agora? Faço o quê? Crio um blog secreto?³⁹

³⁷ Entrevista por e-mail concedida no dia 27.05.2007.

³⁸ Um dos textos que tornou Alessandra conhecida na bloguesfera foi por uma história a qual ela chamou "A saga do primeiro beijo". Ela nunca chegou a finalizar a história, mas vendeu os direitos e em breve vai ser publicada em livro.

³⁹ Publicado em 21.12.2005. Disponível em:

3.3.1 O corpo na escrita feminina

Durante anos, a mulher que refletisse sobre o próprio corpo e sexualidade era considerada um ser devasso ou mesmo doente (ENGEL, 2006). Sexo era para ser pensado apenas como um meio para ter filhos. Por conta disso mesmo nas escritas privadas, e supostamente secretas, a mulher não era estimulada a escrever sobre sexo. Mesmo após a revolução feminina, com a adoção de pílulas anticoncepcionais – que separou sexo de reprodução – essas práticas antigas não mudaram tão rapidamente.

Na pesquisa de Maria José Mota Viana (1995) ela mostra que, em muitos dos diários de mulheres escritos no século XX, o corpo é calado, quando se fala de relações afetivas elas são sempre expostas tendo como bases os laços “espirituais”. Ao passo que a socióloga Luiza Lobo (2007) fez uma pesquisa com *weblogs* femininos e constatou que muitos deles têm como tema principal o sexo – no entanto, a maioria é anônimo, como era o de Alessandra.

Apesar disso, a escrita íntima muitas vezes se mostrou ser um ambiente propício para se falar do corpo, especialmente com os escritos que se encaixam no novo diário do século XX e naqueles feitos após a eclosão do movimento feminista na década de 1970.

Nos relatos de Bárbara ela não conta detalhes sobre a vida sexual, mas também não silencia (o único trecho do diário em que ela escreve com mais pormenores sobre uma relação sexual é o supracitado trecho fictício). Tanto que, quando fala de seus relacionamentos, os classifica como “relações afetivo-sexuais”. Além disso, ela não utiliza eufemismos ou artifício para deixar subentendido que ela fez sexo.

Tomamos uma cerveja e ele me deixou no ap. de Luís. Resolvi ficar para conversamos ... Acabamos brigando, mas ainda assim trepamos. E não foi bem, nem ruim, foi razoável. Aquele rapaz consegue me incomodar, quando quer. Não sei o que faço...⁴⁰

E conseguimos um clima razoável. Até senti muitas saudades de outros tempos – até mesmo costumamente como ele – e chorei, chorei... Numa certa hora ele também se comoveu e por motivos outros também chorou... Daí fomos para a casa e foi

http://www.alefelix.com.br/arquivo/2005/12/post_12.html.

⁴⁰ 15.12.1983

um inferno até convence-lo a treparmos e dormir sem outras ânsias... Domingo não foi um bom dia. Acordei por demais cética. E chata. Mas fomos ao 2001 tomar um chopp e depois quando íamos almoçar pintou uma amiga dele e já estava achando tudo apelação e resolvi vir embora... Tomara que tão cedo não nos encontremos... Interessante é que não consigo mais me comover com essa história... Na verdade sinto falta de um corpo pelo qual sinta desejo... Decidi que não encontro tão cedo com L. Não vale a pena. Já o sei.⁴¹

Por mais que Bárbara, muitas vezes, demonstre certa dependência afetiva em relação ao seu relacionamento, quando ela fala de sexo ela se mostra numa postura mais ativa. Nas poucas vezes em que discorre sobre ao assunto no caderno é deixado subentendido que o prazer sentido por ela é minimamente necessário para sua satisfação.

A escrita íntima privada foi um dos primeiros espaços onde a mulher também se pôde mostrar, inscrevendo o corpo, os desejos e as paixões – embora nem sempre tenham feito uso dos relatos íntimos para tais usos.

Ainda assim, foi através da escrita que a mulher teve a oportunidade de se impor pela primeira vez. Com o poder da palavra, ela pôde reconstruir a sua própria imagem, antes tão ambígua, difusa em lendas e mitos de sociedades patriarcais milenares e, posteriormente, até em supostas “verdades” científicas. A escrita abriu possibilidades para que mulheres mostrassem uma imagem complexa, multifacetada, mas não maniqueisticamente ambígua, como historicamente foi representada, ora sendo santa, ora sendo demônio.

Partindo do pressuposto de que o relato íntimo pode ser uma ponte para estabelecer um maior conhecimento de si, na escrita a mulher também pode lidar melhor com as próprias complexidades, os desejos e os sentimentos, e parar de ver-se representada como Eva ou Maria.

Foi exatamente para aceitar sentimentos e desejos o porquê de Bárbara decidir enveredar pela escrita íntima. “Acho que comecei a escrever pra não enlouquecer... Não tinha grana pra psicoterapeuta e queria me sentir à vontade com meus sentimentos, desejos, etc.”⁴² Aceitar os desejos é também aceitar o corpo, é aceitar as próprias loucuras e, ao mesmo tempo, buscar algum tipo de lucidez.

⁴¹ 19.12.1983

⁴² Afirmação concedida em entrevista por e-mail no dia 21.05.2007

No caso de Alessandra, cujo primeiro *weblog* tratava de sexo, ela começou a escrever numa tentativa de aplacar a tristeza. Na época, ela diz que se sentia a pessoa “mais assexuada do mundo”, compartilhar com leitores seus contos sexuais fantasiosos – ou não – era uma forma de se sentir mais viva, e com uma vida sexual mais ativa. Como se o olhar do público legitimasse o viver intenso.

Porque estava triste e me sentindo a mulher mais assexuada do planeta. E os blogs eram a minha cara. Um amigo me obrigou a parar tudo que eu estava fazendo e me mostrou como funcionava a ferramenta, o esquema dos comentários, troca de links, etc. Foi amor a primeira vista, mas o primeiro blog falava sobre sexo. :-)⁴³

Cabe um questionamento: por que ao expor seu nome e sua imagem, através de fotos, ela passa a se esquivar de falar sobre a sexualidade. Não que o corpo e o desejo sejam silenciados no *weblog* de Alessandra, mas certamente ela fala de forma bem mais sutil do que o ciberdiário voltado para falar em sexo. Pode-se argumentar que ela apenas deseja preservar a privacidade. Mas numa sociedade onde o público e privado se interpenetram cada vez mais, por que somente a sexualidade entra no âmbito do que pode ser preservado do privado? Afinal, Alessandra expõe outros detalhes da sua vida que não são relacionados a sexo. Por que as mulheres ditas “respeitáveis” são aquelas que não se entregam a essa cultura narcisista, através de revelações sobre a sexualidade?

Talvez porque mesmo após trinta anos da revolução feminista, ainda há rastros de (auto)censuras e silêncios frente ao corpo. Ainda existem entraves internos e externos que dificultam as mulheres de falarem abertamente sobre sexo.

Alessandra conta que é preciso ter coragem para tornar o seu *weblog* um espaço onde ela pode ter uma voz que não teria cotidianamente. “É difícil administrar realidade, ficção, metáforas, opiniões e sentimentos em um blog onde, entre as pessoas que lêem, estão algumas que te conhecem pessoalmente.”⁴⁴ Ainda assim, com todos os silêncios e auto-censuras há espaço no ciberdiário onde ela fala sobre sexo.

⁴³ Declaração dada em entrevista feita por e-mail no dia 27.05.2007.

⁴⁴ Declaração dada em entrevista feita por e-mail no dia 27.05.2007.

Utilizando uma linguagem leve, bem humorada, própria de muitos *weblogs*, ela aborda sexo – o bom sexo – como algo estimado. Além de não desvincular os chamados amores carnavais e espirituais.

Ouvi dizer que algumas mulheres gozam de encharcar tudo. Soltam um jatão igual ao dos meninos. Desde quando? Que mulher? Um amigo meu disse que já viu isso acontecer. Eu duvido. Do jeito que ele é meio nó cego, confundiu um xixizinho básico com uma ejaculada. Mas se isso for verdade... Por quê não eu? Por quê? Droga. Também quero.⁴⁵

Apesar de habituais silêncios, os *weblogs* femininos se configuraram como um espaço onde os temas relacionados a desejos carnavais são constantemente debatidos mesmo que sob o disfarce do anonimato. Não é à toa que o ciberdiário brasileiro mais repercutido é o de Bruna Surfistinha, onde pormenores dos seus programas eram contados. Não é à toa também que, ao assumir o seu nome verdadeiro, Raquel Pacheco, a blogueira se calou frente a sua sexualidade – preferindo fazer juras de amor ao novo companheiro. Mas de qualquer forma, escondidas sob o anonimato – ou não –, as identidades que reconhecem a sexualidade e a discutem no espaço coletivo dos *weblogs*, já participam um ato de transgressão. Numa sociedade ainda arraigada em preconceitos, onde “aqueles quem se dão ao respeito” devem amordaçar o corpo, só o descrever o desejo de se ter orgasmos é uma ação desafiadora de convenções.

Essa retomada do elo da intimidade perdida permite inventar um discurso novo, próprio e independente da barreira dos estereótipos e comandos sociais. A necessidade de reagir contra o antigo, contra o patriarcal, levou muitas mulheres nos seus blogs a autoconfissão e aos resgates das memórias pessoais, o que também reflete a memória política de seu tempo, criando uma nova história de mentalidades. A tela que brilha não leva só a uma catarse pessoal, mas também a um processo de compreensão do mundo através da rede infinita da escrita. (LOBO, 2007, p 67)

⁴⁵ Texto publicado no dia 21.10.2002. Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/10/ejaculacao_feminina.html

3.3.2 Escrever para questionar e incorporar valores

Qualquer tipo de escrita é uma forma de comunicação. Mesmo as que se prendem em um único papel e ficam trancadas dentro de um armário velho. Bárbara insiste que não escrevia os cadernos para ninguém ler – nem ela mesma. A diarista começou a escrever os cadernos para organizar seus sentimentos e colocá-los em perspectiva.⁴⁶ Ainda que o diário ficasse para sempre trancado, no momento em que foi escrito, ele serviu como ponto para que a autora estabelecesse o diálogo com as suas próprias questões.

Já Alessandra escreve em seu *weblog* apenas quando sente vontade de dividir algo. Quanto sente tristeza, dúvidas, raiva, amor ou simplesmente quando tem algo interessante a dizer. Ela relata que, quando escreve no ciberdiário, sente como se estivesse conversando e não escrevendo, como se a linguagem utilizada fosse oral. Isto revela o caráter informal da escrita diarística. No entanto, com o diário *online* oficial, Alessandra fica na encruzilhada entre o desejo de se comunicar com os outros e o medo da exposição.

Escrevo quando estou triste, quando a idéia me parece boa, quando estou confusa, quando estou indignada, quando me sinto sozinha, quando estou secretamente apaixonada. Caso contrário não sai muita coisa não. Me arrependo de ter um blog onde assino com meu nome verdadeiro e tem a minha cara estampada. Queria um blog secreto hoje em dia. Um que eu pudesse falar (engraçado ter escrito falar... no blog não me sinto escrevendo, sempre me senti falando) à vontade sem me preocupar se estaria magoando ou não outras pessoas.⁴⁷

Mas tanto no caso de Bárbara, quanto no de Alessandra, a escrita se revela como instrumento para se comunicar, se mostrar e se impor – para si mesma ou para um determinado público. Desta forma, os relatos íntimos também abrem caminho para que Bárbara e Alessandra estabeleçam questionamentos interna ou externamente em relação a valores socialmente construídos.

Algumas das vezes em que Bárbara relata suas saídas à noite em Campina Grande, ela não cala sua indignação frente ao tratamento que

⁴⁶ Afirmação feita em e-mail enviado no dia 21.05.2007

⁴⁷ Afirmação feita em entrevista feita por e-mail e respondida no dia 27.05.2007.

recebe de determinados homens, por ser uma mulher e sair sozinha. Questionando as atitudes de determinados homens, frente à idéia de que mulher não pode sair sozinha, ou não acompanhada.

Ontem acabamos – eu e Elisa – dando um rolé pela city. Decididamente: Campina não é uma festa. E os homens (machos) são uns débeis mentais: simplesmente é impossível duas mulheres saírem à noite “sem dono”. As opressões das mais sutis as mais violentas. O C.E.U é um inferno e o bar da UFPB (Care) é um saco.⁴⁸

Ontem pelas dez da noite saí para encontrar com Luís e tudo foi um desencontro: o guarda do Museu me informa que o filme acabou há muito... Saio de lá e vou fazendo a ordinária via crucis pelos bares... Quando ia em direção ao Sótão, ali pela Afonso Campos,; três simpáticos cavalheiros resolveram seguir-me e insultar-me... Cheguei “ílesa” ao Sótão... Mas vários sentimentos me dominaram: raiva, medo, nojo... Era esse nível que o homem queria atingir em sua busca?

Já no *weblog* de Alessandra, ela incorpora algumas convenções que estabelece papéis naturais para homens e mulheres.

Eu tenho a impressão de que, na ânsia de fazer e acontecer, nós fazemos os meninos se sentirem menores. E homem que se sente menor não é bom. Um homem sem poder, sem objetivos, sem poder caçar é um homem morto. Não espere que ele cuide de você se você é uma mulher maravilha e não tente tirar isso dele. Deixe ele ser homem em paz; é assim que eles precisam se sentir, mesmo se o seu saldo bancário for maior que o dele.⁴⁹

Com a mesma veemência – ou talvez maior – com que a blogueira considera tais convenções naturais, ela questiona e critica alguns dos valores os quais serviram como base para a sua criação: casar-se, ter um lar, ter filhos, sucesso financeiro etc. Ao longo do ciberdiário, ela demonstra diversas vezes indignação com as pessoas que cobram a maternidade dela, mostrando que se considera muito mais do que apenas

⁴⁸ 22.10.1983

⁴⁹ Publicado em 27.11.2002. Disponível em:
http://www.alefelix.com.br/arquivo/2002/11/wc_unisex.html

um ser destinado a reprodução. Ela diz que teve sorte por ter um espírito rebelde, que não a deixou se impregnar por tais convenções. E ainda se questiona o porquê de ter aderido, em parte, a esses costumes. O que torna seu discurso bastante contraditório.

Dizem que toda menina tem o sonho de casar. Casar de véu, grinalda, com flores nas mãos, igreja cheia, noivo penteadinho e cheiroso esperando no altar, montes de amigas morrendo de inveja e lua de mel no Caribe. Tinha até uma brincadeira que as meninas do primário faziam para descobrir como seria o casamento... (...) No meio a gente colocava a idade que queria casar; nas linhas do lado esquerdo, os nomes de três paqueras; nas do lado direito, os lugares para uma inesquecível lua de mel; em cima o seu destino financeiro: "R" de rica, "P" de pobre e "M" de milionária; por último, era só colocar embaixo, a quantidade de rebentos que o casal teria: 1, 2 ou 3. (...) E foi assim que eu cresci, no meio de um universo feminino extremamente forte que impregnava a minha alma com idéias de lar, família e sucesso financeiro. Minha sorte foi uma rebeldia natural que eu nunca entendi de onde veio. Apesar de todo o complô para que eu dessejasse o kit-felicidade, existia um desejo muito mais forte que dizia: 0,0,0 para filhos, foda-se se eu for pobre, lua de mel é para quem casa virgem e eu não vou casar, vou no máximo morar junto. Depois disso ganhei uma bicicleta do meu pai e parei de brincar de rabiscar o destino. Não é que o meu plano rebelde funcionou, mesmo assim? Quer dizer, mais ou menos, apesar de morar junto há muitos anos, eu e o marido⁵⁰ temos uma escritura de declaração de união estável. Aí, você me pergunta: que diabos é isto? E eu lhe digo: é culpa dessas minhocas que me enfiaram na cabeça a vida inteira, misturadas com TPM e falta do que fazer.⁵¹

As opiniões fortes e contraditórias de Alessandra correspondem com a própria definição que ela faz de si, no início do ciberdiário. “Tenho sempre grandes idéias e convicções, mas todas elas mudam o tempo

⁵⁰ É dessa forma que ela se refere ao marido.

⁵¹ Publicado em 04.01.2003. Disponível em:

http://www.alefelix.com.br/arquivo/2003/01/joselito_caribe_3_filhos_e_ric.html

todo.” Pode-se explicar essa representação de uma identidade baseada em convicções fortes e, paradoxalmente, flexível, pela valorização da individualidade, que institucionalizou uma constante necessidade de mostrar-se em público como um indivíduo autêntico. Alessandra, em sua auto-representação, parece não querer se encaixar em nenhum rótulo, para sempre ter liberdade de mudar seus julgamentos.

Transgredindo ou se integrando, na escrita íntima é aberta a possibilidade para se relatar, para romper com o silêncio de outras mídias frente aos anseios e às preocupações de cada mulher. Mesmo quando o relato se fecha no âmbito privado, ele se mostra como um meio para dialogar com os próprios desejos e sentimentos. Um lugar para impor-se e tornar-se agente ativo desse tipo de comunicação. No ciberdiário, essa comunicação se abre a um número imenso de potenciais leitores, que também não assumem um papel passivo, pela interatividade própria do ciberespaço e pela influência deste na construção da memória.

Se a publicação sistemática de memórias femininas, que ocorreu a partir da década de 1970, não respondeu à necessidade de comunicar-se em função da circulação restrita de livros no Brasil (VIANA, 1995), a internet – mesmo também sendo restrita no país – parece propícia para funcionar como espaço de comunicação do íntimo, exatamente pela interatividade instantânea do meio.

Pública ou privada, a autoconfissão – apesar de ser imbuída de censuras internas e externas – é uma oportunidade que essas duas mulheres têm de se porem no centro e mostrarem suas identidades e contradições, destruindo – e, as vezes, reconstruindo – mitos novos e antigos sobre a quase mística “natureza feminina”. Apresentando-se de forma complexa e revelando muito sobre a auto-representação da condição feminina em dois suportes tão diferentes.

Considerações finais

Os caminhos percorridos por esta pesquisa revelam a importância da escrita frente às construções identitárias femininas. Foi, justamente, no início da ebulição dos relatos diarísticos, no século XIX, a época em que houve as primeiras manifestações das lutas pelos direitos das mulheres na história moderna do mundo ocidental. Ainda que os diários fossem secretos e esquecidos com o passar dos anos, o período também marcou o tímido início da incursão de mulheres na publicação de livros ou jornais.

A coincidência entre o início das manifestações de mulheres e as primeiras publicações de obras femininas demonstra a proximidade entre a escrita e a reivindicação da mulher de uma identidade própria, não mais ancorada em arquétipos mí(s)ticos ambíguos da figura feminina. E o diário íntimo tem o potencial de cumprir essa missão, pois é uma escrita onde a mulher pode ser protagonista e agente da história.

Ao mesmo tempo, o diário é privado. Pode-se questionar qual a importância da escrita de si e da construção de novas identidades, se o destino do diário pode ser um armário velho, a fogueira ou o esquecimento. Mas, ao longo dos anos, assistiu-se a diversas publicações de livros de memórias. E, mais recentemente, o espaço das novas tecnologias se reapropria das antigas tradições da escrita de si, transformando o que era estritamente privado, *a priori*, numa escrita publicamente em construção.

Tendo como base o diário de Bárbara e o *weblog* de Alessandra, além do amparo das fundamentações teóricas supracitadas, é clara a diferença da produção de memória, quando a tinta e o papel são substituídos por um teclado e uma tela de computador, e as letras se materializam publicamente, para qualquer pessoa que tenha acesso ao ciberespaço.

Tempo, suportes e vidas diferentes tornam inviável uma comparação entre a escrita de si privada e a *on line*.

Mas insisto em sublinhar a importância de se observar a construção das auto-representações nos dois suportes para buscar compreender algumas das razões pelas quais um gênero caracterizado pelo segredo se adapta tão bem a uma ferramenta pública e, principalmente, analisar as identidades femininas inscritas nesses dois tipos de gêneros memoria-lísticos.

Os diários surgiram num período em que havia uma emergência cada vez mais forte da individualidade humana. Individualidades que emergiam circunscritas à crescente privatização da vida. Mudanças estruturais, econômicas, arquitetônicas etc, favoreceram a privatização do sujeito, especialmente daqueles com maiores condições financeiras – que também eram os que tinham o acesso à escrita.

Os *weblogs* nasceram num contexto de uma ainda mais forte valorização das peculiaridades de cada pessoa, numa época em que questões coletivas perdiam a força e a individualidade torna-se tão forte que passa a ser comum assistir a uma exacerbação da própria “autenticidade” em público, daí a popularidade dos ciberdiários. Essa busca de autenticidade pode ser vista no *weblog* de Alessandra Félix, onde a autora assume uma identidade flexível em constante transformação e desta forma acaba não se enquadrando em nenhum dos ideais coletivos de classe, gênero ou etnia, tão *démodé* numa época em que a individualidade parece ser tudo.

Então surge a pergunta: como a escrita de si, especialmente a *on line*, pode ser, ao mesmo tempo, um meio para a auto-afirmação de identidades femininas e uma ferramenta tão fechada nas peculiaridades das autoras, a ponto de a escrita ignorar pontos que antes localizavam socialmente o indivíduo como as questões de gênero?

Seria simples afirmar que *weblogs* e outros fenômenos da contemporaneidade são produtos de um narcisismo alienante e os diários antigos, por não participarem publicamente, ao menos de forma imediata, de palcos de representações narcísicas, seriam ferramentas mais “dignas”. Assumindo uma postura contrária, mas não menos simplória, poderia dizer que os ciberdiários são ferramentas libertárias, pois, ao contrário dos diários secretos que encerravam as autoconfissões no âmbito pri-

vado, a mulher transgride ao expor em público questões ainda vistas como tabu, como a sexualidade.

Mas a realidade se mostra bem mais complexa do que afirmações simplistas. O que procurei enxergar no trabalho são os usos das potencialidades tanto do diário quanto do *weblog* por duas mulheres.

O diário de Bárbara encerra suas angústias no âmbito do secreto, no entanto, o caderno, mais do que um instrumento para contar segredos, funciona como um meio de aceitação de desejos e sentimentos. E mesmo que as palavras permanecessem para sempre trancadas nos cadernos, o fato de ela buscar a aceitação das próprias contradições e anseios já mostra que aquela escrita afetará as atitudes futuras da autora e, portanto, o diário não serve apenas para trancar, eternamente, as angústias descritas por Bárbara. Aceitando os questionamentos e desejos, já é uma forma dela levar o que escreve secretamente para as ações cotidianas.

Já o *weblog Licor de Marula com Flocos de Milhos Açucarados*, onde Alessandra muitas vezes assume uma postura narcísica, demonstra ser mais do que um palco de representações individualistas. Não se pode esquecer o caráter coletivo com o qual o ciberdiário é construído, por estar inserido num meio onde há uma sociabilidade inerente, e é na autenticidade individualista e na suposta abertura frente aos leitores que a blogueira fará parte de uma comunidade no ciberespaço. É exatamente o caráter de construção coletiva que não torna o *weblog* uma ferramenta tão libertária, onde a mulher pode ser ela mesma. Os olhares vigilantes podem inibir os relatos de comportamentos mais descompromissados. Sem contar que, “ser ela mesma” não implica, necessariamente, em libertar-se da visão arquetípica da imagem feminina. Como foi demonstrado, no caso de Alessandra, ela tanto questiona quanto incorpora alguns dos valores naturalizados como femininos.

É impossível desvincular a escrita de si do individualismo. Portanto, mesmo quando privada, ela também representa uma espécie de narcisismo, onde o papel é o lago que refletirá a imagem da autora. A publicização dos relatos íntimos em ciberdiários ocorre não somente pelas possibilidades ofertadas pelas tecnologias, mas também pelas novas formas de sociabilidade que se desenvolvem nos dias atuais. Vale ressaltar que a prática da escrita *on line* não inibe a escrita de diários secretos, o que demonstra serem esses dois gêneros de relatos de si di-

ferentes. Se os *weblogs* fossem apenas versões modernas dos diários, a escrita dos relatos cotidianos sob a forma privada estaria restrita àqueles sem acesso à rede.

Mas como a escrita de si, narcísica por natureza, pode ir além da simples exacerbação do “eu”, para reivindicar para mulher uma identidade diferente do que é comumente veiculado em nossos mitos antigos e modernos? Não se pode subestimar a importância da vida privada e das questões íntimas para as formações identitárias femininas. Não é à toa que uma das lutas dos movimentos feministas foi ter trazido para a esfera política as afetividades e subjetividades das mulheres, demonstrando que esses âmbitos podem dizer muito sobre a condição feminina.

As palavras, os silêncios, os esquecimentos, as pequenas mentiras e as ficções revelam muito sobre as duas mulheres cujas escritas foram estudadas neste trabalho. Mais importante do que as próprias revelações é o poder que as duas tiveram de tecer as próprias representações – mesmo, às vezes, imbuídas de (auto)censuras e conceitos limitantes. Para a mulher, a quem o poder da palavra é historicamente tão negado, ter a possibilidade de tecer a própria história, em público ou não, é também ter o poder de aceitar-se, de questionar-se e de impor a própria visão sobre a condição feminina.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Emanuel. *A arte da sedução sexualidade feminina da colônia* In. DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006
- BRASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In. DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 12ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT ,Ana Chrystina Venancio (orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Ed. Mulheres, Florianópolis, 2000.
- CUCHE, Denys. *Cultura e Identidade*. In *A Noção de Cultura em Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 1999.
- DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006
- DIDIER, Béatrice. *Le Journal Intime*. Paris: PUF, 2002.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2005.

- DUBY, Georges. *História da vida privada 2 – Da Europa Feudal à Renascença*; tradução de Maria Lúcia de Albuquerque. São Paulo: Companhia das letras 1992.
- DUBY, Georges e BRAUNSTEIN, Philippe (1992) – *A emergência do indivíduo*. In. DUBY, Georges. *História da vida privada 2 – Da Europa Feudal à Renascença*; tradução de Maria Lúcia de Albuquerque. São Paulo: Companhia das letras 1992.
- ENGEL, Magali. *Psiquiatria e Feminilidade*. In. DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006
- FONSECA, Cláudia. *Ser mulher, mãe e pobre*. In. DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006
- FREYRES, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1946.
- GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- GOFFMAN, E., *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985
- GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GONÇALVES, Andréa Lisly, *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HABERMAS, Jürgen *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa*; tradução de Flávio R. Kothe – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2001.
- D'INCAO, Maria Ângela, *Mulher e família burguesa*. In. DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006

KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1996.

KAHLO, Frida (compilação de Marta Zamora)- *As cartas apaixonadas de Frida Kahlo*. Rio de Janeiro: Editora. José Olympio, 2002.

LASCH, Christopher. *Culture of Narcissism: American Life in An Age of Diminishing Expectations*. New York, London: W.W. Norton Company, 1991.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, André, *Cibercultura. Alguns pontos para compreender nossa época*. In. LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é Virtual?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles & CHARLES, Sebastian- *Tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarrola, 2004

LOBO, Luiza. *Segredos Públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social : Elementos para uma análise marxista*. - 8. ed. – São Paulo: Cortez, 1992.

MORLEY, Helena. *Minha Vida de Menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

MUZART, Zahidé Lupinacci. De navegar e de navegantes. In. CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Ed. Mulheres, Florianópolis, 2000.

- PERROT, Michelle.(org) *História da Vida Privada. V4. Da revolução francesa à primeira guerra.* São Paulo. Companhia das letras. 1992
- POSSAS, Liana M. Vianna. *Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado.* In GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, Escrita da História.* Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- SCHIWY, Marlene. *A Voice of Her Own - Women and the Journal Writing Journey.* New York: Fireside, 1996.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SENNETT, Richard *O Declínio do Homem Público. Tirantias da intimidade.* Cia. das Letras, São Paulo, 1998
- SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade.* São Paulo: Annablume, 2001.
- TELLES, Norma. *Escritoras, Escritas, Escrituras.* In. DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Editora Contexto, 2006
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a Modernidade: um teoria social da mídia.* Petrópolis: Vozes, 2002.
- VIEIRA JÚNIOR, Antônio Otaviano. *Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780 – 1850).* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine. Memórias de mulheres.* Belo Horizonte: UFMG, 1995.

Artigos acessados pela internet

LEMONS, André. *A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet*, trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Comunicação. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18835/1/2002_NP8lemons.pdf. Acesso 15.06.2006

MEUCCI, Arthur; MATUCK, Artur. *A criação de identidades virtuais, através das linguagens digitais*, trabalho apresentado no NP08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18835/1/2002_NP8lemons.pdf. Acesso 17.06.2006

OLIVEIRA, Rosa Meire de Carvalho “*Cyberfeminismo x feminismo: o que as mulheres fizeram com os blogs da web?*”, Disponível no site: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/R/Rosa_Meire_Carvalho_de_Oliveira_36.pdf. Acesso em 23.01.2007

RUBIM, Ludinalva Silva Oliveira. *A representação feminina na TV ou a “namoradina” que virou mulher*, trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/5025/1/NP14RUBIM.pdf>. Acesso 15.04.2007

Dissertação de mestrado acessada pela internet

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalo de. *Diários Públicos, mundos privados: O diário íntimo como gênero discursivo e as transformações da contemporaneidade*. Dissertação defendida no Mestrado de Comunicação e Culturas Contemporâneas Facom UFBA, em fevereiro de 2002. Também disponível em URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf> Acesso em 26.10.2006

Livro acessado pela internet

WOLLSTONERAFT, Mary, *Vindiations for the rights of Woman*. Disponível em: <http://www.bartleby.com/144/12.html>. Acesso em 27.04.2007

Weblogs visitados

<http://www.alefelix.com.br>

Acesso em 28.04.2007

<http://www.brunasurfistinha.com/blogs/>

Acesso em 01.04.2007

<http://queimaoarrozjesus.blogspot.com.br/>

Acesso em 30.04.2007

<http://www.lacucaracha.blogspot.com.br>

Acesso em 30.04.2007

<http://peacetakcourage.com>

Acesso em 02.03.2007

<http://www.grupos.com.br/blog/a-vez-das-mulheres/>

Acesso em 20.04.2007

<http://cinderelaserebela.blog.terra.com.br/>

Acesso em 20.04.2007

Anexos

Entrevista com Alessandra Félix feita por e-mail e respondida no dia 27 de maio de 2007.

1. Antes dessa explosão dos *weblogs*, você já costumava escrever? Seja diários, contos ou poemas?

Quando garota (acho que por volta dos 13 anos) arranjei um namorado platônico, um vizinho bem mais velho que eu e lindo de morrer. Como nunca na vida arranjaria coragem pra dizer a ele o que sentia, comecei a colocar tudo no papel. No começo, eram textos semelhantes aos posts, mas sem a cara do diário porque eu tinha medo que minha família ou amigos lessem e soubessem o que estava acontecendo. Pra disfarçar um pouco mais o teor romântico e esconder um pouco melhor a situação, disse pra todo mundo que queria ser escritora quando crescesse e que, por isso, andava escrevendo daquele jeito.

Exagerei e escrevi um livro de verdade. Uma historinha boba de uma garota que vivia os dias de amor que eu idealizava.

Dei fim no livro depois de concluído, mas continuei escrevendo porque a mulherada da escola passou a não me deixar em paz. Uma colega de classe lia as coisas que eu escrevia nos cadernos e ficava falando alto como era tudo lindo e não sei mais o que. Aconteceu que a notícia rodou a escola e as meninas vinham bater na minha sala na hora do recreio pedindo textos, poemas, pedidos de desculpa, cantadas e coisas assim para os paqueras. Elas vinham, me contavam suas vidas e no dia seguinte eu entregava a parada. Era divertido no começo, mas depois do dia que uma aglomeração de menina louca se formou em frente a minha car-

teira, passei a cobrar. Aperfeiçoei a brincadeira com papéis de carta que eu mesma fazia e praticamente montei um dos meus primeiros negócios lucrativos. A vantagem foi que poupei meus pais da grana diária do lanche e do transporte. :-)

Depois disso, parei de escrever por volta dos dezessete anos porque entrei numa fase muito namoradeira e não dava pra perder tempo escrevendo. Sem contar que escrever, na maior parte dos casos, me deixa meio triste. Então, nem que houvesse uma bíblia entalada no peito, eu trocava as descobertas das festas e do sexo pela literatura.

Voltei a escrever só depois de casada, uns dez anos depois de ter parado. Culpa dos blogs, graças aos anos que passei segurando uma bíblia e um casamento no peito.

2. **Porque, num primeiro momento, você decidiu ter um *weblog*?**

Porque estava triste e me sentindo a mulher mais assexuada do planeta. E os blogs eram a minha cara. Um amigo me obrigou a parar tudo que eu estava fazendo e me mostrou como funcionava a ferramenta, o esquema dos comentários, troca de links, etc. Foi amor a primeira vista, mas o primeiro blog falava sobre sexo. :-)

3. **Como é sua relação com os leitores do *weblog*?**

De medo e paixão. O que sempre me atraiu nos blogs foi a interatividade. Acho que bem mais do que a possibilidade de colocar diariamente nossas bobagens pra fora. Eu leio tudo que comentam, entro nos blogs dos leitores, acompanho alguns, mas raramente troco contatos. Não por me achar a última bolacha do pacote nem nada disso, mas porque leitor de blog parece relação de amor e eu acho que sofro de algum tipo de medo de não corresponder as expectativas das pessoas. Porque eu conheço e sou facinha de fazer amizade, sabe? Aí gamo em todo mundo, fico querendo ser amiga pra sempre e depois não dou conta da história toda. Sou eternamente grata a todos os leitores dos blogs que eu já tive e tenho. Eles me salvaram de tristezas cotidianas, do fim do meu casamento, das minhas crises de estima e, mesmo eu rosnando, alguns ainda salvam. Eu devia agradecer pessoalmente a muita gente, mas ainda tô aprendendo a ser uma pessoa

normal, que tem amigos, faz amigos, responde e-mails e essas coisas todas.

4. Você pode detalhar mais sobre o processo de escrita do *weblog*. Quando você escreve quando acha que tem algo interessante a dizer para os seus leitores ou para desabafar sentimentos e opiniões pessoais?

Eu tenho uma preguiça gigante de escrever. E não gosto. Pra piorar, não releio o que escrevo e saio postando sem pensar muito. Consequentemente, me arrependo com frequência do que foi escrito (pelo conteúdo, pelos erros, por piração) e depois fico louca pra apagar tudo.

Escrevo quando estou triste, quando a idéia me parece boa, quando estou confusa, quando estou indignada, quando me sinto sozinha, quando estou secretamente apaixonada. Caso contrário não sai muita coisa não. Me arrependo de ter um blog onde assino com meu nome verdadeiro e tem a minha cara estampada. Queria um blog secreto hoje em dia. Um que eu pudesse falar (engraçado ter escrito falar... no blog não me sinto escrevendo, sempre me senti falando) à vontade sem me preocupar se estaria magoando ou não outras pessoas.

5. Você acredita que o *weblog* é um espaço onde você poderia dizer o que você não diria cotidianamente para outras pessoas?

É, mas só se você tiver coragem. É difícil administrar realidade, ficção, metáforas, opiniões e sentimentos em um blog onde, entre as pessoas que lêem, estão algumas que te conhecem pessoalmente.

6. Você costuma reler os textos mais antigos do *weblog*? Qual a sua relação com esses textos e como é a experiência de ler sobre si mesmo?

Muito raramente. Uma vez tive que selecionar alguns posts pra uma revista e, por um triz, não deletei tudo. Acho todos eles de uma chatice sem fim. Sem contar os erros grotescos e a confusão de toda que sai sem filtro dessa minha cabeça. E não é falsa mo-

déstia. A vontade que me deu na época que li foi sair correndo em busca de uma vida menos medíocre.

7. Você acredita que o weblog também serve como ferramenta para um maior auto-conhecimento?

Acho. Quando se tem um blog é comum a pessoa parar no meio de situações cotidianas e pensar "Puxa, isso dá um bom post.". Esse processo faz a gente pensar e estruturar os fatos de uma forma que, talvez, não acontecesse sem o blog.

Mas acho que nem é só pelo processo de escrever na primeira pessoa. Os comentários fazem parte do processo de auto-conhecimento. Muitas vezes, entre leitores e autor de blog, a relação é muito parecida com a de terapeuta e paciente. E os papéis revezam dependendo do post. Já segui muito conselho de leitor.

8. Existe uma gradação no seu *weblog* sobre o que é ficção e a realidade. Pode-se dizer que a ficção também diz um pouco sobre você?

Totalmente. Diz bastante. Tanto que parte da minha família lê o blog e não consegue mais distinguir o que é uma coisa e o que é outra. Meu irmão diz que o blog me transformou no peixe grande de casa. É exagero, mas pode ser que o blog tenha esse poder. O que eu sei é que alguns parentes contam histórias que leram no blog como se fossem realmente casos da nossa família. E eu acho graça... Me divirto misturando tudo, tentando me reconhecer diante de um fato e tratando na terapia os que eu juro com os dedos descruzados que são a mais pura realidade. :-)

9. No começo do *weblog* você as vezes demonstrava um desconforto perante os leitores, o que gerava isso?

Necessidade de aceitação minha. Insegurança pura. O pior é que a maioria vivia me elogiando e aquilo pra mim era o mesmo que encher um bebe de beijo, sabe? Na verdade, acho que a melhor explicação é a que eu dei pra um moço que assustei uma vez: Acho que eu sou como um moleque de pré-escola quando está apaixonado por uma garotinha e que, ao invés de dar uma flor pra menina, taca-lhe a lancheira na cabeça. Quando gosto

muito de alguém sempre dou umas rosnadas, não tem jeito. É horrível e isso me faz mais mal do que bem, mas é assim que é. No fundo, no fundo, o que eu queria era poder conhecer todo mundo... Só não sabia como lidar com aquilo. Aí era mais fácil fazer cara feia e rezar pra sobrar alguém que não tivesse medo de careta.

10. Você acha que seria diferente caso você escrevesse no papel?

Totalmente. O que é escrito no blog é difícil à bêça de ser passado para o papel. Mesmo quando é feito com esse intuito. Comecei a escrever um post chamado "A Saga do Primeiro Beijo" despretensiosamente, acabei não conseguindo terminá-lo em um post só, e ele virou uma febre no começo dos blogs porque a garotada adorava. Até hoje não terminei a história porque vendi os direitos dela pra publicação e não consigo adaptá-la ao papel. O final se tornou o menor dos meus problemas, estou tendo que reescrever tudo.

11. A reposta dos leitores em relação ao *weblog* te influencia no que você vai escrever?

Alguns leitores me inspiram e acabam me dando idéias pra escrever outras coisas. Já chorei uma porçao de vezes lendo comentários... Não lembro de nenhuma influencia ruim. Só um rapaz que descobriu no começo do Amarula com Sucrilhos que eu era a autora de um blog de contos eróticos (meu primeiro blog). Na época, eu fiquei morrendo de vergonha, tirei o blog do ar e disse num post do amarula que haviam descoberto minha identidade secreta, mas que eu havia eliminado as provas. :-) Só voltei a escrever contos eróticos (que é a única coisa que sempre me diverte) recentemente.

12. Você sente – ou já sentiu – necessidade de atualizar o *weblog* frequentemente?

Antes não, hoje em dia sim. E muita. Quero ter um diário... Nada além disso. Quero poder falar da vida, das pessoas, sem me preocupar com o que os outros vão pensar. A merda é que não tem como a gente ignorar as pessoas que a gente ama com esse tanto

de exposição. Tem que ter uma cabeça muito da boa pra não viajar na maionese diante de um post e pirar com os comentários que podem deixar. É difícil, mas tenho conversado com meus amores e tentado convence-los de que só vai doer se eles igorarem a história verdadeira ao invés das pessoas e de uma possível alterada na realidade.

13. Já se arrependeu de ter escrito ou exposto algo muito pessoal no *weblog*?

Direto! Mas não há nada que um botão de delete não resolva. ;-)

Entrevista com Bárbara por e-mail respondida no dia 21 de maio de 2007:

1. **Queria que você detalhasse como era o processo com o qual você escrevia esse diário. O que te fazia escrever: alguma novidade que acontecesse na sua vida e que você quisesse objetivar essa nova memória no papel, ou simplesmente você escrevia quando tinha necessidade de expor algum sentimento?**

Acho que comecei a escrever pra não enlouquecer... Não tinha grana pra psicoterapeuta e queria me sentir à vontade com meus sentimentos, desejos, etc. Na verdade, nem pensava em psicoterapeuta porque havia tido uma péssima experiência com uma psiquiatra dois anos antes. Dois ou três anos antes de eu começar a escrever aquele diário, Eduardo morreu. Alguns meses depois, eu pirei e fui parar numa clínica psiquiátrica. Luis era o meu primeiro namorado depois do episódio da loucura. Era um carioca inteligente, gentil e bonito. Acho que namoramos uns dois anos e o relacionamento começou a se acabar. Comecei a escrever os diários nesse período porque sempre relacionava a minha crise psicótica com o final de um outro namoro... Eu escrevia porque não me sentia à vontade pra dividir ninguém certos sentimentos... Acho que às vezes, eu nem chegava a fazer grandes confissões ao diário... mas começar a escrever, seja lá o que fosse, já me fazia sentir melhor...

2. Você teve sempre o costume de escrever os diários? Continua a escrever?

Sempre tive o costume de sonhar... e, além dos trabalhos de escola, escrevia alguma coisa, um poema, um artigo de jornal, um conto. A partir de 1984 é que comecei a escrever diários...e nunca mais parei... Escrevia menos quando os meus filhos eram pequenos, ou quando estava mais envolvida com a escrita de alguma tese, trabalho científico, conto ou poema.

3. Você acredita que esses cadernos também servem como ferramenta para um maior auto-conhecimento?

Sim, claro. Como também faço psicoterapia, sei que é uma ferramenta bastante específica... Mas gosto de dizer que o que me salva é a escrevinhação... Pra mim não escrever é igual a morrer...

4. Você acredita que aqueles cadernos é um espaço onde você poderia dizer o que você não diria cotidianamente para outras pessoas?

Sim e não. Os cadernos “esqueciam” o que eu escrevia, não me cobravam depois... Os cadernos eram ótimos porque estavam sempre ali...

5. No diário você fala muito sobre o fim de um namoro. Você acredita que o diário serviu como para atenuar o que você sentia na época?

Serviu para eu organizar meus sentimentos... Coloca-los em perspectiva.

6. Você acha que existe um grau de ficção nos seus diários? Você acha que a ficção de certa forma também diz algo sobre você?

Não sei... Talvez haja muita poesia, mas eu não sei ficção... Talvez, teria que reler o diário ao qual você se refere.

7. Você costuma ler os diários novamente depois de anos de escrito? Qual a sensação que você tem?

Não me lembro de ter relido esses daí... Mas as vezes leio algumas paginas dos que estão nos arquivos do computador.

8. **No diário, você escreveu uma carta para Eduardo, que já havia falecido. Qual era a sua relação com ele? Escrever a carta no diário foi uma forma de se sentir mais próxima dele?**

Eduardo foi uma alma-gêmea platônica que tive o privilégio de cruzar durante a minha adolescência. Amigo-irmão, éramos carne-e-unha e ele me ensinou coisas demais sobre a vida e a literatura.

9. **Você costumava compartilhar as suas escritas no caderno com outras pessoas?**

Não. Mas, certa vez, minha amiga Elisa quis ver e achou tudo muito besta... Mas a sua opinião não me incomodou ou desestimulou a escrever... Eu queria escrever besteira mesmo... Queria escrever qualquer coisa...

10. **Qual a sua relação com as suas memória hoje em dia. O que elas dizem sobre a pessoa de 20 anos atrás?**

Não me lembro o que há nos diários que vc leu... mas, há alguns anos, uma amiga me entregou umas 20 ou 30 cartas que eu havia escrito para ela no período entre 1985 e 1993 e eu fiquei comovida... Sei lá, me achei firme, sincera, carinhosa, madura, profundamente preocupada com as pessoas próximas e com as pessoas em geral... O destino da humanidade e outros problemas filosóficos e sociais. Não sei, toda vez que “me” releio, sinto um carinho enorme por aquela sabedoria e inocência.

E-mail enviado à Bárbara para esclarecer algumas das questões da entrevista.

Oie Bárbara,

Obrigada por ter respondido tão prontamente. Se você tiver tempo, eu só queria esclarecer duas dúvidas: As datas dos diários são do final de 1983, e você diz que começou a escrever em 1984. Esse foi o seu primeiro diário?

Quanto a pergunta: 7: Você acha que existe um grau de ficção nos seus diários? Você acha que a ficção de certa forma também diz algo sobre você?

Eu fiz porque tem um trecho do caderno que não está relacionado com o resto dos escritos, e para mim, pareceu algo que realmente não aconteceu, até porque você mesmo coloca questionamentos se o que está escrito ali é real ou não.

Eu estou enviando em anexo com esse trecho, para se você puder me responder, saber se há um grau de ficção do relato e se ele diz algo sobre você.

abraços

Raquel Thomaz

Resposta de Bárbara

Oi Raquel,

Você tem razão... Não é real; é uma ficção pobre... Eu e Luís tínhamos finalmente acabado o namoro e todo mundo ficava o tempo inteiro cobrando outro namorado... Aí inventei esse cara aí, de João Pessoa, pra Elisa parar de me encher o saco. Eu estava viajando quase todo final de semana pra JP nesse período...Tinha que ser um cara inacessível, enigmático, etc. Escrevi nos diários apenas porque se ela pegasse meus diários e não visse nada sobre "ele"... ela desconfiaria que era uma mentira... Mas, como você mesma percebeu, eu não o insiro no meu cotidiano de escrevinhações... Alguns meses depois ela descobriu que era "mentira" e ficou puta e começou a achar que eu era "doida" mesmo... Mas, enfim, somos "amiguíssimas" até hoje e ela está vindo me visitar aqui, daqui a dez idas, para irmos juntas ao Festival de Blues....

A minha forma de pensar na vida escrevendo era escrevendo cartas, não diários... Escrevi outras anotações que se perderam em cadernos que foram jogados fora pelas minhas irmãs "arrumando tudo"... Os primeiros diários, mais sistemáticos, foram esses que você tem... eu acho, de 1983 e não 1984, como eu pensei...

Acho que a ficção diz muito sobre mim... ou sobre o que quero ser... Mas acho que nos diários exploro mais os fatos da vida mesmo... Às vezes conto como se de terceiros histórias e impressões que minhas... Mas em geral falo do que estou sentindo no momento que escrevo. A propósito sempre escrevo muito quando os meus namoros se acabam... Mas não tenho coragem de lhe enviar diários de quando acabou o meu

namoro com Felipe⁵², em 2001, porque tem muita coisa íntima e eu não tenho tempo de censura-lo...

Insisto, não escrevo pra ninguém ler, nem eu mesma. Mas meu ex-marido estava lendo-os escondido quando estávamos terminando o casamento... em 1999... e aí fiquei por um tempo meio com medo de escrever sobre as coisas do cotidiano... Quer dizer, criei uma password pros meus diários... Eles eram "trancados à chave"...

Um abraço,
Bárbara

⁵² Nome Fictício